



Paola Oliveira da Fonseca

**O EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA-ENSINO:  
Representações de estudantes sobre o espaço vivido no bairro Icaivera, na  
escola e na Educação Física**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, junto a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – NEAD/UNESP, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Meily Assbú  
Linhales

Belo Horizonte

2023



F676e Fonseca, Paola Oliveira da  
2023 O exercício cartográfico na pesquisa-ensino: representações de estudantes sobre o espaço vivido no bairro Icaivera, na escola e na educação física. [manuscrito] / Paola Oliveira da Fonseca – 2023.  
181 f.: il.

Orientadora: Meily Assbú Linhales

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 134-139

1. Educação física – Teses. 2. Educação física – Estudo e ensino – Teses. 3. Escolas – Teses. 4. Ensino fundamental – Teses. 4. Percepção geográfica – Teses. I. Linhales, Meily Assbú. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 371.73

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: n° 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA/MP

UFMG

## ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA PAOLA OLIVEIRA DA FONSECA

Realizou-se, no dia 30 de maio de 2023, às 14:00 horas, Auditório Maria Lúcia Paixão, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *O EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA-ENSINO: Representações de estudantes sobre o espaço vivido no bairro Icaivera, na escola e na Educação Física*, apresentada por PAOLA OLIVEIRA DA FONSECA, número de registro 2021654839, graduada no curso de EDUCAÇÃO FÍSICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO FÍSICA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Meily Assbu Linhales - Orientador (UFMG), Prof(a). Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz (UFMG), Prof(a). Claudio Marcio Oliveira (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.  
Belo Horizonte, 30 de maio de 2023.

Prof(a). Meily Assbu Linhales ( Doutora )

Prof(a). Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz ( Doutora )

Prof(a). Claudio Marcio Oliveira ( Doutor )



Dedico este trabalho às comunidades dos bairros Icaivera, em Contagem e Icaivera, em Betim. Aos estudantes da Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz que participaram desse estudo, colaborando de forma criativa, significativa e transformando o cotidiano da escola e a minha formação.

Em especial, dedico à Zara, Vandeca, Flavinha, Ohana, Aline e Nathalie, que pelo exemplo e perseverança, me encorajaram a seguir com os estudos.



## AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares pelo amor e resiliência nos momentos de ausência. Com carinho, agradeço ao Leo pelo companheirismo e pela parceria. De modo especial, agradeço à minha mãe Solange e ao meu pai Delfino, pelo exemplo de garra e perseverança, onde cada qual a seu modo me ensinou a importância da educação e batalhou para que eu tivesse oportunidade de estudar.

Às amigas e aos amigos, agradeço por toda vibração positiva para que o mestrado se tornasse uma realidade; pela compreensão diante das minhas falhas e ausências; pelo amor que compartilhamos e que torna a vida mais linda, abranda as dificuldades, os desafios e dá sentido à saudade e o bem querer que sentimos!

Aos colegas de trabalho da Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz que apoiaram e tanto colaboraram no curso da pesquisa.

Aos professores e aos colegas do Mestrado Profissional, por fazerem parte dessa trajetória, contribuindo grandemente na minha formação profissional e pessoal. Em especial, agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. MeilyAssbúLinhales pela seriedade e sensibilidade com que tratou os meus limites, também pelo incentivo e entusiasmo com que reconheceu o meu potencial.

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora, por ter vida e saúde para usufruir esta oportunidade, de compartilhar experiências, adquirir conhecimentos, e oxalá que possa inspirar outras pessoas a ir mais longe, seguir com os estudos e fazer o seu melhor!



## RESUMO

A escola, como parte desse território povoado pelos estudantes, pelos professores e por toda a comunidade escolar, convive com diferentes perspectivas, geradas a partir das experiências usufruídas no período regular das aulas ou fora dele. No contexto das aulas de Educação Física, os espaços ocupados na escola correspondem tanto às obrigações quanto ao desejo de um tempo para livre fruição de práticas esportivas, jogos, brincadeiras e da relação entre os sujeitos ali implicados. Diante destas diferentes expectativas, o presente estudo buscou refletir sobre a articulação entre a Educação Física e as experiências dos adolescentes no tempo livre, compondo a teia de representações entre os sujeitos, o espaço e as aulas, dentro do espaço escolar. Foi realizada uma pesquisa-ensino, junto aos estudantes do oitavo ano do ensino Fundamental na Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz, situada no bairro Icaivera, em Betim/MG. Durante os encontros, ao investigar o cotidiano desses adolescentes dentro e fora da escola foi possível mapear o território constituído a partir dos usos e representações associadas às obrigações e ao tempo livre dos estudantes. A cartografia foi empregada como recurso metodológico, que correspondeu tanto à representação geográfica do território do Icaivera, quanto à utilização de diferentes técnicas no mapeamento das representações dos estudantes associadas ao tempo livre neste território. Os mapas, fotografias, desenhos e textos produzidos, somados aos relatos do caderno de campo, foram analisados a partir dos eixos tempo livre, Educação Física e espaços escolares, em articulação com elementos conceituais do referencial teórico que auxiliaram na reflexão sobre a relação entre a juventude e o ambiente, na formação da sua identidade; sobre o tempo livre, como “espaçotempo” vivido e desejado, no interior da escola ou fora dela e sobre o lugar das aulas de Educação Física. Ao longo da pesquisa-ensino, o produto educacional foi desenvolvido em duas fases: A primeira etapa correspondeu ao evento escolar intitulado Planejamento Participativo, onde as propostas formuladas pelos estudantes para usufruto do tempo livre na escola foram apresentadas, discutidas e votadas. A segunda etapa correspondeu ao registro do percurso de pesquisa e do Planejamento Participativo, por meio de uma edição especial do jornal escolar Estação Icaivera.

**Palavras-chave:** Escola. Espaço Escolar. Educação Física. Tempo Livre. Território.



## ABSTRACT

The school, as par to this territory populated by students, teachers and the entire school community, coexists with different perspectives, generated from the experiences enjoyed during the regular classes or not. In the context of Physical Education classes, the relationship between the subjects and the classroom spaces includes school obligations and demands of time for free enjoyment of the relationship with classmates, practice of sports and games. Faced with these different expectations, the present study sought to reflect on the articulation between Physical Education and the experiences of adolescents in their free time, composing the web of representations between subjects, space and classes, with in the school space. A teaching-research was carried out with students of the eighth year of elementary school at the Municipal School Maria Elena da Cunha Braz, located in the Icaivera neighborhood, in Betim/MG. During the meetings, when investigating the daily life of these adolescents inside and outside the school, it was possible to map the territory constituted from the uses and representations associated with the obligations and free time of the students. The cartography was used as a methodological resource, corresponding both to the geographic perspective of representing a territory through maps, drawing and photographs, and to the production of knowledge in the exercise of mapping representations about recognized spaces for the enjoyment of free time. The cartographic was used as a methodological resource that corresponded to the geographic representation of the Icaivera territory and the use of different techniques in mapping the students' representations associated with free time in this territory. The maps, photographs, drawings and texts produced, added to the reports in the field notebook, were analyzed from the axes of free time, Physical Education and school spaces. These elements were articulated with concepts presented in the basic theory, helping to reflect on the relationship between youth and the environment, in the formation of their identity; about free time, as lived and desired "spacetime", inside or outside the school, as well as about the place of Physical Education classes. From the research-teaching, the educational product was created in two phases. The first corresponded to the school event entitled Participatory Planning, in which proposals made by students to enjoy their free time at school were presented, discussed and voted on. The second referred to recording the research path and Participatory Planning, through a special edition of the school newspaper Estação Icaivera.

**Keywords:** School. School Space. Physical Education. Free Time. Territory.





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Desenhos referentes aos locais de usufruto do tempo livre de duas estudantes da turma 80A.....	84
Figura 2 -	Desenhos referentes aos locais de usufruto do tempo livre de dois estudantes da turma 80A.....	85
Figura 3 -	Desenho referente aos locais de usufruto do tempo livre de um estudante da turma 80C e a ampliação do registro referente à escola.....	86
Figura 4 -	Desenhos produzidos por estudantes das turmas 80B e 80C onde a EMVJFA foi citada.....	88
Figura 5 -	Desenho referente aos locais de usufruto do tempo livre de uma estudante da turma 80A.....	89
Figura 6 -	Desenho de um estudante da turma 80C.....	91
Figura 7 -	Desenho referente aos locais praticados e desejados para usufruto do tempo livre por uma estudante da turma 80C.....	92
Figura 8 -	Imagem em 3D do mapa produzido por meio do <i>Google Earth</i> incluindo todos os dados inseridos pelas três turmas.....	104
Figura 9 -	A quadra da EMMECB.....	111
Figura 10 -	Parte externa da quadra da EMMECB, em frente aos vestiários.....	112
Figura 11 -	Parte externa da quadra da EMMECB, em frente aos vestiários.....	114
Figura 12 -	O pátio em frente ao portão de entrada.....	116
Figura 13 -	O auditório.....	118
Figura 14 -	Fotos dos cartazes de divulgação do Planejamento Participativo da EMMECB no corredor da escola.....	128
Figura 15 -	Fotos do evento: Planejamento Participativo.....	129



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b>	Rotina das manhãs durante a semana.....	<b>66</b>
<b>Quadro 2-</b>	Rotina das tardes e noites durante a semana.....	<b>69</b>
<b>Quadro 3-</b>	Rotina durante os finais de semana e observações.....	<b>75</b>
<b>Quadro 4-</b>	Compilado das respostas: territórios imaginados.....	<b>101</b>
<b>Quadro 5-</b>	A quadra.....	<b>111</b>
<b>Quadro 6-</b>	Área externa da quadra.....	<b>113</b>
<b>Quadro 7-</b>	Pátio em frente à sala da direção.....	<b>114</b>
<b>Quadro 8-</b>	Pátio em frente ao portão de entrada.....	<b>116</b>
<b>Quadro 9-</b>	Auditório e corredor.....	<b>118</b>



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AVA	- Ambiente Virtual de Aprendizagem
CEMEF	- Centro de Memória da Educação Física do Esporte e do Lazer
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
EEFFTO	- Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
EMMECB	- Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz
EMVJFA	- Escola Municipal Vereador José Ferreira de Aguiar
Fem	- Feminino
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Mas	- Masculino
MG	- Minas Gerais
OBMEP	- Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
PPP	- Projeto Político Pedagógico
PROEF	- Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
TALE	- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	- Tecnologia da Informação e Comunicação
TV	- Televisão
UFMG	- Universidade Federal de Minas Gerais
WWW	- <i>World Wide Web</i>



## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2.</b>	<b>CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>24</b>
2.1.	Mirar o território.....	24
2.2.	Múltiplos olhares sobre os estudantes.....	27
2.3.	O tempo livre.....	31
2.4.	O “espaçotempo” escolar.....	33
2.5.	A Educação Física e seus “arquipélagos de lugares” .....	36
<b>3.</b>	<b>TRILHAS DO PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>40</b>
3.1.	A paisagem.....	41
3.2.	A leitura da paisagem: formas de observar, descrever, viver e sentir.....	44
3.2.1.	Vivenciando a paisagem: A pesquisa-ensino.....	45
3.2.2.	Mapeando as relações: A cartografia.....	47
3.2.3.	Descrevendo a paisagem: os registros e as imagens.....	50
3.3.	Mergulhando na paisagem: O percurso no campo.....	52
<b>4.</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS: O TERRITÓRIO DO ICAIVERA E NELE, A ESCOLA.....</b>	<b>58</b>
4.1.	Apresentação da pesquisa.....	58
4.1.1.	Os estudantes e seu envolvimento com a pesquisa.....	59
4.1.2.	Apresentação da pesquisa aos familiares responsáveis.....	62
4.2.	Investigando concepções e espaços relacionados ao tempo livre dos estudantes.....	64
4.2.1.	Conhecendo o cotidiano dos estudantes: Quadro de Rotinas.....	65
4.2.1.1.	Durante a semana: as manhãs.....	66
4.2.1.2.	Durante a semana: as tardes e as noites.....	69
4.2.1.3.	Os finais de semana.....	75
4.2.1.4.	Debate sobre o tempo livre.....	79
4.2.2.	Mapas e desenhos.....	82



4.2.2.1.	Os desenhos.....	82
4.2.2.2.	Apresentando Ferramentas Digitais – os mapas.....	92
A.	O que você queria que o Icaivera “mudasse”?.....	98
<b>5.</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS: O ESPAÇO ESCOLAR E NELE, A EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>	<b>105</b>
5.1.	O tempo livre na escola.....	105
5.2.	Territórios imaginados no espaço escolar.....	108
5.3.	A relação entre as aulas de Educação Física e o tempo livre.....	119
5.4.	Avaliação da Educação Física e da pesquisa-ensino.....	123
5.5.	O planejamento participativo.....	127
<b>6.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>131</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>135</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>141</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>156</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Sou professora de Educação Física em duas escolas municipais, localizadas na divisa entre municípios de Betim e Contagem, no estado de Minas Gerais. Apesar das escolas estarem em cidades distintas, os bairros possuem similaridades que vão além do nome em comum – Icaivera. É possível reconhecer a partir dos usos que as pessoas fazem dos espaços ao viver, trabalhar, estudar, transitar pelas duas escola, pelos dois bairros, elementos que conferem unidade, os tornam um lugar em comum. Os sentidos e as representações acerca dos bairros Icaivera, produzidos pelas pessoas que ali vivem, extrapolam os limites entre os municípios, permitindo associá-los à ideia de um território. Ao reconhecer tais relações e descrever o Icaivera como um território que emerge a partir do espaço praticado pelas pessoas, outros bairros da região somam-se a esta trama de relações como, por exemplo, o Parque do Cedro, cuja infraestrutura de comércio, saúde e educação são precárias e se encontram ainda em processo de desenvolvimento.

Por se situar distante dos centros urbanos e fazer parte da periferia das duas cidades, o território do Icaivera e seus moradores convivem com as negligências em relação aos direitos sociais. Deste modo, a escola, além de ser um espaço onde o direito à educação se materializa, absorve demandas relacionadas a outros setores como o lazer, alimentação, proteção da vida, entre outros. Tais ausências não resumem as relações entre as pessoas e os lugares, pois é possível perceber como a escola e as aulas também se constituem ambiente de aprendizagem e trocas, onde é possível ensinar, conversar, rir, fazer amigos, brigar, brincar e viver.

Neste contexto, sobre os tempos e aos espaços das aulas de Educação Física, recaem diferentes representações relacionadas às expectativas dos professores, estudantes e de toda a comunidade escolar, associadas ao esporte, saúde, bem estar, tempo livre, entre outros. Como professora, faço parte desta trama de relações a partir da materialidade das aulas de Educação Física que ocupa o espaço escolar e outros lugares nos bairros, estabelecendo interações com os estudantes, seus familiares, e demais membros que compõem a comunidade escolar. Todo este contexto me forma e me provoca a investigar os sentidos atribuídos aos espaços e a atuar, seja através das escolhas e das ações político-

pedagógicas, seja na relação com as pessoas, para buscar a transformação e a melhoria deste lugar.

Com o intuito de ampliar a reflexão sobre a minha condição docente e as práticas pedagógicas a partir do campo acadêmico, ingressei no ano de 2021, no Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF), pólo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Este período coincidiu com um evento de dimensões mundiais, quando no dia 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) caracterizou a Covid-19 como uma pandemia<sup>1</sup> e recomendou o distanciamento social como medida de biossegurança entre outras medidas sanitárias como a desinfecção de ambientes e o uso de máscaras.

A relação entre as universidades e comunidades acadêmicas sofreu mudanças significativas, como distanciamento entre as pessoas durante o período de isolamento social, por exemplo. As disciplinas do mestrado foram realizadas em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e em atividades virtuais síncronas, contexto inédito para todos nós. Fomos aprendendo na medida em que construímos esse “inédito-viável”<sup>2</sup> e assumimos juntos, o compromisso de mudarmos a nós mesmos dialeticamente, mudar o mundo e sendo por este também mudado (FREIRE, 1992).

Durante a pandemia, seguir com a formação por meio das disciplinas, aulas, partilha de experiências com os professores e com os colegas foi importante e significativo, pois ajudava a relembrar e reascender as dúvidas, as curiosidades que faziam parte do cotidiano das escolas e que andavam esquecidas em decorrência do distanciamento e isolamento social imposto pelo momento pandêmico. Constituímos uma turma de mestrandos, oriundos de realidades muito diversas (redes diferentes, cidades e estados diferentes, experiências profissionais e acadêmicas plurais), aprendendo e refletindo juntos, mediados pelo computador e por celulares.

Com a chegada das vacinas contra a Covid-19 no Brasil, a partir de março de 2021 e a gradual vacinação da população, as regras de isolamento social sofreram

<sup>1</sup> Discurso de abertura do Diretor-Geral da OMS na coletiva de imprensa sobre COVID-19 - 11 de março de 2020. <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>, acesso em 05/11/2022.

<sup>2</sup> Maria Araújo Freire (1992), também conhecida como Nita Freire, apresenta nas “Notas finais” de Pedagogia da Esperança, a explicação do termo inédito-viável utilizado por Freire na obra Pedagogia do Oprimido.

alterações. Como consequência, algumas disciplinas puderam ser realizadas de modo presencial, o que foi uma alegria pela possibilidade do encontro físico (por estarmos vivos, com saúde e vacinados), e pela partilha de conhecimentos. Trocamos muitas experiências sobre os desafios que se apresentavam na retomada das atividades presenciais nas escolas, sobre as marcas que a experiência da pandemia imprimia em nós e na educação; sobre o currículo, o ensino (ou a ausência dele), as relações entre professores e estudantes, o uso de tecnologias, entre outros temas que, de um modo geral, serviram para acrescentar significativas reflexões à pesquisa e melhor compreender as consequências da experiência do isolamento social e seu impacto na relação dos estudantes com os espaços da escola e das aulas de Educação Física.

Ao escrever a primeira versão do projeto de pesquisa, minha proposta foi fazer uma investigação relacionada ao currículo em Educação Física, inspirada por experiências positivas referentes ao contexto da Rede Municipal de Contagem, tendo o bairro Icaivera como paisagem do estudo. Porém, a partir dos debates e leituras desenvolvidos nas aulas da disciplina Seminários de Pesquisa em Educação Física, aliados aos diálogos de orientação, me senti instigada a repensar o projeto de estudo. Minayo (2009), ao referir-se à pesquisa, destaca que nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido em primeiro lugar, um problema de vida prática.

Ao refletir e repensar sobre as minhas práticas, optei por outra direção para a pesquisa. Ao lembrar dos tempos e espaços das minhas aulas na Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz (EMMECB) com tensões e conflitos entre professores e estudantes, motivados pela divergência entre objetivos, representações e usos dos espaços escolares, dentro e fora das aulas, ainda que em um contexto distante das práticas presenciais, me senti motivada a investigar e a refletir sobre a importância da relação dos estudantes com os espaços escolares das aulas de Educação Física<sup>3</sup>.

Os espaços da escola contêm diferentes representações que emergem das relações entre as pessoas e delas com o lugar. No cotidiano das aulas, acontecem

---

<sup>3</sup> A Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz, faz parte da rede de ensino do município de Betim, em Minas Gerais. Possui 841 estudantes matriculados, segundo o Censo Escolar 2021. Oferece os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental no período diurno a Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas etapas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental no período noturno.



tensões em que os estudantes reivindicam usos que se articulam com as experiências e sentidos associados ao seu tempo livre e confrontam as rotinas e os objetivos da escola<sup>4</sup>.

Na EMMECB trabalho com estudantes dos anos finais do ensino fundamental e percebo que as aulas de Educação Física materializam as tensões. O local onde a aula ocorre antecipa usos e significados institucionalmente construídos, pois, ao propor uma aula na quadra, uma série de expectativas e subjetivações emerge; ao propor uma aula na sala, tantas outras expectativas se frustram, seja em função do aprendizado que o espaço da sala impõe, pela arquitetura ou usos que se constituem a partir daquele lugar, antes mesmo da aula iniciar. Por acontecerem em diferentes espaços escolares, as aulas de Educação Física tendem a ser confundidas com tempo livre, atividade de recreação ou recreio.

Como professora de Educação Física, considero que qualquer espaço escolar é passível de uso para que corresponda à intenção de promover experiências educativas significativas e de qualidade. Os espaços que antecipam sentidos e representações podem e devem ser ressignificados com esta finalidade, tal como uma quadra poliesportiva corresponde ao ensino das modalidades esportivas nela circunscritas, quanto a outros conteúdos como as danças, ginásticas, jogos e brincadeiras ou, ainda, diferentes atividades como festas, festivais, rodas de conversa, saraus, entre outros. Outro exemplo é a sala de aula, que pode propiciar práticas que não se reduzam à leitura e escrita, mas que ressignificam este ambiente e possibilitam outras aprendizagens. Espaços de passagem como os corredores da escola também podem compor um ambiente estimulante e formativo, fomentando, através de instalações, murais e cartazes, a leitura de imagens e a correlação entre diferentes textos. Enfim, o ambiente escolar é plural e os espaços podem potencializar a experiência de conhecer e aprender, dentro e fora das aulas de Educação Física.

Os estudantes, como sujeitos da comunidade escolar, fazem parte dessa trama de relações, ocupando e ressignificando espaços a partir de vários

---

<sup>4</sup> O termo “tempo livre” aqui adotado refere-se ao tempo associado ao descanso, ao estado de ócio, de repouso, de liberdade, para o sujeito social criar e/ou fazer o que quiser. Segundo Lopes (2004), é um tempo fora das obrigações pessoais, que sobra depois de ter satisfeito todas as necessidades. Este tempo podem se situar em diferentes lugares no território, como o ambiente doméstico, em espaços de trânsito e passagem como as ruas, ou ainda coabitando espaços institucionais que correspondem a outras finalidades.

referenciais. As experiências no ambiente escolar não se submetem ou se restringem às proposições curriculares, sejam elas expressas no currículo básico ou materializadas no currículo oculto<sup>5</sup>: Os estudantes ampliam a experiência, reivindicam tempos, espaços e sentidos que promovam maior interação social entre os jovens e deles com a escola.

A escola como um dos espaços que compõem o território do Icaivera, se constitui pelas rotinas e ações no tempo das obrigações e fora dele nos diferentes modos de ocupá-la. Os estudantes atribuem sentido a lugares dentro e fora do horário das aulas, extrapolam e transgridem as experiências preestabelecidas.

A fim de melhor compreender a perspectiva dos estudantes sobre como estabelecem as relações e os limites entre as territorialidades da escola, da Educação Física e do tempo livre, me ocorreram às seguintes questões: Quais são os espaços de tempo livre que compõem a rotina dos estudantes? Qual a relação entre o tempo livre e a escola e como este se articula com os espaços escolares? Quais elementos da experiência e percepção sobre tempo livre dialogam com os espaços escolares? Nas aulas de Educação Física como a experiência de tempo livre e seus espaços se articula com o tempo e espaço das obrigações das aulas? Qual a compreensão de tempo livre dos estudantes?

A busca por responder a estas indagações se materializou na proposição de uma pesquisa-ensino junto aos estudantes do oitavo ano do ensino Fundamental, na EMMECB, mapeando suas experiências de tempo livre nos lugares reconhecidos por eles no território do Icaivera, investigando a relação entre espaços e tempos livres articulados com os espaços escolares e com as aulas de Educação Física.

Diante do advento da pandemia de Covid-19, estudantes e seus familiares que seguiram os protocolos de biossegurança, permaneceram em isolamento social e viveram mudanças que alteraram as relações entre as pessoas, suas rotinas, o uso e ocupação dos espaços coletivos (como a rua, a praça, a escola, entre outros) restringindo a circulação e interação entre as pessoas e delas com os lugares. De acordo com a pesquisa desenvolvida pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ): ConVid Pesquisa de comportamentos (FIOCRUZ, 2020), a grande maioria dos

---

<sup>5</sup> Segundo Apple (1982), o conceito de currículo oculto, difundido pelos autores da teoria crítica do currículo, é entendido como o que está por trás da ação educativa, mas não está explícito, ou seja: as normas e valores que são implícitas, porém efetivamente transmitidos pelas escolas e, habitualmente, não são mencionados na representação feita pelos professores dos fins ou objetivos.

adolescentes (71,5%) aderiu às medidas de restrição social, com 25,9% com restrição total e 45,6% em restrição intensa, saindo só para supermercado, farmácia ou casa de familiares.

O distanciamento social foi uma medida importante e eficaz para prevenção da Covid-19. Entretanto, os impactos das medidas de distanciamento e isolamento atingiram de forma mais forte as classes populares, especialmente, pela perda de emprego e renda, mas, também, em decorrência das já precárias condições de vida presentes em um contexto de desigualdade social que se agravaram na situação pandêmica (TONUCCI FILHO; PATRÍCIO; BASTOS, 2020).

Enfrentamos desafios e dificuldades que não imaginávamos um dia viver, que nenhuma experiência poderia nos preparar. A Covid-19 acometeu jovens, adultos, idosos e crianças. Segundo Malta (2021), ao investigar os efeitos do distanciamento social na vida dos adolescentes e das crianças, tem-se:

A separação dos entes queridos, dos amigos, dos professores, a perda de liberdade, a incerteza sobre a doença, as mudanças nas atividades de rotina, a falta de espaço físico em casa, aspectos ligados à piora financeira da família e a interrupção das aulas podem causar mudanças no comportamento e nos hábitos de vida, e provocar danos à saúde de crianças e adolescentes (MALTA et al, 2021, p. 2).

A Rede Municipal de Educação de Betim, durante o período mais crítico da pandemia, permaneceu em atividade remota. A atuação dos professores foi reduzida a um padrão de elaboração de atividades que eram encaminhadas e disponibilizadas pelas plataformas virtuais da Secretaria Municipal de Educação, ou impressas e ofertadas na escola para as famílias que não possuíam equipamento ou *internet*. Não havia levantamento quanto ao acesso dos estudantes, nem tampouco suporte para que realizassem as atividades em casa ou correção das atividades (as respostas eram encaminhadas na mesma plataforma). Não houve suporte com equipamentos ou tecnologias aos professores nem aos estudantes que viabilizasse a interação virtual síncrona. Foi um período de raiva, revolta, medo da doença e da morte, de isolamento, saudade do trabalho, das rotinas e das pessoas.

À medida que a vacinação contra a Covid-19 foi autorizada em jovens e crianças, as regras de isolamento social sofreram flexibilizações que permitiram a gradual retomada das atividades nas escolas. Em 2022, a cobertura vacinal mais ampla, menores índices de comprometimento grave e mortes por Covid-19

possibilitaram que as rotinas escolares fossem reassumidas com a presença de todos os estudantes nas aulas.

As consequências que a pandemia deixou na relação dos estudantes com as pessoas e os espaços escolares não permitiram uma retomada do ponto em que havíamos parado. Depois de quase dois anos de afastamento da escola e do convívio que este lugar propicia, foi necessário reaprender e reinventar a relação dos estudantes com a escola, com as aulas e com as pessoas neste contexto. A realidade se mostrou mais complexa do que havia suposto e as mudanças que ocorreram nas rotinas escolares acabaram impactando também esta pesquisa.

Como descrito por Corazza (2002, p. 3), foi necessário “desconstruir o que estava confortavelmente construído, estranhar o que sempre foi tão familiar, duvidar do que oferecia só certezas, suspeitar das verdades colocadas acima de qualquer suspeita”. Foi necessário revisar os objetivos da pesquisa em função dos impactos do isolamento social durante a pandemia; modificar os encontros do estudo em função da grade curricular da escola; reorganizar o grupo de estudantes envolvidos na pesquisa, entre tantas outras mudanças que demandaram novas escolhas. Esta pesquisa se fez em um percurso onde foram necessárias várias adequações.

Em minha leitura inicial, considerava haver uma centralidade do espaço escolar na experiência de tempo livre dos estudantes. No entanto, ao investigar suas rotinas em relação ao território do Icaivera, tornou-se relevante, tanto para mim quanto para os adolescentes envolvidos na pesquisa, ampliar a perspectiva e considerar as casas, ruas, praças, campinhos, estabelecimentos comerciais e os lugares por onde as pessoas passam ou se encontram. Uma das estratégias escolhida para mirar o bairro, a partir de outra perspectiva, foi o uso das ferramentas digitais do *Google Earth* e do *Google Maps*<sup>6</sup>. Com a utilização de tecnologias da informação e comunicação (TICs<sup>7</sup>) me foi possibilitado expandir a percepção sobre a

<sup>6</sup>As características do *Google Earth* como ferramenta digital destaca a capacidade de identificar lugares, construções, cidades, paisagens, entre outros elementos, por gerar mapas bidimensionais, de satélite e simuladores de paisagens por apresentar na sua interface um modelo tridimensional do globo terrestre, construído a partir de mosaico de imagens de satélite obtidas de fontes diversas, imagens aéreas (fotografadas de aeronaves) e GIS 3D (*Wikipédia, Google Earth, 2022*).

<sup>7</sup>Cada época histórica e cada tipo de sociedade possuem uma determinada configuração que lhes é devida e proporcionada pelo estado das suas tecnologias de informação e comunicação (TIC), reordenando de um modo particular as relações espaço-temporais, nas suas diversas escalas (local, regional, nacional, global) que o homem manteve e mantém com o mundo, e estimulando e provocando transformações noutros níveis do sistema sociocultural (educativo, econômico, político, social, religioso, cultural, etc.) (SILVA, 2001, p. 840).

complexidade que compõem o território do Icaivera, a partir da experiência de ensino e aplicação de recursos digitais.

O fato de a maioria dos estudantes não possuir em casa aparelhos como celular, *tablet*, computador ou *notebook*, nem acesso à *internet* de qualidade, comprometeu a expectativa de uma participação mais autônoma. A desigualdade no acesso à *internet* promove a exclusão digital de crianças e jovens das camadas mais empobrecidas da sociedade, comprometendo as oportunidades relacionadas à educação e ao seu desenvolvimento sociocultural. A desigualdade digital é mais uma face das várias outras já existentes no Brasil que acometem as periferias.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), por meio da pesquisa intitulada “Acesso à *Internet* e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal”, grande parte dos estudantes que não utilizou a *Internet* durante o ano de 2019, era oriunda do ensino público (95,9%). Alguns dos motivos para o não uso da *internet* estão associados às questões financeiras (45,9%), bem como a indisponibilidade do serviço nos locais que costumava frequentar (11,4%). O acesso à *internet* pelo celular foi identificado como o meio mais comum para os estudantes na rede pública. No entanto, apenas 64,8% possuem celular.

Na escola, ao acessar estas variáveis e observar o bairro por meio dos mapas em 2D e 3D, a percepção acerca do território que emerge da ocupação feita por parte das pessoas aguçou a curiosidade e estimulou a criatividade dos estudantes que relembavam ocupações de outros espaços e imaginavam possibilidades de novos lugares para o exercício de usufruto do tempo livre. Este exercício de imaginar, criar e reinventar é descrito por Corazza (2002) como *artistagem*:

Artistagem, de ordem estética, ética e política. Significada como ensinar-e-pesquisar, de modo criativo-inventivo-artístico, nas trilhas já traçadas, nos territórios aceitos, nas lógicas estabelecidas, nas epistemologias consagradas, nos sentidos fixados, nos desenhos já desenhados. (CORAZZA, 2002, p. 09)

O exercício de “*artistagem*” no território do Icaivera possibilitou aos estudantes, identificar lugares que extrapolam a experiência doméstica do tempo livre. Neste contexto, lugares do bairro como a escola se tornaram reconhecidos

como parte do território e seus espaços foram almeçados como lugar de encontro e experiências juvenis, dentro e fora das rotinas escolares.

Ao partilhar, junto aos estudantes, o exercício da pesquisa, foi possível inventar mudanças nas relações entre as pessoas, espaços e práticas, gerando conhecimentos sobre a experiência discente e docente. Neste processo, não buscamos consenso ou solução de conflitos, mas, sim, construir um amplo diálogo sobre as representações que coabitam o mesmo lugar, estabelecendo o estudo como uma pesquisa-ensino. Corazza (2002) relata acerca da pesquisa-ensino e suas contribuições:

Ela implode o sistema consensual das formas em que professores/as e alunas/os habitualmente compreendem, falam e escutam as linguagens pedagógicas e curriculares. Implosão de sentidos que, no mínimo, faz “saltar” o que estava ainda não-significado, o que era a - significante. Como sua principal tarefa política, esta pesquisa-ensino procura transformar o funcionamento da linguagem da Educação, na direção de modificar as suas condições de enunciação, fornecendo-lhe planos infinitos de possíveis. (CORAZZA, 2002, p. 8).

O espaço escolar, como paisagem, integra tanto o tempo livre quanto às obrigações e rotinas escolares. Ao olhar com atenção e investigar a escola e os espaços da Educação Física, a coincidência entre os lugares das aulas e as representações de tempo livre dos estudantes foram se tornando mais perceptíveis, bem como o modo com que os sujeitos envolvidos povoam esta paisagem a partir das relações que tecem. Neste caso, a cartografia superou a perspectiva geográfica relacionada ao mapeamento e registro, tornando-se uma escolha metodológica condizente ao estudo e à análise dos processos a partir de outros referenciais. Tendo em vista o método cartográfico, nos termos propostos por Rolnik (1989), pareceu-me coadunar com essa pesquisa.

A cartografia, segundo pensamentos geográficos, é a ciência e a arte de expressar graficamente, por mapas ou cartas, os variados aspectos de uma paisagem, superfície e/ou território. É importante esclarecer que o emprego de registros cartográficos se constitui como uma estratégia, um exercício que comporta a dimensão de saber-fazer. Nas ciências humanas, a cartografia diz respeito ao movimento de mapeamento de signos, rastreando suas formações, contornos de regiões de produção de sentido, tensões que divisam e instauram discursos, estratégias de enunciação e toda a significação que recorta um tempo e um lugar. Assim, ela acompanha as modulações que dão formas significativas às relações e afetos entre os homens (ROLNIK, 1989, p. 15).

Corroborando com esta concepção, Kastrup (2009, p. 42), ao tratar das especificidades do método cartográfico, descreve o “acionamento no nível das sensações” como uma característica da prática cartográfica. Com tal proposição, a cartografia consiste em acompanhar os processos que constituem uma realidade em constante construção e reconstrução, compondo, a partir de diferentes técnicas, estratégias e dispositivos à análise dos processos de produção de significados e saberes.

A análise em cartografia possui estreita relação com abordagens de pesquisa-ensino e intervenção que permitem a análise de implicação na pesquisa e, por conseguinte, a análise da participação. A paisagem que compõe o campo descrito nesta investigação é formada pela trama que entrelaça o mundo dos sentimentos e das relações mapeadas dos estudantes sobre o território do Icaivera, a escola, a Educação Física e o tempo livre.

Com base na contextualização apresentada, o presente estudo está organizado em seis capítulos. A introdução alia um breve memorial de percurso à apresentação da pesquisa. No capítulo referente às contribuições teóricas, três eixos norteiam a reflexão e estabelece, a partir de autores de diferentes áreas, uma ampliação de perspectiva sobre o território e a experiência humana ao ocupá-lo; os adolescentes e a sua relação com os lugares; sobre o tempo livre, vivido ou preterido; e acerca do espaço escolar e as aulas de Educação Física, na busca por melhor compreender a relações entre os sujeitos, o espaço e suas representações.

No capítulo intitulado Trilhas do Percurso Metodológico, foi apresentada a escolha por desenvolver uma pesquisa-ensino, cuja análise se inspira no método cartográfico. A análise dos dados foi dividida em dois capítulos. No capítulo de análise dos dados referentes ao território do Icaivera, é possível perceber os desafios enfrentados pela pesquisa-ensino ao iniciar os encontros das “aulas de projeto”, mapeando os espaços dentro e fora da escola e refletindo sobre a realidade cartografada. No capítulo de análise dos dados referentes à escola, o enfoque da investigação privilegia o espaço escolar e as aulas de Educação Física. Neste percurso, o desenvolvimento do produto educacional se constituiu em duas etapas. A primeira correspondeu a um evento escolar intitulado Planejamento Participativo 2023, em que as propostas formuladas pelos estudantes para usufruto do tempo livre na escola foram apreciadas por outros estudantes. A segunda etapa

correspondeu ao registro do percurso de pesquisa e das experiências partilhadas entre docentes e discentes, em uma edição especial do jornal da escola, Estação Icaivera<sup>8</sup>.

O último capítulo descreve as avaliações e considerações acerca do percurso do mestrado e da pesquisa, juntamente com os apontamentos e contribuições para a minha condição docente e práticas pedagógicas. Na sequência são apresentados o referencial bibliográfico, os anexos contendo documentos e materialidade do percurso investigativo e, por fim, os apêndices contendo os quadros de análise dos dados.

---

<sup>8</sup>O 'Estação Icaivera', jornal estudantil, nasceu na primavera de 2009, como um projeto da Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz, do qual participavam 31 alunos do 9º ano, e que tem como uma das principais motivações desenvolver no aluno o desejo pela escrita, pela pesquisa, pela leitura; isto porque parte deles participava de uma maneira pouco expressiva das práticas da cultura letrada. Muitos têm na escola, o único espaço onde lidam com livros, revistas, jornais, entre outros. Portanto, sempre foi claro para a escola que ela tinha que promover e fomentar, cada vez mais, esses momentos e torná-los, sempre, mais significativos. O pressuposto teórico que norteia as atividades entende a linguagem numa perspectiva dialógica da linguagem, ou seja, a língua é entendida como interação humana em situações concretas. [...] Como a concepção de linguagem que fundamenta o projeto é interacional, todo o trabalho foi desenvolvido a partir da concepção de letramento desenvolvido por Magda Soares em seus livros didáticos com os quais a Escola Maria Elena trabalha, e das 'Sequências Didáticas', elaboradas pela escola de Genebra e muito difundida e bem aceita no Brasil por utilizar os gêneros textuais e a reescrita como princípios norteadores do ensino de língua portuguesa". Fonte: <http://estacaoicaivera.blogspot.com/search/label/Apresenta%C3%A7%C3%A3o>, em 11/04/2023.



## 2. CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Ao investigar o cotidiano dos estudantes e as representações acerca do tempo livre nos espaços dentro e fora da escola, foi possível perceber o modo como eles povoavam o ambiente e as possibilidades desejadas, constituindo um território amplo, composto por lugares íntimos e particulares como suas residências ou casas de familiares, somados a espaços de convívio comum e coletivo, nas ruas, em outros bairros e cidades.

Ao analisar as relações entre os adolescentes e o território do Icaivera no uso do seu tempo livre, o presente estudo contou com a contribuição teórica de autores de diferentes áreas, o que permitiu ampliar a percepção sobre os espaços e o modo como a experiência humana o povoa; sobre os adolescentes, na relação entre a juventude e o ambiente, na formação da sua identidade; sobre o tempo livre, como espaçotempo vivido ou desejado no interior da escola ou fora dela.

A partir do diálogo estabelecido com este referencial, foi possível refletir sobre o modo como os adolescentes estabelecem os usos e representações dos espaços escolares, na articulação entre as experiências e concepções de tempo livre e o lugar das aulas de Educação Física.

### 2.1. Mirar o território

O modo com que os jovens experimentam os espaços onde vivem, interagindo e se encontrando pelos bairros, ocupam e geram, a partir dos seus percursos, trilhas que compõem um território. Segundo Certeau (1994, p. 163), “os jogos dos passos moldam os espaços, tecem os lugares”. Neste contexto, o território não se limita a uma única cidade ou bairro, mas se expande a partir dos deslocamentos, das pausas e ocupações inventadas pelos estudantes.

Neste cenário, reduzir a pesquisa ao bairro onde a escola se situa se mostrou insuficiente, sendo necessário incluir todo o “entorno vivido” pelos estudantes, admitindo-o como “local de uma troca, matriz de um processo intelectual” (SANTOS, 2020, p. 81). Ao analisar a relação dos adolescentes com o espaço de usufruto do tempo livre, os bairros e as cidades apresentaram-se como lugares que compõem a tessitura do território ocupado ou pretendido por eles, tal como sinaliza o autor:

Assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimas. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido pelo intermédio do próprio processo de viver. (SANTOS, 2020, p. 81)

Foi necessário extrapolar os limites geográficos do bairro e relacioná-lo com outros lugares dentro e fora da escola, onde os estudantes fazem uso dos espaços. Utilizamos neste estudo o nome território do Icaivera, como termo inspirado pelo conceito proposto por Santos (1999), que reconhece uma unidade constituída por diferentes lugares ocupados pelos estudantes em seu tempo livre:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 1999, p.8).

Neste estudo, compreendemos o território como um mosaico constituído por espaços oriundos de diferentes bairros e cidades, povoado de ações, intenções e representações orientadas pelos sujeitos que ali atuam. Dentro de uma abordagem humanista da geografia, Holzer (2014) cita a contribuição de Bonnemaison (1981), ao descrever a relação entre a territorialidade e os indivíduos:

A territorialidade de um grupo ou de um indivíduo não pode se reduzir ao estudo de seu sistema territorial. A territorialidade é a expressão de um comportamento vivido: ela engloba ao mesmo tempo a relação com o território, e a partir dele, a relação com o espaço 'estrangeiro'. Ela inclui aquilo que fixa o homem aos lugares que são os seus e o que está além do território, ali onde começa 'o espaço' (BONNEMAISON, 1981, p. 256 *Apud* HOLZER, 2014, p. 25).

A territorialidade surge a partir dos espaços e do modo como neles existem os indivíduos e os grupos. No território do Icaivera, do qual a escola faz parte, incluem-se bairros vizinhos como o Parque do Cedro e o Icaivera, em Contagem. Ao referir-se à vizinhança como ambiente importante à formação de características próprias dos sujeitos e dos grupos, tem-se:

Uma vizinhança envolve processos históricos de formação e de construções identitárias cujos limites quase sempre escapam às determinações oficiais das áreas, sejam elas bairros, setores censitários ou outra forma de agregação espacial (SOARES; RIGOTTI; ANDRADE, 2008, p. 123).

Para estudar um território é necessário considerar a dimensão singular das histórias que se encaixam e constitui um espaço coletivo, uma prática social. Para Certeau (1994, p. 184) “o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres”. A realização espacial do lugar se faz a partir das experiências vividas em uma paisagem física concreta.

As relações e representações dos estudantes acerca do espaço emergem da idealização e experiência neste lugar, a partir da vivência corporal do tempo livre ou nos lugares imaginados por eles como possibilidade para seu usufruto. Sobre a presença das pessoas significando os espaços, o geógrafo Miranda (2005) destaca:

Assim, penso que uma representação do espaço ou a representação de um espaço, e sua leitura/interpretação, em que estão ausentes os habitantes, as pessoas, os seres humanos que produzem socialmente esse espaço, trata de um *espaço viúvo da Geografia*, parafraseando Milton Santos [...] sobre uma geografia sem seu objeto, o espaço humano, o espaço geográfico (MIRANDA, 2005, p. 108).

Segundo Veiga-Neto (2002, p. 169) “o lugar corresponde a esse cenário particular, sensorial e imediato do espaço”. Mirar o território do Icaivera possibilita a identificação de espaços como a escola, onde as esferas do tempo de obrigação e do tempo livre se sobrepõem dentro e fora das rotinas das aulas, constituindo-se como lugar de encontro e experiências juvenis que conjugam aspectos individuais e coletivos, como se lê:

Os lugares são histórias fragmentarias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes com histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo (CERTEAU, 1994, p. 175-176).

Reconhecer a relação dos jovens com os espaços implica em refletir sobre a situação social e os sentidos atribuídos a este lugar e às pessoas que ali vivem. De acordo com Davila (2005, p. 15), “a situação social dos jovens nos remete à análise territorial e temporal concreta, sobre como os diversos jovens vivem e experimentam sua condição de jovens, em um espaço e um tempo determinados”.

Com base no exposto, ao refletir sobre a situação social dos adolescentes e sobre os territórios nas periferias dos grandes centros urbanos, as representações atribuídas às pessoas e aos lugares carregam “sentidos polissêmicos”, indicando

“processos ou espaços geográficos e sociais similares, tais como bairros populares, moradores de bairros populares, bairros pobres, e mesmo classes populares” (D’ANDREA, 2013, p. 10).

A privação aos espaços públicos insere a escola nesse território da experiência do tempo livre, contudo, numa dimensão precária voltada para reparar um problema social que se concretizou a partir da negação de direito ao tempo livre. Tal negação, por sua vez, é o reflexo de um projeto de cidade e cidadania que segrega os jovens menos favorecidos nas periferias. Nesse contexto, o território do lcaivera surge a partir da relação sensível entre os estudantes e os lugares, onde são externados seu potencial e ausências, o modo como vivem, idealizam ou transformam os espaços que constitui os aspectos da sua identidade que se expressam individual ou coletivamente neste ambiente.

Ao reconhecer a dimensão de territorialidade conferida aos espaços, torna-se necessário ampliar a percepção sobre a vida e identidade dos sujeitos envolvidos neste estudo. Para melhor compreender sua relação dos estudantes com o espaço, é necessário buscar elementos que auxiliem no entendimento sobre adolecer: como é ser jovem no território em que vivem?

## 2.2. Múltiplos olhares sobre os estudantes

Ao conhecer melhor os sujeitos da pesquisa, suas representações e descrições acerca dos espaços para o tempo livre em diferentes contextos sociais, a condição de estudante tornou-se apenas um aspecto de suas vidas, por isso, foi necessário considerar as outras experiências que compõem a identidade desses adolescentes. De acordo com Certeau (1994, p. 37) “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”.

Estes rapazes e moças são adolescentes em um contexto familiar, constituem parte de uma rede de relações entre amigos ou colegas, praticantes de alguma religião ou não, trabalhando em afazeres domésticos ou auxiliando suas famílias em comércios. Admitindo os estudantes participantes deste estudo como sujeitos sociais que produzem o espaço e, reconhecendo a pluralidade de representações sociais

que compõem suas identidades, se fez necessário buscar mais elementos para melhor compreendê-los.

Neste sentido, ao considerar os adolescentes envolvidos na pesquisa, não pretendo reduzi-los às dimensões biológicas ou cronológicas, nem remeter a aspectos estritamente psicológicos. Tampouco, desejo me orientar por representações que associam a juventude à indeterminação de quem não é mais uma criança e ainda não é um adulto. Generalizar a realidade juvenil ou homogeneizá-la a partir de uma perspectiva desconsidera a diversidade sob a qual esta fase é vivida e a pluralidade de expressões de juventudes, assim como descrito:

Devemos entender a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Enfim, podemos dizer que não existe um único modo de ser jovem, o que nos leva a enfatizar a noção de juventudes, no plural, para explicitar a diversidade de modos de serem jovens existentes. (DAYRELL, 2001, p. 4).

Reconhecer os adolescentes como sujeitos permite compreender a complexidade que constitui sua vida e envolve o seu cotidiano, ambientes, subjetividades e a pluralidade de expressões identitárias com as quais convivem e se reconhecem, sejam na escola, na rua, em casa, em igrejas ou templos, entre outros contextos. As formas de ser no mundo das juventudes se fazem situadas em um tempo e espaço, histórico e social, bem como sinalizado:

A compreensão da adolescência como uma construção histórico-social implica pensá-la como um conceito necessariamente plural, de tal forma que diferentes sociedades teriam conceitos diferentes e que, mesmo em uma dada sociedade, em um determinado momento histórico, haveria concepções diferenciadas de adolescente – segundo a classe social, a religião, a etnia, o gênero – concepções essas em permanente transformação (LOURO, 1996, p. 8).

O fato dos adolescentes envolvidos na pesquisa habitarem um território que coincide com a divisa entre dois municípios, limita o acesso e a oportunidade a experiências e bens culturais que compõem o direito social, uma vez que os equipamentos e espaços relacionados a estas vivências se concentram em regiões ou pólos dos centros urbanos, distantes das periferias. A este respeito, busca-se respaldo em Santos (2020), ao afirmar:

Em nosso país, o acesso aos bens e serviços essenciais, públicos e até mesmo privados é tão diferencial e contrastante, que uma grande maioria de brasileiros, no campo e na cidade, acaba por ser privada desses bens e serviços simplesmente por não existirem na área, às vezes não podem ser alcançados por questão de tempo ou de dinheiro (SANTOS, 2020, p. 139).

A segregação urbana a que estão sujeitados não se restringe a distância entre suas residências e os centros urbanos, mas, incorpora a esta condição, fronteiras simbólicas que isolam e marginalizam as pessoas e os lugares. Dayrell e Gomes (2009) alertam sobre a concepção reduzida e limitada de juventude, neste sentido:

A questão é que ao conceber o jovem de uma maneira reducionista, vendo-o apenas sob a ótica do problema, as ações em prol da juventude passam a ser focadas na busca de superação do suposto “problema” e, nesse sentido, voltam-se somente para os setores juvenis considerados pela sociedade, pela escola e pela mídia como “em situação de risco” (DAYRELL; GOMES, 2009, p. 5).

A interseccionalidade de fatores como gênero, etnia, raça, idade que conferem identidade a estes estudantes, se somam a aspectos socioeconômicos e geográficos relacionados aos jovens oriundos das periferias das cidades e acabam por submetê-los a preconceitos e estigmas.

Ao investigar o cotidiano de jovens que vivem na periferia das cidades, são percebidas as discriminações com as quais eles convivem, de serem vistos e tratados como um problema, associando-os à delinquência. Ao reconhecer o modo como os adolescentes vivem e como constituem suas identidades, a pesquisa pode dar visibilidade e voz aos sujeitos, rompendo com estas perspectivas limitadas e preconceituosas, assim como segue:

A partir do entendimento deste amplo conjunto de modificações na forma de conceber o ciclo juvenil na contemporaneidade, [...] objetivávamos vê-los tais como são, em suas relações e interações com o universo no qual estão inseridos e/ou pelo qual transitam, captando suas especificidades e construindo uma maior compreensão da forma como nossos sujeitos vivenciam esta etapa/ciclo de suas vidas (FELIZARDO JUNIOR, 2007, p. 15).

A adolescência é parte das transformações vividas pelos jovens no exercício da sua inserção social. Nesta conjuntura, as famílias, bairros e escolas atuam como contextos socializadores, conformando uma parte importante das identidades

juvenis. Para Carrano (2003, p. 149), as relações sociais da juventude se organizam a partir dos encontros, que ocorrem essencialmente “em torno dos gostos, amizades, afetos e relações comuns” e se associam a expressões como as artes, esportes, festas, entre outros.

Com relação à escola, é possível compreendê-la como espaço socialmente instituído numa condição privilegiada para o encontro entre os adolescentes. Além de se constituir como tempo e espaço de obrigações, pode ser reconhecida como o lugar onde a juventude é experienciada. Para Martins (2006):

As escolas contam com grandes possibilidades, em termo de espaço, nos vários campos de interesse: quadras, pátios, auditórios, salas, etc. devem-se considerar ainda seus períodos de ociosidade, em férias e fins de semana, e a existência que, pelo menos devia ocorrer, de vínculos com a comunidade próxima (MARTINS, 2006, p. 71).

A relevância da escola para os sujeitos deste estudo se dá a partir da concepção que os espaços escolares constituem lugares e territórios onde os adolescentes aprendem e se humanizam. Ao refletir sobre as dimensões esquecidas (vida, corpo, espaço e tempo), pode-se citar a seguinte consideração:

Somos obrigados a dar conta de questões inadiáveis: como os educandos vivem a vida, o corpo, os tempos-espaços; como os tratamos no ordenamento escolar; como sujeitos de vida, corpo, tempos-espaços, a que vivências são submetidos nos tempos-espaços escolares e extra escolar e sem todos tanto no turno como no turno extra, na totalidade de seu viver, na diversidade de tempos-espaços (ARROYO, 2012, p. 24).

Os estudantes ampliam a experiência a partir de tempos, espaços e sentidos que promovem maior interação social entre eles e, deles, com o ambiente. Além da escola, existem outros espaços onde “os jovens têm encontrado sua forma de estar-no-mundo, gerando práticas próprias, seguindo modas e padrões de consumo singulares, criando estilos e culturas” (FRANCH, 2000, p. 7).

Neste estudo, optou-se por investigar o tempo livre no cotidiano dos adolescentes, considerando os lugares onde o elo de relações entre os sujeitos é criado.

### 2.3. O tempo livre

O tempo livre é um fenômeno dinâmico e complexo. Ao mapear experiências dos estudantes e as diferentes interpretações, foi necessário investigar e melhor compreender a diversidade de representações sociais relacionadas a este fenômeno. Franch (2000) adverte sobre algumas dificuldades quando os estudos incluem o conceito de tempo livre:

Encontrar estudos sobre o tempo livre não é tarefa fácil. A maioria das abordagens existentes tem como foco principal o lazer, que é apenas uma das dimensões do tema proposto, embora as fronteiras entre um e outro permaneçam obscuras em grande parte dos trabalhos dedicados ao tema. A definição dos termos “lazer” e “tempo livre” é um dos problemas para quem se propõe estudar uma dessas facetas da vida humana. Além da referida confusão entre ambos os conceitos, os critérios para a demarcação das esferas ora do lazer, ora do tempo livre são amiúde externos a esses objetos, que passam a ser entendidos, principalmente, a partir da sua vinculação com o mundo do trabalho (FRANCH, 2000, p. 9).

Ao considerar a dimensão econômica capitalista, suas demandas e influência sobre o tempo livre em uma perspectiva submetida ao mercado, uma das consequências é associá-la a produtos e bens de consumo. Neste sentido:

No mundo moderno (globalizado), onde as relações sociais são hegemonicamente voltadas para o capital, o tempo também se transforma numa mercadoria que é apropriada pelos grupos dominantes que determinam as condutas sociais. Nesse sentido, o “tempo livre” ou “tempo disponível” destinado ao lazer, passa a ser visto como uma forma de se ganhar dinheiro, acumulando lucros, que alimentam a lógica e a permanência do pensamento centrado no capitalismo industrial (ROCHA; SILVA, 2002. p. 138).

Refletindo sobre o espaço/tempo para o lazer e o tempo livre e reduzindo os espaços socialmente compartilhados ao processo de mercadorização, é possível estabelecer um diálogo com as considerações de Vaz (2006, p. 69) a respeito da cidade, por afirmar que “ao ser submetida à lógica do lucro, a cidade é rebaixada de obra (valor de uso e fruição) a produto para consumo, e o espaço/ tempo passam a ser considerados como itens de produção – mercadorias”.

Ao associar a fruição do tempo livre e o lazer à condição de produto a ser adquirido, as experiências dos jovens empobrecidos são reduzidas à ausência, à carência consequente de sua condição socioeconômica. Neste contexto, a falta de oportunidades e acesso a estas experiências, compromete seu direito social. A partir disso, ao mencionar as contribuições de Deleuze (1969), na reflexão sobre o



indivíduo e relação mercadorizada do tempo livre na contemporaneidade, Vaz (2006) apresenta a seguinte consideração:

O indivíduo contemporâneo é um endividado, como lembra Deleuze (2004) e essa dívida se estende também a um estilo de vida que ele não pode alcançar, principalmente porque a cidadania- a condição daquele que participa da vida pública – foi reduzida ao consumo, não apenas de bens descartáveis, mas de experiências rapidamente perecíveis, por uma certadesmemorialização (VAZ, 2006, p.22).

Posto isto, ao reduzir a compreensão do tempo livre a uma relação entre trabalho e produtividade, as experiências dos jovens que vivem nas periferias tendem a ser reconhecidas de modo marginalizado e depreciativo, como tempo ocioso que precisa ser ocupado, domesticado, para torná-lo produtivo. Além disso, o descanso e a livre fruição se alinham à ideia de compensação e limitam o tempo destinado a essa vivência, condicionando-o a atividades nos fins de semana ou nos dias de folga.

Ainda que as obrigações domésticas, as responsabilidades escolares e os trabalhos informais dos estudantes possam ser considerados como obrigação relacionada à ideia de trabalho, tal compreensão continua insuficiente para refletir sobre o tempo livre dos adolescentes. Logo, é necessário compreender estas práticas frente a sua complexidade, levando em consideração os aspectos econômicos articulados a uma dimensão política e social comprometida com os sujeitos ali implicados.

É possível acrescentar às reflexões sobre este tempo, fatores sobre a socialização e as redes de relações nele existentes, que se expressam de maneira diversificada. É possível reconhecer este tempo (suas vivências, visões e experiências de mundo) como parte do processo de constituição das identidades dos jovens. Franch (2000) sinaliza para esta possibilidade ao descrever alguns elementos do tempo livre dos jovens:

Pois é nas horas passadas fora da escola, longe dos afazeres domésticos ou do trabalho remunerado que os jovens da modernidade (e da pós-modernidade) têm encontrado sua forma de estar-no-mundo, gerando práticas próprias, seguindo modas e padrões de consumo singulares, criando estilos ou culturas juvenis, bem como adotando valores diferentes aos dos adultos e crianças que com eles convivem. É por isso que, para conhecer um pouco os jovens da nossa época, não há nada que seja tão revelador como o uso que eles imprimem a esse tempo que adjetivamos como livre, entre outras coisas, porque é nele que as pessoas têm mais possibilidades de decidir o que fazer – ou não fazer (FRANCH, 2000, p.7).

Considerando as abordagens acima apontadas, torna-se possível compreender quão importante é o tempo livre, a partir do entendimento das formas de socialização dos adolescentes no gozo de atividades que podem ser entendidas como espaço de exercício da autonomia. Apesar da idéia de “tempo” regido pelo mercado, que limita o tempo livre às atividades de fins de semana, a inversão dessa concepção permite intensificar a vivência do tempo livre, de maneira a potencializar as relações entre as pessoas e delas com o espaço.

#### 2.4. O “espaçotempo” escolar

Diante da responsabilidade social de educar atribuída à escola, é possível compreendê-la como um lugar de cultura, seja num sentido mais idealizado de transmissão de conhecimentos e de valores universais, seja numa perspectiva crítica de orientação ideológica e de reprodução social. Veiga-Neto (2005), ao discutir sobre memória, tempos, cotidianos, apresenta a seguinte consideração sobre educar:

É nesse ponto que entra em cena a Educação. É justamente pelo processo educativo que nos apropriamos, implícita ou explicitamente, das regras necessárias e aprendemos a fazer os cálculos para o jogo da vida social. Como mostrou Hannah Arendt, educar alguém é trazer esse alguém (que não estava aí) para uma vida social (que já estava aí). Essa vida social que já estava aí se dá segundo um conjunto de significados, artefatos, rituais, costumes, práticas, crenças e valores ao qual se denomina cultura (VEIGA-NETO, 2005, p. 6).

A escola produz uma cultura própria, em diálogo com a sociedade e com os sujeitos implicados em sua comunidade escolar. Ao referir-se à escola como espaço institucionalizado para esta finalidade, Alves (2001) salienta:

Este *espaçotempo* instituído foi, durante muito tempo, compreendido e aceito como o único lugar de *aprenderensinar*, em um processo difundido em toda a sociedade e que tem a ver com a organização linear e hierarquizada do poder na modernidade. O conhecimento, sua criação e difusão, dessa maneira, é entendido, naquele então e de maneira dominante ainda hoje, como aquilo que se dá nos *espaçotempos* autorizados para tal, ignorando-se que no cotidiano da vida era/ é, igualmente, criado e difundido (ALVES, 2001, p.20).

Ao utilizar o termo “espaçotempo” como forma que melhor expressa modos de pensar e fazer, a autora acima citada traduz para o registro escrito, a integração

entre esses dois aspectos. Nas rotinas do contexto escolar, comumente é possível observar esta integração entre estes aspectos.

Assim, por exemplo, na hora da entrada ou da saída das aulas, na hora do recreio, em um canto da escada, longe dos olhares curiosos, ou no pátio da escola mostrando-se a todos, duplas ou grupos, alunos/ alunas vão fazendo lembrar nesse e em outros *espaços-tempos*, a vida que existe para além da disciplina e na quais conhecimentos são trocados, tecidos, criados (ALVES, 2001, p. 24).

Ao referir-se aos “espaçotempos” de “aprenderensinar”, a autora destaca que, para além da instituição escolar, a condição humana nos permite fazê-lo em diferentes tempos e espaços, o que extrapola as proposições curriculares formais e amplia a percepção acerca das possibilidades de aprender e ensinar dentro do ambiente escolar:

Quando e onde se ensina e se aprende? A única resposta que posso dar a essa pergunta é, em todos os tempos e em todos os espaços. Isto porque entendo o ser humano como sendo: *social* – se formando de modo gregário; *histórico* – suas relações com iguais e diferentes estão sempre em mudança; e *cultural* – se organiza em torno de certas características que lhe dão identidade e realidade (ALVES, 2001, p. 21).

Considerando os diferentes sujeitos que partilham expectativas e experiências na escola, é possível reconhecer que desenvolvem representações distintas sobre o contexto escolar, como se criassem uma sobreposição ou atravessamento simultâneo de intencionalidades no mesmo espaço. Segundo Veiga-Neto (2002, p. 178), a escola se faz como um espaço composto de diferentes lugares que podem ser pensados na qualidade de um “arquipélago de lugares”, como forma para pensarmos a diferença, os sentidos atribuídos e suas variações em função dos sujeitos e das interações que estabelecem entre si e com o ambiente.

Os estudantes, por exemplo, ao ocuparem os espaços escolares, reivindicam o gozo da experiência de socialização com outros jovens. Tal demanda articula estes lugares às representações de juventude que se manifestam no território o qual a escola faz parte, tencionando o currículo expresso nas rotinas, nos usos e na sua atribuição social. Escolano (2001) se refere aos espaços escolares e sua relação com o currículo nos seguintes termos:

Ao considerar os espaços escolares como elementos significativos do currículo, apresentam-se tais espaços educativos como aqueles que abrigam a liturgia acadêmica e estão dotados de significados, e transmitem

uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto, ao mesmo tempo em que impõem suas leis como organizações disciplinares (ESCOLANO, 2001, p.27).

Como espaço regulado e disciplinado que é, a escola não abarca a totalidade da experiência dos jovens e é forjando brechas no espaço institucional que eles inventam outros lugares. Na escola, a sobreposição dos espaços de tempo livre e do tempo de obrigação ocorre tanto no horário das aulas quanto fora delas, seja no recreio, na entrada e saída das aulas, ou utilizando os espaços no contra turno e nos finais de semana. Os estudantes disputam a ocupação destes lugares, sejam correspondendo às regras e normas escolares ou ressignificando os usos dos espaços e dos tempos. Diante do exposto:

A interação com o espaço escolar e no espaço escolar pode transgredir seus objetivos e intencionalidades, pois se os espaços não são neutros, tampouco as pessoas que ali existem – e resistem, transformam, se apropriam e extrapolam os determinismos e imposições. ‘Assim, o espaço não se reduz a um simples cenário onde se inscreve e atua um corpo. Muito mais do que isso, é o próprio corpo que institui e organiza o espaço, enquanto o espaço dá um ‘sentido’ ao corpo (VEIGA-NETO, 2001, p. 15).

As práticas formais e informais no espaço escolar propiciam socialização para além do âmbito familiar, constituindo laços com outros jovens que podem se estender para além da escola. Segundo Brandão (1984, p. 89) “as trilhas invisíveis do aprender que se podem perceber nas muitas situações vividas e biografias confessadas que revelam ser a educação um amplo processo social que não se resume aos cotidianos institucionais de aprendizagem”.

É preciso considerar a sobreposição de representações nos espaços escolares como parte da dinâmica das relações entre as pessoas e das experiências compartilhadas no espaço escolar, sejam elas correspondentes às suas normas ou ressignificando os usos dos espaços e dos tempos. Para Oliveira (2003, p. 123), desconsiderar tais aspectos poderia “inserir alunos e professores em uma condição de heteronomia, limitando-os a uma compreensão técnico-operacional da escola e do ato educativo.

É possível observar, com base no exposto acima, que existe uma pluralidade de corpos, de pessoas que constituem o ambiente escolar que, por sua vez, criam representações e uso desse espaço, capazes de corresponder ou extrapolar as expectativas predeterminadas. De acordo com Oliveira (2003) cabe à escola refletir

sobre as que “condições de possibilidade” desenhadas para a “dimensão corporal” dos estudantes e sobre as lições que tem sido “ensinadas, aprendidas, interiorizadas, “inCORPORADAS” no seu território, tal como cita:

Seria fundamental que a escola se representasse e se apresentasse como agência produtora de uma cultura que ponha em questão as relações de tempo socialmente construídas e que fosse propositiva já em seu exemplo: contando com uma nova temporalidade em seu interior, onde o lúdico, o estético e até mesmo o ócio pudessem ser parceiros legítimos no diálogo com o conhecimento (e não apenas recursos para a aquisição do mesmo); uma parceria que considerasse e respeitasse a corporeidade das pessoas. (OLIVEIRA, 2003, p. 92)

O presente estudo reconhece os lugares de tempo livre dos estudantes como este “espaço-tempo” que integra a criação, trocas e tessituras de conhecimentos. Neste sentido, pensar a escola e seus espaços é uma tarefa necessária para melhor compreender seus limites e possibilidades.

## 2.5. A Educação Física e seus “arquipélagos de lugares”

A partir das contribuições de diferentes autores nos capítulos anteriores sinalizados, foi possível ampliar os horizontes da Educação Física escolar e, nesse contexto, considerar a dimensão cultural do movimento humano. Reconhecê-la como área do conhecimento dentro do campo das linguagens nos faz considerar o movimento e as expressões humanas em sua dimensão simbólica, manifestadas em contextos específicos. Diante das contribuições da perspectiva cultural na superação de uma visão esportivista e tecnicista da Educação Física, se pode citar:

A educação física, a partir da revisão do conceito de corpo e considerando a dimensão cultural simbólica defendida por Geertz, pode ampliar seus horizontes, abandonando a ideia de área que estuda o movimento humano, o corpo físico ou o esporte na sua dimensão técnica, para vir a ser uma área que considera o ser humano eminentemente cultural, contínuo construtor de sua cultura relacionada aos aspectos corporais. Assim, a educação física pode, de fato, ser considerada a área que estuda e atua sobre a cultura corporal de movimento (DAOLIO, 2004, p. 12).

Deste modo, ao considerar aspectos simbólicos dos gestos e do corpo em movimento, a Educação Física escolar se torna mais dinâmica e plural, incorporando “elementos de intersubjetividade, individualidade e historicidade” (DAOLIO, 2004, p. 36), e fomentando os “estudos e reflexões sobre a estética, a beleza, a

subjetividade, a expressividade, a relação com a arte, enfim, o significado” (DAOLIO, 2004, p. 13), passíveis de investigação a partir do referencial das linguagens e das Ciências Humanas.

A Educação Física corresponde a práticas pedagógicas relacionadas ao movimento humano e as manifestações culturais historicamente construídas, dotadas de sentidos e intencionalidades. Os jogos, danças, esportes, lutas, ginásticas, entre outras expressões da linguagem corporal são os objetos de investigação da Educação Física escolar. Ao apresentar algumas dificuldades enfrentadas pela área relacionadas à legitimidade do seu currículo no ensino básico, Gariglio, Almeida Junior e Oliveira (2017), descrevem as especificidades relacionadas à sua prática pedagógica:

Composta de forma mais geral por saberes de caráter teórico-conceitual (abstratos); pela relação estreita dos seus saberes com o espaço/tempo do mundo do lazer (prática social essa com menos status comparativamente com o mundo do trabalho); e por ser uma ação pedagógica impregnada de experiências estéticas (corporais, grupais, relacionais, comunicativas, vivências essas de difícil codificação e avaliação da aprendizagem individual dos alunos) (GARIGLIO; ALMEIDA JUNIOR; OLIVEIRA, 2017 p. 63).

O espaçotempo das aulas materializa o debate acerca das questões curriculares da área na busca pelo reconhecimento de sua contribuição no contexto escolar e demais disputas que emergem das relações entre os sujeitos envolvidos no cotidiano. Neste contexto, se tem na Educação Física, o espaço onde expectativas e representações de professores e estudantes coincidem, tencionando os limites simbólicos das aulas, em que as obrigações e os desejos por livre fruição e socialização se encontram, ocasionando disputas, conflitos e transgressões.

Em suas pesquisas, Michel Foucault tratou da constituição histórica e social de espaços como a escola, asilo, hospício, hospital e a prisão, reconhecendo nestes lugares a transgressão inventada pelas pessoas que criam uma evidência falsa do cotidiano e espaços de liberdade<sup>9</sup>. O conceito de heterotopias surge a partir do reconhecimento desse exercício de transgredir os sentidos preestabelecidos. Com base neste referencial, Oliveira e Neira (2019), assim descrevem este conceito:

<sup>9</sup> A transgressão é um gesto relativo ao limite... Transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível (FOUCAULT, 2009, p. 32).

Para Foucault (2001), utopias e heterotopias compartilham entre si a característica de se constituírem como espaços que contrapõem os posicionamentos de outros espaços com os quais se relacionam. Mas existe entre elas uma diferença fundamental: enquanto a contraposição das utopias anuncia um futuro ainda sem lugar, abstrato, as heterotopias são concretas, identificáveis, situadas no presente. (OLIVEIRA; NEIRA, 2019, p.21).

Considerando a citação acima, é possível entender que o modo como os estudantes ressignificam os espaços escolares, a partir da demanda por tempo livre, também pode ser vista como uma “heterotopia”, um alargamento simbólico de um tempo e lugar de obrigações escolares, ocupado por uma cultura juvenil. Esta heterotopia articula os currículos instituídos e o currículo praticado no cotidiano da Educação Física, onde a interação entre os sujeitos implica em negociações de usos e sentidos. Sobre a heterotopia:

Podemos dizer que as heterotopias inventadas pelos alunos são espaços produzidos em função do contexto em que as aulas emergem. São resultados das condições de imanência das relações de poder-saber que a todos envolvem. Esse outro espaço, em que pese decorrer das condições de existência da cultura escolar, não depende de nenhuma mediação escola-docente ou docente-discente, que normalmente habita os dispositivos de escolarização. Apesar da expectativa, da atenção redobrada e das estratégias de antecipação produzidas pelos agentes da vigilância escolar para a garantia do controle, as heterotopias são imprevisíveis. São acontecimentos. São puros devires (GIGLIO; NUNES, 2018, p.609).

Há que se reconhecer, nas correlações de poder entre professores e estudantes, disputas relacionadas ao espaço e às aulas, onde os jovens resistem e criam estas heterotopias. A partir disso, é possível pensar nas relações que afetam os estudantes como capacidade de gerar outras possibilidades, novas correlações de força, novas formas de governo, novas estratégias para delas escapar. Com base nessa perspectiva:

O poder, por sua vez, numa compreensão foucaultiana, é algo que se efetua em uma multiplicidade de relações difusas, móveis, presentes em todas as esferas do corpo social. Não é alguma coisa que se possui, mas que se exerce; é uma forma de relação que se configura por uma ação indireta sobre outras ações. Ele tem um sentido produtivo, na medida em que só pode ser exercido sobre sujeitos que disponham de um campo de reações possíveis. Não se trata de uma relação de repressão ou de violência, nem de consentimento – embora possa fazer uso desses instrumentos –, mas de uma ação de controle mais sutil, que impele, separa, facilita, dificulta, permite, impede, estende, limita, a fim de estruturar o campo das ações alheias e induzir comportamentos (GLAUREA; NEIRA, 2019, p. 8).

Com a finalidade de compreender as diferentes concepções que entrecruzam no plano comum da Educação Física, correlacionar expectativas no contexto das aulas e seus espaços, a cartografia surge como método ou princípio para análise da experiência dos estudantes com o tempo livre, a escola e com a Educação Física, no território do Icaivera. Segundo Barros e Kastrup (2009, p.55-56) “o método da cartografia tem como desafio desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades”. Assim sendo, a produção de realidade abarca a produção de subjetividades e a produção dos territórios nos quais elas se prolongam.

Longe de limitar seu olhar à realidade fixa, tal como propõe a abordagem da representação, a cartografia visa a ampliação de nossa concepção de mundo para incluir o plano movente da realidade das coisas. Nessa direção apontaremos a dupla natureza da cartografia, ao mesmo tempo como pesquisa e intervenção. De um lado, como processo de conhecimento que não se restringe a descrever ou classificar os contornos formais dos objetos do mundo, mas principalmente preocupa-se em traçar o movimento próprio que os anima, ou seja, seu processo constante de produção. De outro, assinalaremos a cartografia como prática de intervenção, mostrando que acessar o plano das forças é já habitá-lo e, nesse sentido, os atos de cartógrafo, sendo também coletivos de forças, participam e intervêm nas mudanças e, principalmente, nas derivas transformadoras que aí se dão (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 92).

Mais do que um processo estrito de análise, a cartografia se constitui relevante sob a perspectiva em estudar o desenvolvimento de subjetividades dos estudantes, na habitação do território do Icaivera, nos espaçotempos escolares e nas aulas de Educação Física.



### 3. TRILHAS DO PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG) e respeita as normas do Conselho Nacional da Saúde, Resolução n. 196/96 e às normas estabelecidas para o desenvolvimento de uma pesquisa envolvendo a escola e os estudantes.

A pesquisa foi apresentada à direção da escola que recebeu uma cópia da Carta de Anuência Institucional (Anexo A) e do projeto de pesquisa, constando as alterações no cronograma e desenvolvimento em decorrência das mudanças no currículo do ano letivo de 2022.

Aos estudantes e seus responsáveis, a proposta foi apresentada, esclarecendo questões relacionadas à expectativa da pesquisa, implicações, vantagens e desvantagens, entre outros aspectos referentes ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B) e ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Anexo C), entre outras dúvidas.

O estudo foi proposto e desenvolvido na EMMECB, durante as aulas de Educação Física. Foram convidados a participar da pesquisa os estudantes das três turmas de oitavo ano desta escola. Depois de receberem as orientações quanto aos procedimentos, riscos e implicações, 42 estudantes, devidamente autorizados por seus responsáveis, aceitaram participar da pesquisa.

A investigação implicou em mapear as relações entre as pessoas e os lugares, com a finalidade de estudar a complexidade de representações que povoam o território do Icaivera.

Para este estudo, optei por desenvolver uma pesquisa-ensino, cuja expectativa era desenvolver nove encontros durante os meses de maio, junho e julho. No entanto, diante das demandas escolares e dos desdobramentos da pesquisa, este número foi ampliado.

Nas atividades desenvolvidas durante os encontros foram construídos mapas, registros fotográficos, desenhos, relatos, listas, textos e questionários que, somados ao caderno de campo, se constituíram como dados do percurso de pesquisa. Estes registros foram, posteriormente, analisados a partir dos eixos tempo livre, Educação Física e espaços escolares, em articulação com o referencial teórico desenvolvido.

Na análise dos dados produzidos, a cartografia se constituiu como uma estratégia, por possuir estreita relação com abordagens de pesquisa-ensino e permitir a investigação de processos em contínua construção e reconstrução, a partir da utilização de diferentes técnicas, estratégias e dispositivos. A cartografia é um “desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 1989, p.15).

O campo das paisagens aqui descrito é composto pela trama que compõe os mundos dos sentimentos e das relações mapeadas dos estudantes sobre o território do Icaivera, a escola, a Educação Física e o tempo livre. O objetivo foi cartografar, dentro e fora da escola, os espaços de usufruto do tempo livre dos estudantes e os saberes que circundam estes lugares, problematizando, as marcas culturais e sociais presentes nos contextos de aprendizagens, no relevo da escola e das aulas de Educação Física.

### 3.1 A paisagem

Esta paisagem que é a que, simultaneamente, delimita e amplia nossos horizontes. Ela que é nosso problema e esperança, nosso tormento e alegria de estar educando, o presente em que estamos e o futuro que queremos mudado (CORAZZA, 2002, p. 4).

Ao refletir sobre a minha identidade docente e as práticas pedagógicas que desenvolvo, me pareceu importante investigar o território onde atuo e sua relevância, tanto pelas especificidades das escolas e da região (suas similaridades, nomes e aspectos em comum) quanto por trabalhar ali a mais de uma década, fazendo parte das histórias das escolas e da trajetória de vida das pessoas. No entanto, este horizonte transpassado pela minha trajetória profissional carecia de mais elementos para perceber e desnaturalizar esses espaços e tornando-os objetos de pesquisa:

Este “sentimento” é mais do que um sentimento – se é que um sentimento é pouca coisa! Mas, de qualquer modo, é este sentimento de insatisfação, que nos faz passar tanto tempo e tanto trabalho, dedicando-nos a ressignificar o que já estava significado. A desconstruir o que estava confortavelmente construído. A estranhar o que sempre foi tão familiar. A desnaturalizar o tido por natural. A duvidar do que oferecia só certezas. A desassossegado o sossegado. A assustar o tranquilo. A suspeitar das verdades colocadas acima de qualquer suspeita. A historicizar o que era concebido como determinado, seguramente transparente, simplesmente herdado, solidamente perpetuado (CORAZZA, 2002, p. 3).

Uma alternativa encontrada considerou as contribuições de uma perspectiva humanista acerca do território, apreciando-o para além da delimitação geográfica dos bairros ou da localização das escolas. Ao atentar para a presença das pessoas significando os lugares e a si próprio, como indivíduo ou como grupo, numa “verdadeira topografia de afetos” (Vaz, 2006, p. 44), o território se expandiu e a paisagem passou a incluir as pessoas, outros bairros e outros espaços.

O percurso foi se reconfigurando na medida em que, perceber a presença das pessoas, suas experiências e o modo como vivem nestes lugares, conferiu complexidade ao território. Ao referir-se ao conhecimento humano acerca dos espaços, Santos (2020, p. 81), destacou como a sensibilidade é importante, na busca por “reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e vai pouco a pouco substituindo a sua ignorância do entorno pelo conhecimento, ainda que fragmentário”. Neste cenário, a escola se torna um dos espaços que integra o território do Icaivera, associada com a sua função educacional e com os aspectos mais subjetivos, relacionados à socialização dos sujeitos que fazem parte da comunidade escolar, especialmente, os estudantes. Para eles, a escola corresponde a um espaçotempo de encontros, acontecimentos e produção de cultura juvenil.

No Projeto Político Pedagógico da escola onde a pesquisa foi desenvolvida, o perfil socioeconômico e cultural atribuído à região do Icaivera, descrevia os bairros, a escola e a comunidade escolar como parte da paisagem desse território:

A comunidade escolar do Maria Elena é formada por moradores dos bairros Icaivera e Parque do Cedro, que foram crescendo de forma desordenada, sem condições adequadas de infraestrutura. O bairro é precário em mobilidade de transporte público, algumas famílias não têm acesso à água tratada ou rede de esgoto, por exemplo (EMMECB - PPP, 2022, p. 10).

Cabe observar que a distribuição espacial da população pobre, ilegal e periférica a segrega dos grandes centros urbanos, de oportunidades de emprego e bens culturais, além de dificultar o acesso à direitos e serviços sociais. De acordo com Rolnik (2002, apud Cardoso, 2007):

Simetricamente, as oportunidades de crescimento circulam nos meios daqueles que já vivem melhor, pois a sobreposição das diversas dimensões da exclusão incidindo sobre a mesma população fazem com que a permeabilidade entre as duas partes seja muito pequena [...] geram efeitos nefastos para as cidades (p.32)

A precariedade descrita também se relaciona às demandas por socialização e lazer, seja em função da falta de equipamentos públicos, do medo da violência ou pela insegurança atribuída às ruas e outros espaços. Ao constatar esta realidade compondo o cotidiano das pessoas que vivem nesta região, o documento descreve a necessidade de uso dos espaços escolares, por parte da comunidade escolar:

A região do bairro Icaivera possui poucos ambientes públicos de lazer (como lagoas, praças e campos de futebol), porém em alguns momentos, esses espaços não são adequados para a socialização e aproveitamento das famílias, crianças e jovens, pois o comércio de drogas ou assassinatos comprometem a segurança nestes ambientes. A partir disso, a escola muitas vezes se torna o único lugar de acesso à cultura e lazer de boa parte da população (EMMECB - PPP, 2022, p.11)

É necessário destacar que tal constatação não torna a escola um lugar privilegiado, mas denuncia a dimensão da precariedade com a qual esta comunidade convive, sobrecarregando a escola de demandas sociais que são responsabilidade de outros seguimentos – urbanidade, saúde, esporte, lazer – sem que, de fato, haja investimento em infraestrutura que garanta o direito social e qualidade de vida a estas pessoas.

A escola, além de superar esta sobrecarga de responsabilidades sociais, convive com seus desafios educacionais, sendo um deles, a superação de uma perspectiva que reduz a escola a um espaço de transmissão do conhecimento e desconsidera o conhecimento construído a partir das complexas relações entre as pessoas no ambiente escolar e delas com o espaço. A respeito da, Malta et al (2015) propõe:

O foco da educação não estaria mais numa relação unilateral e sim numa relação dupla, na qual o professor e o aluno são pessoas que possuem conhecimentos diversos e podem trocar informações, enriquecendo os encontros no contexto escolar. Nesse sentido, é necessário pensar a vida escolar a partir de outro viés. A escola é uma instituição rica em experiências, vivências, relações interpessoais (MALTA, 2015, p.32).

O movimento de investigar o contexto da Educação Física torna perceptível como as aulas se constituem como espaço desejado pelos estudantes, para além das obrigações escolares. Nelas, os estudantes forjam espaçotempos onde se encontram com outros adolescentes, estabelecem laços de afeto e confiança, brincam e praticam esportes, privilegiando a dimensão da socialização.

Ao promover a investigação sobre os espaços, cartografando as experiências dos estudantes e reconhecendo os lugares por eles ocupados no tempo livre, dentro e fora da escola, tornou-se uma maneira de ampliar perspectivas tanto da professora-pesquisadora quanto dos estudantes, acerca dos espaços escolares das aulas de Educação Física. Nesse sentido:

Esse tipo de pesquisa [...] produz mudanças nos alunos, qualificando seus processos de aprendizagem, e também no docente pesquisador, em sua prática de ensino, tornando-o mais autoconfiante, autônomo e comprometido com o que faz. (PENTADO; GARRIDO, 2010, p. 11-12).

Assim sendo, o presente estudo surge a partir da intenção de potencializar as leituras, análises e discussões acerca do território do Icaivera, sem pretender escolarizar o tempo livre dos estudantes ou buscar solução para os conflitos ali presentes, mas ampliando as perspectivas dos sujeitos implicados na pesquisa acerca do tempo livre, da escola e da Educação Física.

### 3.2. A leitura da paisagem: formas de observar, descrever, viver e sentir

A produção de conhecimento no contexto da pesquisa perpassa a escolha do método, da forma que materializa a investigação. Fazer análise de um campo constituído por diferentes representações, sejam elas individuais, instituídas socialmente ou partilhadas por um grupo, exige uma imersão nas experiências partilhadas pelos sujeitos envolvidos. Nessa pesquisa, ao reconhecer na perspectiva do pesquisador “a possibilidade de habitar os pontos de vista em sua emergência”, ou o fato de “ser atravessado pelas múltiplas vozes que perpassam um processo”, a “historicidade e fechamento tanto ao coletivo quanto ao seu processo de constituição” (PASSOS; EIRADO, 2009, p. 116) se torna reconhecível em cada uma delas.

A polissemia relacionada aos espaços nesta pesquisa-ensino demanda procedimentos metodológicos que contemplem a análise de representações individuais e coletivas. Neste contexto, os dispositivos empregados podem ser um estímulo à ampliação da percepção, da dinâmica e das mudanças contidas nos espaços, provocando novas formas de conceber ou de ocupar espaços ainda não utilizados.

Na relação entre os sujeitos envolvidos nesta pesquisa e o ambiente estudado, as práticas investigativas também implicam em uma dimensão de ensino, uma relação cooperativa e colaborativa relacionada aos lugares de tempo livre dos estudantes.

O professor-pesquisador se introduz como parte da experiência, não estando imune a ela, pois, acompanhar os procedimentos, não implica em uma relação neutra, nem define, necessariamente, pontos a serem atingidos, mas, fornece coordenadas que permitem formular ideias, compreender e analisar os processos investigados e escolher os rumos da pesquisa. A partir disso, buscar procedimentos adequados ao estudo, estratégias que analisem o contexto investigado sem restringi-lo às descrições ou classificações formais, reconhecendo seu constante processo de produção da realidade.

### 3.2.1. Vivenciando a paisagem: A pesquisa-ensino

No presente estudo, a interação entre a professora-pesquisadora e os estudantes da EMMECB, ampliou o foco de ação e investigação, incluindo espaços dentro e fora da escola considerados relevantes pelos adolescentes. Sob esta ótica, o objeto de investigação foi se definindo e se tornando mais claro, a partir do exercício da pesquisa sobre a trama de relações entre os estudantes implicados no estudo e o território do Icaivera, incluindo o cotidiano do espaço escolar. Sobre o surgimento do problema de pesquisa, pode-se citar:

O problema da pesquisa-ensino não é nunca “descoberto”. Mas, como um “bebê”, é engendrado. É tramado, unindo os fios da teoria e da prática com a insubmissão contra aquilo que está instituído, aceito e realizado. Para o/a educador/a pesquisador/a, o mais importante é interrogar-se se tudo o que, até então, disse sobre a Educação, a Pedagogia, o Currículo, a Escola, os/as alunos/as, o si mesmo/a, é tudo o que pode ser dito; e se tudo o que viu, até agora, é, de fato, tudo o que pode ser visto (CORAZZA, 2002, p. 6-7).

Como professora-pesquisadora, ao desenvolver a pesquisa na escola, me propus a agir, investigar e a teorizar um ambiente já conhecido, com o qual possuo estreita ligação profissional e afetiva, na intenção de melhor entender minhas experiências, práticas pedagógicas e o contexto da minha identidade docente.

Para Penteadó (2010, p. 24) a pesquisa articula a docência e a pesquisa, “dois campos de trabalho que colocam seus profissionais em relações específicas com o conhecimento”. Neste sentido, a pesquisa sobre a própria prática se vincula ao âmbito da pesquisa-ação onde o ambiente escolar e as relações que ali ocorrem passam a ser espaço não só de ensino, mas, também, de investigação, envolvendo uma experimentação do próprio contexto de trabalho como espaço de produção de dados, análise de saberes e elaboração do produto educacional.

No percurso investigativo, além do professor-pesquisador ampliar seu entendimento sobre o objeto de seus estudos, também compartilha com os sujeitos envolvidos na pesquisa, a possibilidade de refletir sobre o cotidiano e produzir conhecimento. Ao considerar os paradigmas de pesquisa apresentados por Penteadó (2010, p. 24-25) que articulam docência e pesquisa, Zaidan, Ferreira e Kawasaki (2018) fazem as seguintes considerações sobre a ação de pesquisa do professor:

Quando o professor se coloca como pesquisador, busca a produção do conhecimento (em confirmação, acréscimo, revisão ou inovação do que já está produzido), articula-se com a sua condição de professor que visa a “colocar o aluno em relação com o conhecimento já produzido” o que resultará “numa reelaboração desse conhecimento, filtrado por outros conhecimentos e experiências dos alunos e do professor e orientado pelas propostas didáticas e questões de ensino apresentadas pelo professor.” (ZAIDAN; FERREIRA; KAWASAKI, 2018, p. 98).

O papel ativo do professor-pesquisador no contexto da pesquisa-ação é perceptível tanto nas escolhas metodológicas, quanto nas escolhas dos dispositivos que materializam a investigação. A partir dos registros que compuseram a pesquisa, os sujeitos implicados nos estudos investigaram o contexto analisado, refletindo e buscando formas de intervir nos espaços reconhecidos para o tempo livre do seu cotidiano.

Além disso, ao dar visibilidade à presença dos estudantes e suas práticas no espaço escolar, como um modo de ser neste lugar, a pesquisa também se constituiu como possibilidade formativa para a escola. Para Corazza (2002, p. 3), “Ao problematizar o que não era nenhum problema, nem problemático, para as outras formas de ensinar e de pesquisar, fazemos a pesquisa-que-procura e ensina”. A ação pesquisadora pode proporcionar à escola uma reflexão sobre a própria realidade, ao identificar a efervescência criativa das práticas dos adolescentes no

tempo livre, conscientizando e comunicando que o seu território se constitui tanto pelas práticas pedagógicas quanto pelas ocupações dos estudantes.

Ao referir-se à pesquisa educacional contemporânea, a partir das teorias educacionais pós-críticas, Corazza (2002, p. 3) descreve a possibilidade de modificar as práticas pedagógicas e fomentar, a partir da “pesquisa-que-procura”, um ensino que quer “colocar em funcionamento outra máquina de pensar, de estudar e escrever, de ensinar e aprender, de ser professor e professora, de tornar-se um/a intelectual”. Com a pesquisa-ensino, situações reais da escola e da docência se tornam presentes no ambiente acadêmico a partir da pesquisa; buscando através de reflexões e construções, alternativas inovadoras nas práticas pedagógicas, na formação docente e na produção do conhecimento.

### 3.2.2. Mapeando as relações: A cartografia

No exercício de mapear as relações dos estudantes com os espaços escolares e o tempo livre, a cartografia aparece como uma referência, um método investigativo que acompanha processos dentro do percurso da pesquisa, redimensionando e construindo formas e desenhos do território do Icaivera, percorrendo rotas nos lugares da escola que também correspondem às aulas e desenhando linhas que traçam um registro cartográfico.

Segundo Barros e Kastrup (2009, p.55-56) o desafio do método cartográfico implica em “desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades”. Como um modo de análise social, a cartografia se ancora nos caminhos metodológicos de uma pesquisa qualitativa pós-crítica:

Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. (KASTRUP, 2009, p. 32).

A cartografia do território de tempo livre dos estudantes, constituída também por espaços da escola, nos permitiu mapear representações relacionadas a estes lugares e perceber práticas significativas de aprendizagens e novos saberes que se dão a partir de relações sociais.



Não pretendi a desenhar uma rota hegemônica ou instituir um caminho escolarizado, mas, compreender diferentes trajetórias concebidas pelos estudantes no tempo livre dentro do relevo da escola ou em outros espaços dos bairros e cidades, com a finalidade de propiciar no interior da escola, reflexões acerca de experiências e ações que colaboram na constituição cultural, histórica e social dos sujeitos envolvidos no estudo.

A cartografia faz recortes em determinado espaço ou em determinado tempo, povoa de muitos modos com sujeitos e objetos e a eles confere um ritmo. As coisas ganham tons, intensidades, luzes, cores, temperatura, volume. A cartografia torna-se a própria expressão do percurso: *mapas, danças, desenhos*. Percurso que nunca é dado seja por sucessões estáticas, por fases pré-fixadas ou por palavras de ordem (OLIVEIRA, PARAISO, 2016, p.286).

Foi preciso me despir da representação formal de professor que tem somente a intenção de ensinar e formar para, então, conceber não somente a aprendizagem advinda das práticas pedagógicas, mas, também, as formas de aprendizagem que se manifestam nas interações sociais da/na escola. Se por um lado é importante conhecer e reconhecer os percursos inscritos no currículo da arquitetura escolar, compondo sua função social e o seu funcionamento possível, por outro lado, é preciso mirar outras perspectivas para enxergar as possibilidades de invenções, de criações e descobertas que permeiam a experiência de adolecer na escola.

Ao cartografar esses lugares foi possível reconhecer “um mundo que já existia como virtualidade e que, enfim, ganha existência ao se atualizar” (KASTRUP, 2009, p. 50). Este espaço, que pode ser reconhecido como uma “heterotopia” foi construído em sobreposição ao “espaçotempo” escolar; constituindo-se como lugar de obrigação, mas, também, como ambiente de apropriação, saberes e práticas sociais dos estudantes, coabitando e elaborando outro espaço, trazendo complexidade ao aprofundar a discussão sobre o relevo da escola.

Segundo Passos e Barros (2009, p.17-18), “a cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação”. Deste modo, a análise do professor-pesquisador aparece à medida que a investigação acontece e se vale da partilha de conhecimentos com os sujeitos do estudo, da análise dos dispositivos e registros elaborados ao longo dos encontros

com os estudantes, das leituras do referencial teórico e da escrita e releitura do diário de campo.

Sobre a cartografia:

Do ponto de vista das estratégias de investigação, a cartografia aposta no acesso ao plano que reúne lado a lado a diversidade de vetores heterogêneos implicados na pesquisa: o pesquisador e seu campo de interlocuções acadêmicas e instrumentos técnicos, agências de fomento, compromissos políticos, alianças institucionais, bem como o objeto e suas diversas articulações. Tal plano é dito comum não por ser homogêneo ou por reunir atores (sujeitos e objetos; humanos e não humanos) que manteriam entre si relações de identidade, mas porque opera comunicação entre singularidades heterogêneas, num plano que é pré-individual e coletivo. (PASSOS; KASTRUP, 2013, p. 265).

Muitos foram os caminhos possíveis para identificar os espaços do convívio e experimentação das práticas por parte dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Deste modo, o mapa que se desenhou, apresentou-se inacabado, passível de alterações propiciadas pelas “conexões das linhas que o entrecruzam, o redesenam e o transformam constantemente” (DELEUZE; GUATARRI, 2006, p.30). A partir de um movimento cartográfico foi desenhado, descrito e produzido um mapeamento das representações sobre os espaços que compunham o território de tempo livre dos estudantes, que coabita e se sobrepõe ao espaço escolar.

Com o intuito de garantir a produção de dados que constituíssem caminhos investigativos no percurso cartográfico, foram utilizados instrumentos metodológicos que traduzissem e verificassem a realidade. Para Silva (2020, p. 53) “nosso movimento não se preocupa em apenas 'coletar dados' no trabalho de campo, mas de produzi-los e construí-los a partir da interação com os sujeitos sociais (...) e seus contextos no território da escola”.

Entre os instrumentos produzidos pelos estudantes, desenhos, fotografias e registros escritos foram utilizados na pesquisa para compor a complexidade da paisagem cartografada. Ao mapear o território do Icaivera, a escola e as aulas de Educação Física, as imagens e os textos se somaram e ajudaram a descrever o movimento dos estudantes, os sentimentos despertados pelo gozo do tempo livre e as transformações que atravessam os sujeitos e os lugares.

### 3.2.3. Descrevendo a paisagem: os registros e as imagens

A partir dos encontros da pesquisa, chamados pelos estudantes de “aulas de projeto”, em referência a grade curricular dos anos anteriores, as descrições e traduções da realidade se materializaram em dados empíricos, permitindo uma análise cultural interpretativa inspirada na pesquisa cartográfica.

Os registros foram feitos simultaneamente às atividades desenvolvidas nos encontros ou a partir deles. Na primeira etapa dos encontros com os estudantes, registros como o quadro de rotinas semanais, o desenho do percurso, incluindo lugares onde experimentam o tempo livre e o desenvolvimento colaborativo de registros cartográficos utilizando o recurso do *Google Earth: Google Maps*, corresponderam à produção de dados sobre espaços e lugares dentro e fora da escola reconhecidos para suas experiências de tempo livre no território do Icaivera.

Na segunda etapa dos encontros, foram agregadas a estes registros outras produções textuais e fotográficas, com foco, especificamente, no ambiente escolar. Ao produzir dados sobre as experiências vividas no tempo livre na/da escola, ou imaginar, criar e reinventar os espaços escolares, o exercício de “artistagem” materializava de modo “criativo-inventivo-artístico”, a ação de desfazer e refazer representações e práticas neste ambiente. A partir destes dados, tornou-se possível refletir sobre lugares que extrapolam a experiência escolar formal e identificar as “heterotopias” forjadas pelos estudantes “nas trilhas já traçadas, nos territórios aceitos, nas lógicas estabelecidas, nas epistemologias consagradas, nos sentidos fixados” (CORAZZA, 2002, p. 9) outros desenhos e outros percursos.

Na terceira etapa das “aulas de projeto”, outros registros textuais desenvolvidos nas rotinas dos encontros, como listas e questionários, foram utilizados para análise cartográfica das representações dos estudantes a respeito dos espaços escolares nas aulas de Educação Física.

Há, ainda, por parte da professora-pesquisadora, registros feitos em diário de campo próprio, com base em observações das rotinas da pesquisa, acrescentando impressões e falas enunciadas de modo formal e informal pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, consideradas como parte importante no percurso investigativo.

O modo como penso, sinto, vejo e conto as histórias e os relatos que compartilho com os estudantes incorporam à investigação e às leituras, aspectos





a) Eixo 1 - Investigando concepções e espaços relacionados ao tempo livre dos estudantes:

- Discussão e levantamento das rotinas diárias de cada um, ao longo da semana para identificar as atividades e obrigações que fazem parte do dia a dia e onde identificam tempo livre.
- Retomada da discussão e construção de um conceito de tempo livre. Levantamento dos locais no bairro Icaivera onde os estudantes usufruem o seu tempo livre.
- Análise do mapa do bairro Icaivera com o uso do *Google Maps*, no *Google Earth*, para observar os endereços e locais das listas elaboradas no segundo encontro. Elaboração de um mapa no *Google Maps*, do *Google Earth*, que identifique estes espaços de tempo livre da turma, investigando espaços que coincidem entre os estudantes e espaços que coincidem com a escola.
- Edição do mapa colaborativo no *Google Maps*, do *Google Earth* para adicionar fotos e textos elaborados pelos estudantes.

b) Eixo 2 - Investigando o espaço escolar: tempo livre na escola

- Discutir sobre o sentido do tempo livre nas rotinas escolarizadas: este tempo existe? Quais os usos e sentidos relacionados ao tempo e espaço livre dentro da escola? No tempo livre da escola, você está livre de quê? Listar os espaços ocupados pelos estudantes para o tempo livre na escola.
- Em grupos, mapear locais da escola utilizados em tempo livre dentro e fora da rotina escolarizada, utilizando o registro fotográfico.
- Apreciar o registro cartográfico construído, refletindo sobre quais daqueles espaços coincidem com outras rotinas escolares.

c) Eixo 3 - Investigando as aulas de Educação Física na relação com os espaços de tempo livre.

- Investigar, a partir dos mapas construídos, os espaços utilizados no tempo livre que coincidem com as aulas de Educação Física. Discutir a relação entre as aulas de Educação Física e os significados construídos sobre tempo livre. Investigar quais tensões se estabelecem entre os significados que os estudantes atribuem aos espaços para o tempo livre na escola e as aulas de Educação Física.

- Em grupos, construir registros que avaliem os encontros do projeto: através de produção de texto, registro fotográfico ou qualquer outro registro a ser apresentado para a turma.

No entanto, diante de questões emergentes do cotidiano onde se desenvolveu o estudo, a organização estimada sofreu alterações e acréscimos. Não há aqui uma intenção de minimizar, romantizar ou ignorar os desafios de desenvolver uma pesquisa frente às precarizações da escola, da educação, da condição docente e das práticas pedagógicas, ou ainda os limites no acesso ao direito à educação a que estão submetidos os estudantes. Mas, considero importante tornar visível o contexto de desenvolvimento do estudo, o território habitado, as relações cartografadas nesta paisagem. Por isso, faço uso da citação que segue:

É preciso praticar, ir a campo, seguir processos, lançar-se na água, experimentar dispositivos, habitar um território, afinar a atenção, deslocar pontos de vista e praticar a escrita, sempre levando em conta a produção coletiva do conhecimento. Na aventura cotidiana de uma pesquisa enfrentamos diversos riscos e podemos produzir cartografias melhores ou piores, excelentes ou simplesmente interessantes. Podemos também imaginar que cartografamos, quando apenas representamos. Nomear de cartografia o método que praticamos não garante o resultado de nosso trabalho. O rigor da investigação cartográfica reside na irreduzível atenção aos movimentos da subjetividade e da paisagem existencial, suas pontas de presente, seus fios soltos, suas linhas de fuga em relação à estratificação histórica (PASSOS, KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 203).

A dupla condição de professora e pesquisadora, por exemplo, trouxe implícita a sobrecarga de uma jornada duplicada, uma vez que a rede municipal onde atuo não dispõe de carga horária para desenvolvimento de pesquisa nem, tampouco, licença remunerada. Portanto, a pesquisa teve que ser desenvolvida, concomitante, às rotinas e obrigações de professora de Educação Física das três turmas de 7º ano (não contempladas pela pesquisa) e das três turmas de 8º ano.

As demandas internas da escola acabaram por afetar o espaçotempo da pesquisa, pois, as rotinas como conselho de classe para entrega de notas, reunião de pais para entrega de resultados, aplicação de provas, organização e realização da festa junina, entre outras, por vezes, exigiram dos sujeitos implicados na pesquisa, disposição para ceder à organização e regulação dos espaços.

Em outros momentos, foi necessário provocar e resistir às rotinas escolares para garantir o respeito e o compromisso mútuo firmado com o desenvolvimento da pesquisa.

As lacunas relativas à falta de materialidade da escola com relação a equipamentos e tecnologias, somada ao contexto socioeconômico empobrecido da comunidade escolar, também se apresentaram como fator limitante, no desafio de garantir a oportunidade e o acesso a ferramentas e aos conhecimentos possíveis a partir de tecnologias da informação e comunicação.

A pressão externa a que a escola está sujeita, que reforça uma perspectiva limitada da educação e submete a estrutura curricular à ideia de hierarquia dos saberes, também impactou o desenvolvimento do presente estudo.

Inicialmente, o estudo foi idealizado para ser desenvolvido em uma turma de oitavo ano do ensino fundamental, na aula de projeto interdisciplinar que fazia parte do currículo. Até então, na proposta curricular construída pela escola para o ano de 2022, as aulas de projeto seriam ministradas pelos professores de Artes, Educação Física e Inglês, por meio do desenvolvimento de temas transversais e interdisciplinares, tratando de temas relacionados à adolescência e a dimensão afetivo sexual, à identidade e cultura afro-brasileira, entre outros. Porém, para atender à demanda por desenvolver práticas e estratégias que impactassem positivamente os resultados em avaliações externas, foram implementadas modificações na proposta curricular para o ano de 2022, em que as aulas de projeto foram incorporadas à carga horária de Matemática, constituindo um projeto de Geometria.

Os professores de Artes, Educação Física e Inglês passaram a assumir, na sua carga horária de regência, uma aula compartilhada com outra disciplina. Especificamente no meu caso, esta aula era partilhada com o projeto de Geometria/Matemática, atendendo as demandas da pesquisa, a preparação para Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas<sup>10</sup> (OBMEP) e, eventualmente,

---

<sup>10</sup>A Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas - OBMEP é um projeto nacional dirigido às escolas públicas e privadas brasileiras, realizado pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada - IMPA, com o apoio da Sociedade Brasileira de Matemática - SBM, e promovida com recursos do Ministério da Educação - MEC e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações - MCTI. O público-alvo da OBMEP é composto de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental até último ano do Ensino Médio. <http://www.obmep.org.br/apresentacao.htm>, acessado em 20/08/2022.



substituindo a falta de outros professores, o que comprometeu e prejudicou a organização idealizada originalmente.

Assim sendo, optei por desenvolver a pesquisa durante as aulas de Educação Física das turmas de 8º ano do ensino fundamental da EMMECB. Os encontros referentes ao estudo foram realizados utilizando uma das duas aulas semanais.

O quantitativo de estudantes participantes, anteriormente idealizado para uma turma de oitavo ano do ensino fundamental com 35 estudantes, foi ampliado, incluindo todas as três turmas de oitavo ano da EMMECB, totalizando 42 estudantes participantes do estudo. Ao longo do percurso, ocorreram transferências e duas desistências, que acabaram reduzindo a quantidade de estudantes envolvidos até a conclusão da pesquisa em campo.

Com relação ao cronograma proposto para o desenvolvimento das atividades, a expectativa era desenvolver nove encontros durante os meses de maio, junho e julho de 2022. No entanto, tanto pelas intempéries da rotina escolar quanto pela necessidade dos sujeitos da pesquisa em explorar melhor os recursos e atividades propostas, o número de encontros foi ampliado e se estendeu ao longo do segundo semestre do referido ano.

Ao abordar o primeiro eixo da pesquisa, além das aulas de Educação Física, foram utilizadas algumas aulas de outras disciplinas, cedidas para a pesquisa. Entre aqueles que consentiram em ceder suas aulas, temos três aulas de Artes, três aulas de Língua Portuguesa e seis aulas de projeto de Geometria, utilizadas às sextas-feiras (dia referente ao estudo e planejamento de Educação Física). Três aulas de Ciências também foram utilizadas na quarta-feira (fora da minha carga horária de trabalho, em que utilizei aulas vagas, cujo professor estava em licença médica). Os eixos dois e três foram desenvolvidos, prioritariamente, nas aulas de Educação Física, o que demandou negociação e reformulação de acordos a respeito das rotinas da pesquisa, junto à escola, para garantia da organização proposta e do pleno desenvolvimento dos processos de investigação do espaço escolar.

Quanto ao produto educacional, este foi desenvolvido no primeiro trimestre de 2023. A primeira etapa correspondeu à elaboração e execução do evento escolar intitulado Planejamento Participativo EMMECB, ocorrido em março e abril. A segunda etapa correspondeu ao registro do percurso de pesquisa e do Planejamento Participativo, por meio de uma edição especial do jornal escolar



Estação Icaivera, produzida e distribuída nos meses de abril e maio, respectivamente.

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS: O TERRITÓRIO DO ICAIVERA E NELE, A ESCOLA

Iniciamos a análise dos dados a partir do primeiro eixo, investigando o cotidiano dos estudantes a partir do mapeamento dos lugares e das representações por eles associados às suas rotinas, obrigações e ao seu tempo livre, no interior da escola ou fora dela.

Ao apresentar a pesquisa aos estudantes e seus responsáveis, um esboço da paisagem a ser cartografada começou a ser desenhado, trazendo evidências sobre os desafios consequentes do isolamento social durante a pandemia de Covid-19, a preocupação com a violência e criminalidade, a ausência de espaços coletivos e equipamentos públicos destinados ao lazer e ao tempo livre, entre outros.

Ao longo do percurso da pesquisa, produzimos registros utilizando instrumentos como o quadro de rotinas, desenhos e mapas que, somados às anotações do caderno de campo, deram subsídio à análise de aspectos como a identidade subjetiva e coletiva dos adolescentes, as relações sociais, os laços afetivos, desejos e pretensões associados a estes espaçotempos.

Além disso, ao refletir sobre a presença da escola no território do Icaivera, tornou-se necessário avaliar os desdobramentos da pesquisa e as contribuições da Educação Física na ampliação da perspectiva dos estudantes sobre os espaços escolares da EMMECB.

##### 4.1 Apresentação da pesquisa

A apresentação da pesquisa aos estudantes e seus responsáveis constituiu o início da investigação. Na interação com os familiares responsáveis, tornou-se evidente o interesse em oportunizar tal experiência aos seus filhos (as) frente à dimensão formativa em participar de uma pesquisa na escola. No entanto, outros medos e receios com os quais convivem cotidianamente demandaram atenção ao pactuarmos o modo como seriam investigados os espaços fora da escola.

Ao convidar os estudantes a se tornarem sujeitos da pesquisa-ensino, foi necessário esclarecê-los sobre as implicações nas rotinas escolares, bem como o compromisso e a seriedade ao produzir dados científicos pautados por parâmetros articulados com as ciências humanas e sociais.

Ainda que o estudo não apresentasse como objetivo o letramento acadêmico, ao participar do processo de investigação e reflexão, cujos códigos e linguagens baseiam-se em referenciais acadêmicos, os sujeitos envolvidos na pesquisa-ensino puderam desenvolver esta dimensão formativa, a partir do crescimento e amadurecimento intelectual de todos os envolvidos, bem como a construção de conhecimentos a serem compartilhados com a comunidade escolar e acadêmica.

Ao ouvir os sujeitos envolvidos nesta pesquisa-ensino, esclarecer as dúvidas, descrever as expectativas e os processos com os quais seria desenvolvido o estudo, foi possível identificar aspectos que colaboraram com o processo de investigação - desafios e limites que se apresentaram para aquele percurso.

#### 4.1.1. Os estudantes e seu envolvimento com a pesquisa

A primeira turma para a qual apresentei a pesquisa foi identificada como 80C. Lembrei-me de uma peculiaridade, desde 2021, os estudantes dessa turma, ao observarem as atividades desenvolvidas por mim nas aulas de projeto interdisciplinar, demonstravam curiosidade e certo interesse em participar. As aulas de projeto interdisciplinar tratavam de temas que articulavam os conhecimentos escolares e o interesse dos adolescentes ao abordar questões sobre identidade, direitos sociais, subjetividades, entre outros.

Contudo, ainda persistem nas escolas, práticas pedagógicas baseadas na educação bancária que reduzem o ensino a uma perspectiva de transmissão do conhecimento que desconsideram aspectos relacionados aos sujeitos envolvidos nos processos educacionais e o contexto onde vivem<sup>11</sup>. Superar esta perspectiva implica em maior participação dos estudantes, considerando seus interesses e as diferentes realidades em que vivem, fazendo com que seu protagonismo seja prioridade nos processos de ensino e aprendizagem. Para tal, faz-se necessário buscar transformações no currículo e práticas pedagógicas para que esta articulação não se restrinja a projetos interdisciplinares, mas se materialize no cotidiano da escola e das aulas.

---

<sup>11</sup> Termo empregado por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1996) baseado na ideia de que o professor deposita os conhecimentos no estudante para, mais tarde, retomá-los em avaliações.

Em alguma medida, a pesquisa-ensino proposta se relacionou com estas expectativas acima citadas dos estudantes, ao refletir sobre o cotidiano, a relação entre os espaços e o tempo livre, ao investigar as representações atribuídas por eles aos lugares.

Em uma turma constituída por 35 estudantes, o total de 24 estudantes estava presente. A estes, apresentei o projeto de pesquisa e expliquei que a ampliação do grupo de sujeitos da pesquisa permitia que o interesse da turma em participar de projetos se materializasse, não por meio de uma disciplina curricular, mas, a partir do envolvimento em uma pesquisa acadêmica que participa dos processos de estudo e investigação. Com isso, aprender coisas novas e repensando o bairro, a escola e as aulas de Educação Física.

Diante das orientações sobre o estudo e suas implicações, 12 estudantes que se interessaram, permaneceram na sala. Dei maiores explicações a respeito e apresentei os documentos TALE e TCLE. Por conseguinte, alguns deles que haviam faltado e foram, posteriormente, incentivados pelos colegas, se interessaram em fazer parte da pesquisa, totalizando nesta turma 15 estudantes participantes.

A segunda turma, identificada como 80B, já havia participado das aulas de projeto interdisciplinar sob minha regência. Como os estudantes já estavam habituados a esta rotina e tinham conhecimento do meu envolvimento com o mestrado, havia uma mistura de interesse e curiosidade em participar e se envolver na pesquisa. No entanto, ao perceberem que as alterações curriculares daquele ano suprimiram a aula de projeto e a pesquisa seria desenvolvida nas aulas de Educação Física, alguns deles viram tal situação como um prejuízo. Os estudantes acreditavam “perder uma aula de Educação Física com isso”, o que tornou o projeto menos interessante para essa turma.

A mesma indisposição se fez presente na turma identificada como 80A, onde iniciei a mesma dinâmica de apresentação das turmas anteriores, convidando todos a participar da pesquisa e esclarecendo as dúvidas. A turma não havia apresentado nenhuma relação pregressa de interesse no desenvolvimento da disciplina de projetos interdisciplinares e manifestou resistência à apresentação da proposta de participação no estudo, referindo-se àquela conversa como “palestrinha”.

Foi possível reconhecer nas falas dos estudantes e na resistência à pesquisa dentro da rotina das aulas de Educação Física, o desconforto e a sensação que, ao

se envolver com um projeto de pesquisa, estariam “perdendo tempo”, oportunidades e práticas.

O que observei é que no ambiente escolar ainda pesa sobre a Educação Física concepções que fazem parte da sua história e associam as aulas à recreação ou à simples atividade física. Apesar de a Educação Física escolar ser uma área de conhecimento correspondente ao campo das linguagens, ao conviver com referências baseadas em concepções pedagógicas diversas, os sujeitos implicados em sua prática pedagógica manifestam diferentes expectativas em relação às suas aulas<sup>12</sup>.

Diante das transformações ocorridas na Educação Física Escolar, que muito enfatizava as ciências naturais, mas que passou por mudanças que ampliaram o seu referencial teórico, impactaram as práticas pedagógicas e os modos de investigação científica da área:

Como prática da escola, a Educação Física assume o caráter específico desse lugar, encarnando-o. De outro modo, ela é um produto da escola: a ela pertence, por ela define-se, nela constitui-se e realiza-se. Ora, se o que justifica a existência da escola é a “responsabilidade de perpetuar a experiência humana considerada cultura”, então da Educação Física se espera que faça circular, reinventar, estimular, transmitir, produzir e praticar... Cultura (VAGO, 2009, p. 34).

Deste modo, refletir sobre a dimensão simbólica do tempo livre, dentro e fora da escola, em articulação com o espaçotempo da Educação Física me pareceu coerente, por atender à necessidade de reorganização da pesquisa e ao conhecimento tratado nas aulas. Sobre isso:

A intervenção pedagógica do professor de Educação Física comporta assim um desafio: organizar o ensino para que seus estudantes realizem o direito de conhecer, de provar, de criar, de recriar e de reinventar, de fazer de muitas maneiras, de brincar com essas práticas, garantindo-lhes a expansão de suas experiências com esse rico patrimônio cultural. Em outras palavras: a Educação Física tem potência para ser um tempo de fruir, de usufruir, de viver e de produzir essa cultura, um lugar de enriquecer a experiência humana, posto que essas práticas são possibilidades afetivas, lúdicas e estéticas de apreender e entender o mundo – e de agir nele (VAGO, 2009, p. 35).

<sup>12</sup>De acordo com Duarte (2010, p. 299) a ampliação do referencial teórico e as mudanças nos modos de investigação científica, da Educação Física, foram reforçadas pela inserção desta no campo da linguagem. Esta contribuição referente aos Parâmetros Curriculares Nacionais consistiu num grande avanço para a área. Trouxe influências positivas para a fundamentação teórica, para as finalidades, objetivos, justificativas e metodologias.

Quanto aos estudantes da turma, insisti e convidei a permanecer aqueles que se interessassem, pedindo aos demais que aguardassem no pátio, como feito na turma anterior. Uma estudante perguntou se poderia permanecer na sala sem se comprometer com a pesquisa, alegando que “não queria dizer sim, nem não... Que era um talvez”. Consentii e mais estudantes permaneceram na sala. A turma tem 34 estudantes e também houve muitas faltas neste dia. Ao final, decidiram participar do estudo 12 estudantes.

Já na turma 80A, formada por 35 estudantes, um grupo de cinco estudantes pediu para se retirar sob o argumento de não querer nem saber do que se tratava a proposta. Concordaram em permanecer na sala 19 estudantes que se comprometeram a convidar os colegas que haviam faltado e que poderiam se interessar. Um total de 15 estudantes concordou em participar da pesquisa.

#### 4.1.2. Apresentação da pesquisa aos familiares responsáveis

As famílias dos estudantes que se interessaram em participar do estudo foram convidadas a comparecer na escola para conhecer a proposta da pesquisa e tirar dúvidas. Este encontro aconteceu no dia 20 de maio de 2022, às 7h, no auditório da escola. Como os documentos TALE e TCLE foram encaminhados junto com o convite e neles constava o meu telefone, muitos pais se anteciparam, entrando em contato através de aplicativo de mensagens para tirar dúvidas e se esclarecerem melhor a respeito.

A principal preocupação relatada pelos familiares era referente à possibilidade de desenvolvimento de atividades de campo pelo bairro, fora da escola, o que não foi bem aceito por elas. Tal receio se justificava frente ao medo da violência e insegurança atribuídas ao bairro, o que me despertou a atenção e me fez lembrar um trecho, em um dos artigos do “Condomínio do Diabo<sup>13</sup>”, que confirma essa preocupação, esse medo das famílias, ao referir-se à mãe favelada:

A mãe favelada vive o medo de todos nós duplamente: o medo de que seus filhos sejam confundidos na rua com “aviõezinhos” e aprisionados pela

<sup>13</sup>Alba Zaluar reuniu no livro *Condomínio do Diabo*, artigos a respeito da violência nas áreas a respeito da violência nas áreas pobres do Rio de Janeiro, onde realizou pesquisa na década de 80. Os textos abordam a violência sob diversos ângulos, como as implicações políticas da violência, a participação das mulheres em atividades tidas como “criminosas”, as relações entre violência, entre outras.

polícia, quando vão fazer biscates; o medo de que seus filhos andem em más companhias e sejam seduzidos pelos bandidos donos de bocas-de-fumo para iniciar-se na carreira de crime. Para elas, a rua marca o lugar desse duplo risco. A rua, que sempre representou a polis, livre comércio, a troca e o lazer, que simboliza a liberdade da cidade, tem seu sinal duplamente invertido. A rua, para elas, é o lugar do perigo, da luta pela vida, do encontro com a morte (ZALUAR, 1994, p. 68).

A demanda social de proteção dos adolescentes e o esforço das famílias em zelar e cuidar da sua integridade, afastando os jovens da convivência com o bairro, os vizinhos e a comunidade, reforça a dimensão de abandono e precariedade a que estão submetidas às pessoas no território do Icaivera. Ao descrever o que denominou como “urbanismo de risco”, Rolnik (2002, apud Cardoso, 2007), retrata uma realidade similar ao cotidiano dos familiares dos estudantes:

Ao concentrar todas as oportunidades em um fragmento da cidade, e estender a ocupação a periferias precárias e cada vez mais distantes, esse urbanismo de risco vai acabar gerando a necessidade de levar multidões para esse lugar para trabalhar, e devolvê-las nos seus bairros ao fim do dia, gerando assim uma necessidade de circulação imensa, o que nas grandes cidades tem ocasionado o caos nos sistemas de circulação. (ROLNIK, 2002 apud CARDOSO, 2007, p. 32).

Na maioria das vezes, os pais se ausentam de casa para trabalhar enquanto seus filhos ainda dormem, retornando, geralmente, à noite, depois de um percurso de longas distâncias com o uso do transporte público. A experiência das famílias com os bairros durante a semana se reduz ao descanso após jornadas exaustivas de trabalho, o que contribui para que as ruas e espaços públicos do território sejam desconhecidos, não vividos e, conseqüentemente, geram medo de violência e da criminalidade. Esta realidade, por sua vez, compromete as relações sociais das famílias dos estudantes com o território do Icaivera.

Ao investigar um contexto onde o medo e a insegurança associados às ruas se consolidavam como fator impeditivo de crianças vivenciarem a infância de um modo mais livre e autônomo, Viana (2019) traz considerações que se assemelha com o cenário desta pesquisa:

As crianças desapareceram das ruas no mundo todo, inclusive em países com estatísticas muito baixas de violência, como a Inglaterra. Por outro lado, é difícil supor que nos anos 70 e 80 as ruas eram tão seguras, de modo que é muito mais provável que o aumento das jornadas de trabalho e o crescente individualismo urbano contribuíram para a diminuição do



espírito comunitário, fazendo com que a rua se tornasse um lugar desconhecido e, portanto, sentido como perigoso (VIANA, 2019, p. 57).

Ao esclarecer as famílias sobre detalhes na utilização de mapas colaborativos construídos a partir do *Google Earth*, o modo como este recurso permitia pesquisar os espaços do bairro em ambiente virtual pelo computador ou celular, em casa ou na escola, os responsáveis se sentiram mais tranquilos em autorizar a participação dos estudantes<sup>14</sup>. A utilização de mapas colaborativos e o compromisso em manter as atividades de campo restritas ao interior da escola transmitiram maior segurança às famílias, que assinaram os TCLE e permitiram a participação dos 42 estudantes interessados.

Ainda assim, cabe ressaltar que, a inviabilidade de um trabalho de campo no território do Icaivera diante dos argumentos apresentados pelas famílias, mais do que prejudicar a pesquisa, denuncia outras facetas do descaso e da precariedade a que estão submetidas às periferias. Dentre tais, cita-se o transporte público sucateado e os longos períodos em deslocamento para o emprego; jornadas extenuantes de trabalho que inviabilizam a convivência familiar e vivência no bairro, entre outros aspectos em que pesa o não-direito.

#### 4.2. Investigando concepções e espaços relacionados ao tempo livre dos estudantes

O primeiro eixo da pesquisa-ensino foi dedicado à investigação do cotidiano dos estudantes, o relevo e a paisagem onde vivem suas obrigações e onde usufruem seu tempo livre. Ao mapear o território que se constituiu a partir dessas práticas, esperava-se que o exercício cartográfico nos conduzisse a descobertas sobre a corporeidade manifestada neste espaço, sobre as relações entre os sujeitos ao significar os lugares e a eles mesmos e sobre o potencial de aprender outras formas de vivências e práticas.

A cartografia correspondeu à dimensão geográfica de expressar “por mapas ou cartas, os variados aspectos de uma paisagem, superfície e/ou território”

---

<sup>14</sup>Em princípio, esta ferramenta foi proposta levando em conta o uso de tecnologias, a oportunidade de mirar o território sob perspectivas ampliadas e pela possibilidade de produção de mapas colaborativos.

(PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 15) e ao método de pesquisa que investiga o “plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17-18).

Ao adotar a cartografia como instrumento, foi possível ir além da objetividade dos discursos e expressar significados atribuídos pelos sujeitos ao território e às suas ações. As imagens construídas a partir dos desenhos e mapas se somaram aos dados anteriormente coletados e aos registros do diário de campo, ampliando a compreensão do território mapeado e a perspectiva acerca dos espaços investigados.

#### 4.2.1. Conhecendo o cotidiano dos estudantes: Quadro de Rotinas

No primeiro encontro, foi proposto a cada estudante que preenchesse um quadro e descrevesse suas rotinas ao longo de uma semana. O emprego do termo ‘rotina’ corresponde à intenção de tornar a linguagem clara e de fácil compreensão para os estudantes<sup>15</sup>. O referido quadro materializa elementos importantes do cotidiano dos estudantes como hábitos, práticas, escolhas, entre outros. A este respeito:

O cotidiano não pode mais ser percebido nem como espaço-tempo dissociado dos espaços de produção do conhecimento, nem como espaço-tempo de repetição e mera expressão do chamado senso-comum. Ao contrário, ele assume uma importante dimensão de lócus de efetivação de todos esses entrecruzamentos (MORIN, 1996), é o espaço-tempo da complexidade da vida social, na qual se inscreve toda produção de conhecimento e práticas científicas, sociais, grupais, individuais (OLIVEIRA, 2008, p. 165).

Com base nos dados sobre as rotinas dos estudantes, foi possível mapear suas obrigações e responsabilidades, tempo livre e algumas práticas que fazem parte do seu dia a dia e compilar estas informações nos quadros 1, 2, 3 e 4<sup>16</sup>.

No processo de análise das práticas e impressões dos estudantes sobre o tempo livre, alguns eventos não previstos, relacionados ao trabalho informal, às relações familiares e afetivas, foram descritos dando visibilidade a questões

<sup>15</sup>Consta o modelo do quadro no anexo D.

<sup>16</sup>O quadro de observações sobre a rotina consta no apêndice 1

recorrentes ou excepcionais da vida dos estudantes. Todas estas experiências trouxeram elementos, evidências da paisagem e do traçado das rotas a serem cartografadas ao longo do estudo.

#### 4.2.1.1. Durante a semana: as manhãs

Os hábitos e rotinas apresentados pelos estudantes, se referindo ao período de segunda a sexta-feira, entrelaçaram o “espaçotempo” de obrigações aos lugares e às práticas relacionadas à livre fruição. De acordo com Oliveira (2008, p. 178), “o que de fato interessa nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos são as pessoas, os praticantes como as chamam Certeau (1994) porque as vê em atos, o tempo todo”.

**Quadro 1-** Rotina das manhãs durante a semana

Estudante	Durante as manhãs	Estudante	Durante as manhãs
A3 Feminino	Vou para a escola	B8 Masculino	Me arrumo, passo delineador Vou para a escola
A8 Feminino	Vou para escola Estudo, estudo, estudo Vejo gente feia e bonita	B10 Feminino	Me arrumo Vou para escola Estudo O resto da manhã, nada
A10 Masculino	Venho para a escola	B11 Feminino	Me arrumo Vou para a escola com/ sem a prima
A11 Feminino	Vou para a escola	C3 Feminino	Vou para a escola
A12	Me arrumo, vou para a escola Arrumo a casa	C4 Masculino	Vou para a escola Volto e descanso
A13 Feminino	Venho para a escola ver os amiguinhos e ser alguém na vida Converso com o povo Estudo Brinco	C5 Masculino	Vou para a escola e depois vou buscar o meu irmão
B1 Feminino	Me arrumo Vou para a escola	C6 Feminino	Vou para a escola Chego, arrumo a casa e faço comida Coloco a roupa para lavar
B2 Masculino	Me arrumo Vou para a escola No caminho converso com os amigos, revisar a matéria	C7 Masculino	Vou para a escola
B3 Feminino	Saio para a escola Estou na escola	C8 Feminino	Me arrumo Vou para a escola
B4 Feminino	Vou para o ponto Vou para a escola	C9 Feminino	Me arrumo e vou para a escola

B5 Masculino	Me arrumo Vou para a escola	C10 Feminino	Me arrumo e vou para a escola Volto e vejo jornal
B6 Feminino	Fico na escola	C12 Feminino	Arrumo o quarto Me arrumo
B7 Masculino	Vou no ônibus Vou para a escola		

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Todos os sujeitos da pesquisa, ao descreverem suas rotinas do período da manhã, se referiram à EMMECB, tendo em vista que este é o turno em que estudam. No entanto, outros elementos que antecedem, preparam ou ampliam a experiência de interação social no percurso de ida e volta da escola, forneceram evidências relevantes sobre o modo como os estudantes transitam e ocupam o território investigado.

Estes momentos de preparação que antecedem a experiência escolar podem parecer insignificantes, situações que fazem parte de um cotidiano reproduzido de segunda a sexta-feira, mas que, também, revelam aspectos relacionados ao território habitado pelos estudantes. Segundo Oliveira (2008), é necessário buscar modos de pesquisa voltados para a vida cotidiana nas escolas e fora delas, para melhor compreender a juventude ou outros grupos sociais:

A tarefa é a de reinventar o próprio ato de pesquisar, incorporando a ele a noção da tessitura do conhecimento em redes de múltiplos saberes, valores e crenças, as múltiplas interações sociais entre os sujeitos dessas redes com suas diferentes experiências, bem como as emoções e valores que estes mobilizam e outras dimensões das suas existências (OLIVEIRA, 2008, p. 166).

Nas descrições feitas sobre despertar e se preparar para as aulas, os estudantes elencaram atividades simples, como se alimentar, fazer a higiene pessoal, entre outros. Em algumas descrições foram percebidos mais detalhes associados ao fato de se arrumar, como “penteio meu cabelo, passo delineador e vou para a escola”. Se arrumar para encontrar outros colegas “tem a ver com a própria vaidade e com a imagem que se quer oferecer, também, ao outro próximo” (FRANCH, 2000, p. 98). Ao analisar essa situação, se pode sinalizar que o trajeto para a escola constitui um breve instante livre das obrigações domésticas que antecede as escolares, onde os adolescentes se encontram e conversam sobre vários assuntos. Eles povoam este percurso e constroem relações sociais que fazem parte do seu cotidiano.

Os estudantes que moram mais próximo à escola e vem a pé, relatam sobre os encontros com vizinhos e colegas, assuntos como “no caminho converso com os amigos para revisar a matéria, fofoco com a Bestie<sup>17</sup>”, “vou para a escola com ou sem a minha prima”. Outros que moram mais distante da escola, em bairros como o Parque do Cedro, registram o cotidiano dos horários e a presença do transporte escolar, em relatos como “acordo 5h40min” e as aulas se iniciam às 7h00min, “Acordo cedo, durmo pouco, pego ônibus e vou para a escola”, ou ainda “6h35min vou para o ponto e vou para a escola”.

A respeito do cotidiano dos estudantes dentro da escola, descrições sucintas relacionadas a “ir”, “vir” ou “ficar”, marcam os espaços e as obrigações escolares pela rotina e pelo tédio, observada quando afirmam “vou para escola, estudo e o resto da manhã, nada”, “vou para escola, estudo, estudo, estudo, vejo gente feia e bonita”. Ao reconhecer os sentidos que perpassam rotinas como esta, Franch (2000, p. 85) salienta que são “práticas com as quais [os jovens] procuram vencer o tédio, mas que, por vezes, são vistas como o tédio em si”, em função da repetição. No entanto, a partir da interação com os colegas, o ambiente se torna mais leve e agradável, as obrigações se conjugam com o bem viver, o humor e a alegria: “Venho para a escola ver os amiguinhos e ser alguém na vida. Converso com o povo, estudo, brinco”.

É neste sentido que as práticas formais e informais no espaço escolar são compreendidas, pois é através delas que o indivíduo prepara-se para uma fase na qual a socialização propiciada pela sua família de origem mostrar-se-á insuficiente. Tal preparação inclui a ampliação dos laços de sociabilidade pelo contato com pessoas da mesma idade e de meios sociais diversos. O jovem, cada vez mais afastado dos valores e gostos das pessoas de outras gerações, encontrará nos seus iguais os companheiros na progressiva marcha para os domínios que se estendem além dos muros da instituição escolar (FRANCH, 2000, p. 36).

Ao assumir a centralidade das pessoas, enquanto praticantes da vida cotidiana, a experiência escolar implica não somente obrigações tangíveis, ditadas pelos horários pré-definidos. Ao desenvolver uma pesquisa nos/dos/com os cotidianos dos estudantes, surgiram elementos que extrapolaram as obrigações, apropriações de espaçotempos com intenções legítimas para os adolescentes de

<sup>17</sup> Best friend, ou a melhor amiga.

interagir, se relacionar com amigos e colegas, tencionando as representações de tempo livre e as obrigações, dentro de uma mesma rotina.

#### 4.2.1.2 Durante a semana: as tardes e as noites

Com relação às tardes, os estudantes também descrevem rotinas que entrelaçam o tempo livre e as obrigações desempenhadas em casa. A maior parte dos estudantes envolvidos com a pesquisa desempenha tarefas do cuidado com a casa como lavar vasilhas, limpar a casa, lavar roupas; outros descrevem rotinas relacionadas ao cuidado com irmãos, levando e trazendo da escola, dos treinos ou cuidando em casa.

**Quadro 2-** Rotina das tardes e noites durante a semana

Estudante	Tardes	Noites	Estudante	Tardes	Noites
A3 Feminino	Arrumo casa Mexo no celular Desenho Ouço música Canto Danço Gravo vídeo Estudo coreano e inglês em casa	Janto, tomo banho e durmo	B8 Masculino	Mexo no celular Ando de bicicleta Arrumo meu quarto Busco minhas irmãs na escola	Assisto TV Brinco com os cachorros Faço janta Vou a igreja
A8 Feminino	Assisto TV Durmo Leio livro Faço exercícios	Vejo TV Leio livro Faço exercícios (basquete e vôlei no quintal com meu irmão) Vou à igreja	B10 Feminino	12h00min Vou para minha mãe e almoço 12h30min às 16h00min nada 17h00min vou pra casa e faço janta	18h00min tomo banho 19h00min janto De 20 às 21h00min nada 21h00min durmo
A10 Masculino	Vejo séries Durmo Vejo TV Saio	Vejo TV e durmo	B11 Feminino	Faço o para casa Durmo Faço comida Lavo vasilhas Faço compras na Av. Sycaba	Vejo TV Converso com parentes Mexo no telefone Vejo séries Durmo
A11 Feminino	Arrumo casa Levo e busco o irmão na escola	Faço o para casa e durmo	C3 Feminino	Mexo no celular e no computador Faço minhas tarefas Arrumar a casa Lavar a louça Lavar minhas	Mexo no celular e no computador Dormir

				roupas	
A12 Feminino	Mexo no celular Ajudo a mãe com as encomendas Fico de boas Vou para a rua com as amigas	Assisto TV Às vezes saio com a família Mexo no celular	C4 Masculino	Olho meu irmão de três anos e minha mãe vai trabalhar	Quando minha mãe chega eu vou fazer as tarefas da escola e depois eu vou jogar
A13 Feminino	Deito e leio livro Lavo vasilhas Busco os irmãos na escola Levo os irmãos para o treino	Estudo Mexo no celular Durmo	C5 Masculino	Faço meu dever Assisto TV ou mexo no celular do irmão Treino futebol	Assisto culto na televisão Vou ao culto Vejo TV/ filmes Janto e durmo
B1 Feminino	Lavo a louça Tomo sol Varro a casa Limpo os armários Recebe a tia Tempo livre a partir das 16hr	Converso com os amigos Pinterest Lista de tarefas para o dia seguinte Hidratação do cabelo Redes sociais Fico com meu irmão Diário (00h00min) Dormir	C6 Feminino	Busco o irmão Faço faxina Lavo vasilha Lavo roupa Vejo série Durmo Vou à av. Sycaba	Faço janta Deito e mexo no celular Tomo um sorvete ou faço um doce pra me distrair Durmo
B2 Masculino	Ajudo nas tarefas de casa Busco minha irmã na escola Encontro meu pai e fazemos faxina Tempo livre: assisto séries Faço exercícios Leio livro Mexo no celular	Faço meus cuidados pessoais Espero meu pai chegar Ajudo no jantar Janto com a minha família Vou ao culto Mexo no celular Projeto meu dia seguinte Prático a lei da atração	C7 Masculino	Converso com meus amigos Lavo a louça Varro a casa – às vezes Vou jogar	Jogo Vejo anime Jogo mais um pouco Durmo
B3 Feminino	12h00min levo meu irmão para a escola Arrumo casa Vejo séries Vejo TV Busco meu irmão na escola	Faço atividade Faço minha própria aula de dança Vejo minha mãe ir trabalhar Durmo	C8 Feminino	Durmo Mexo no celular Vou para o treino de futebol Cochilo Levo e busco meu irmão caçula para a escola	Chego em casa, janto e vou dormir (meu sono é regulado. To tentando) Sexta feira vou jogar com os amigos (celular – não tenho hora

					para dormir)
B4 Feminino	Lavar vasilha Arrumo casa Durmo	Faço comida Converso com minha família Vejo filme e Youtube Mexo no TikTok Mexo no celular Assisto TV Durmo	C9 Feminino	Arrumo casa Mexo no celular Autocuidado (cabelo) Busco o sobrinho na van	Faço arroz Mexo no celular Vou à igreja Durmo
B5 Masculino	Preparo almoço Descanso um pouco Estudo Limpo a casa Cuido do meu irmão	Faço a janta Fico jogando até 22h30min Durmo	C10 Feminino	Vejo TV Brinco com meu irmão Jogo no celular	Lavo vasilha Vejo TV Brinco com a minha gata
B6 Feminino	Faço almoço Vejo TV Arrumo casa Danço Tiktok/ funk Busco as gêmeas na escola	Faço a lição de casa arrumo meu material Saio Durmo	C12 Feminino	Arrumo a cozinha Lavo os pratos	Janto, mexo no celular e durmo
B7 Masculino	Olho no celular o dia todo Não faço nada	Durmo Às 22 ou às 23 h			

Fonte: Dados da pesquisa.

Dedicar tempo aos estudos fora do turno escolar foi descrito por apenas cinco estudantes, que se referiram tanto aos deveres (trabalho, para casa, atividades incompletas ou preparação para avaliação), quanto a outros estudos de interesse próprio, como línguas estrangeiras (inglês e coreano). Ao estudar os jovens que moram no bairro Vietnã, em Recife, em um contexto que guarda similaridades com o cotidiano descrito pelos estudantes da EMMECB, Franch (2000), descreveu algumas considerações em relação à continuidade dos estudos em casa:

Estudar em casa, no entanto, não é prática muito citada pelos jovens, mostrando a pouca continuidade dos estudos da escola no próprio domicílio. Alguns por falta de tempo, envolvidos como estão em mil atribuições de formação ou para ganhar o pão. Também por falta de espaços adequados no próprio domicílio, a única mesa ficando na cozinha, onde raramente faz-se uma refeição coletiva, estando o estudo sujeito a interrupções alimentares constantes. Fundamentalmente, porque as matérias não interessam muito, porque não são excessivas as exigências da escola para estudar em casa (FRANCH, 2000, p. 131).



Ao refletir sobre as responsabilidades que os estudantes assumem em seus lares, dado o contexto dos bairros que se situam nas periferias das cidades, as considerações feitas pela autora também correspondem ao dia a dia dos adolescentes envolvidos neste estudo, seja pela grande quantidade de atividades e obrigações que compõem seu dia a dia, ou pelo cotidiano de seus lares, onde os adultos saem muito cedo para trabalhar longe de casa, passam o dia inteiro distante dos filhos, com quem dividem algumas das responsabilidades domésticas e familiares, tal como transcrito do Diário de Campo:

Uma estudante fez muitas anotações no quadro, transbordando os limites, o que chamou a atenção de quem estava perto:

- Nossa! Você faz isso tudo?! (Questionamento feito por uma colega)

Ela respondeu assim:

- Tá pensando que vida de casada é fácil? Vida de casada é assim! Casa para cuidar, roupa pra lavar e eu ainda tenho as minhas coisas, o meu trabalho!

Esta estudante tem aproximadamente 15 anos e mora na casa do namorado, com o consentimento da mãe. Não foi emancipada nem tem contrato de casamento, mas é reconhecida pelos colegas como uma pessoa casada (CADERNO DE CAMPO, 20/05/2022).

Por vezes, se faz necessário duvidar do que é aparentemente óbvio, questionar o que parece incontestável, estranhar o que é tido como familiar e buscar elementos que auxiliem na compreensão da identidade dos jovens. Os registros escritos e as conversas dos estudantes tornam visível um cotidiano que inspira atenção, dado que se soma à condição de empobrecimento das famílias, uma sobrecarga de trabalho e obrigações que podem comprometer o pleno desenvolvimento dos adolescentes e seu direito à educação.

Os responsáveis pela estudante a que se refere o registro do caderno de campo já haviam sido acionados pela escola para prestarem esclarecimentos sobre esta situação. Os órgãos de assistência social e proteção à criança e ao adolescente acompanhavam e orientavam a família sobre eventuais irregularidades no cotidiano vivido pela estudante. No entanto, ao final do mês de junho de 2022, a família optou por transferi-la para outra escola, o que fez com que a estudante abandonasse a pesquisa. Ao conhecer melhor a realidade dos estudantes, cabe interrogar a escola em que medida seu currículo e suas práticas pedagógicas buscam articular de modo significativo o contexto em que se vive.

Ainda sobre as tardes, ao descreverem rotinas reconhecidas como tempo livre, os estudantes enumeraram atividades desenvolvidas em casa como ver

televisão (TV), utilizar telefone ou computador com redes sociais, dançar, cantar, fazer exercícios, praticar esportes, dormir, descansar, cochilar, ler livros e brincar. Apenas quatro estudantes descreveram atividades fora do ambiente doméstico ao se referirem à avenida principal do bairro, denominada Avenida Sycaba como lugar onde “saem” ou “vão” no tempo livre.

Ao reconhecer nas descrições dos estudantes a prevalência do ambiente doméstico como espaço de vivência do tempo livre, me recordei do questionamento feito pelas famílias quando apresentei a pesquisa e do modo como se preocuparam com a possibilidade da investigação incluir caminhadas fora da escola, pelas ruas do bairro. O desejo de afastar a juventude da rua se relaciona com representações negativas do espaço público, com a correlação entre a adolescência como uma fase problema que precisa ser controlada. Por outro lado, se relaciona também com a carência e ausência de espaços que garantam o direito ao lazer e à fruição do tempo livre, o que acaba por excluir ou restringir as experiências dos jovens nas ruas do bairro e da cidade.

Outro fator que pode ter colaborado para o confinamento dos adolescentes em casa foi consequência dos hábitos adquiridos durante o isolamento social decorrente da pandemia. A mudança no cotidiano das famílias restringiu os espaços de usufruto do tempo livre dos adolescentes ao ambiente doméstico. Oportuno, nesse contexto, explicar que:

A maior parte dos adolescentes se manteve confinada em casa durante o tempo de distanciamento social, sem a realização de atividades ao ar livre e sem interação com os amigos — o que resultou na redução das práticas esportivas e do tempo de atividade física, e na piora dos hábitos sedentários, como tempo em frente ao computador e telas de TV (MALTA et al, 2021, p.9-10).

Ao conversar sobre as atividades relacionadas ao tempo livre, os estudantes se queixavam que mesmo após a flexibilização das regras sanitárias, suas experiências se reduziam ao interior de suas casas e aos ambientes virtuais. Neste contexto, algumas alternativas a este cenário de medo e privação enfrentado pelas famílias que vivem nas periferias, demandam proposições institucionalizadas de tempos e espaços públicos. Sobre este cenário:

É urgente equacionar essa precarização das formas de viver como um problema social, político, moral, de negação do direito mais básico de grandes setores de nossa sociedade, e, conseqüentemente, equacionar



#### 4.2.1.3. Os finais de semana

O final de semana estimula a busca por novidades e mudança nas rotinas. Ao ficarem livres de algumas obrigações, ainda que permaneçam em casa, surge à possibilidade de usufruto desses espaçotempos como uma oportunidade privilegiada para os adolescentes buscarem experiências através das quais, desenvolvam identidades individuais e coletivas, a partir das relações de sociabilidade.

**Quadro 3-** Rotina durante os finais de semana

	Manhã	Tarde	Noite	Est	Manhã	Tarde	Noite
A3 Fem	Variado ou aleatório	Variado ou aleatório	Janto, tomo banho e durmo	B8 Mas	Acordo tarde, brinco com os cachorro Acordo cedo, vou para avenida com meu pai ajudar nas vendas	Ajudo nas tarefas de casa Descanso Tempo livre Saio	Vou para a igreja Durmo
A8 Fem	Faço obrigações Faço os deveres	Ensaio dança das 14 às 16h30min Durmo Me arrumo para ir à igreja	Vejo TV Jogo vôlei Leio livro Durmo	B10 Fem	Acordo, tomo café, faço compras com meu pai e o resto da manhã é nada	Vou pra casa da minha mãe, dou banho no cachorro, lavo cabelo, saio O resto da tarde é nada	Tomo banho, janto De 20 às 21h00min é nada Durmo
A10 Mas	Durmo até 12 hr Saio	Vejo série Durmo Saio	Saio Vejo TV Durmo	B11 Fem	Vou para a casa de parentes Autocuidado (progressiva no cabelo) Acordo tarde	Sento na rua	Mexo no telefone Volto para casa Assisto televisão Vou dormir “que segunda é dia de preto”
A11 Fem	Fico em casa ou saio	Vejo TV ou saio	Tomo banho, janto e vou dormir	C3 Fem	Acordo e faço todas as minhas coisas	Faço as minhas coisas Às vezes faço macarrão Durmo	Mexo no celular e no computador Dormir

A12 Fem	Acordo cedo/ tarde Saio com a família Faço almoço	Fico a tarde toda fora Faço skincare Me arrumo para ir à igreja	Me arrumo para sair de novo Vou à igreja Janto e durmo	C4 Mas	Eu acordo 07h00min e vou para a avenida vender papagaio	Chego em casa 12h30min Durmo Vou para o festival de papagaio	Faço rabiola Janto e vou dormir
A13 Fem	Acordo Mexo no celular Converso com minha mãe	Lavo vasilhas Durmo um pouco Mexo no celular Brinco com minha mãe Lê livro	Mexo no celular Vou para a igreja Vou à casa da sogra Durmo	C5 Mas	Faço o dever	Assisto TV Faço dever Mexo no celular da minha mãe	Vou à igreja Mexo no celular da minha mãe Janto e durmo
B1 Fem	Dorme a manhã toda Limpa tênis Lava uniforme Arruma o quarto	Grande parte do tempo é livre: Youtube, livros, ouvir música, filme Auto cuidado (hidratação, tônico capilar, esfoliação, pintar unhas, finalização do cabelo) Às vezes vou à pracinha com meus amigos	Amigos Diário Dormir beem tarde Ver TV Lista de tarefas	C6 Fem	Vou para o bairro NovaContagem Vou para alguma resenha Acordo e fico de ressaca	Durmo e acordo Continuo de ressaca	Saio e bebo muito Aproveito muito Costumo fazer tudo isso toda semana
B2 Mas	Ajudo na faxina Ajudo no almoço Faço meu dever Leio um livro	Lavo louça Vejo séries Saio com meus amigos Faço para casa Assisto TV	Janto na casa dos meus avós Mexo no celular Assisto série até de madrugada Arrumo meus materiais Durmo	C7 Mas	Durmo até 11h00min	Almoço 12h30min Vejo anime até 17h00min A cada duas semanas meu pai me visita	Jogo Vejo anime Jogo mais um pouco Durmo
B3 Fem	Acordo, arrumo a cama Estudo	Jogo futebol Ajudo minha mãe Deito e durmo Descanso Faço	Saio com minha mãe para comer Arrumo meu material Durmo	C8 Fem	Vou para o treino ou para o campeonato	Durmo Mexo no celular Jogo com os amigos Arrumo o quarto	Vou jogar no celular, não tenho hora para dormir

		skincare					
B4 Fem	Ajudo a arrumar a casa Arrumo meu quarto Vou à casa da minha tia Vou à escola bíblica Mexo no celular	Assisto filme ou novela Visitar a avó ou a irmã Vou para a igreja	Arrumo as coisas da escola Mexo no celular Durmo	C9 Fem	Mexo no celular Vou para a igreja	Arrumo casa Mexo no celular Autocuidado (cabelo)	Me arrumo Vou para a igreja
B5 Mas	Mexo no celular Vejo TV Fico jogando	Jogo a tarde inteira Estudo matemática	Assisto anime até 01h00min Jogo Durmo	C10 Fem	Faço para casa e brinco com meus irmãos	Vejo TV Vejo Youtube Vejo futebol	Vejo TV
B6 Fem	Durmo até 12h00min	Vou para a casa da minha avó Vou para a casa da minha bisavó	Mexo no celular Fico até 00h conversando com um menino que gosto Durmo	C12 Fem	Arrumo o quarto Me arrumo	Almoço, mexo no celular e lancho	Vou para igreja Durmo
B7 Mas	Durmo a manhã inteira	Acordo 11 ou 12 h	Durmo demais				

Fonte: Dados da pesquisa.

Apesar da prevalência de algumas obrigações domésticas e trabalhos, os estudantes descreveram que aos sábados e domingos desenvolviam atividades relacionadas ao lazer e ao tempo livre, em casa ou em outros lugares, incluindo locais fora da rotina semanal. O espectro de rotinas do tempo livre era composto por cuidados pessoais, atividades destinadas a satisfazer necessidades de autorrealização como hobbies, atividades religiosas, ler livros e atividades recreativas como reuniões de família, participação em eventos esportivos, entre outros<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> O espectro de atividades aqui descrito se inspira nos termos Rotinas do Tempo Livre, Atividades Intermediárias de Tempo Livre e Atividades Recreativas, utilizados por Franch (2000) ao referir-se ao “espectro do tempo livre” - tipologia proposta por Elias e Dunning de forma a facilitar o estudo e a caracterização de atividades observáveis nessas esferas da vida humana. Apesar da análise de Elias e Dunning concentrar-se nas atividades recreativas com enfoque especial no esporte, o “espectro do tempo livre” se apresenta como “uma via útil para começar a trabalhar esses temas, até porque muitas das atividades, como eles afirmam, se ‘sobrepõem’, partilhando características comuns a outras esferas” (p. 23-24).

As manhãs foram descritas como oportunidade de dormir até mais tarde, dormir o tempo inteiro ou como espaçotempo de autocuidado. Eles fazem *skincare*<sup>19</sup>, hidratam, trançam, pintam, escovam ou alisam os cabelos, seja na própria casa ou na casa de familiares. Para Franch (2000, p. 98-99) “o ato de tomar banho e de trocar de roupa expressa uma mudança de registro para os jovens” e “marca o momento de intensificar a sociabilidade” ansiado nos finais de semana.

Os adolescentes cuidam da própria imagem, incorporando elementos do consumo e da moda, dos grupos a que pertencem, das referências familiares ou midiáticas em que se espelham, utilizando elementos estéticos que traduzam a sua identidade. De acordo com Franch (2000, p. 98) o modo com que descrevem como se arrumam “tem um caráter próximo ao do ritual” que extrapola a obrigação com o autocuidado: “fortalece a identidade do grupo de amigos, faz a ligação entre diversos instantes do cotidiano” e opera como “uma mudança na temporalidade”.

Nas manhãs de sábado e domingo, alguns estudantes elencaram a participação em atividades esportivas por meio de competições, treinos das equipes da região ou como espectadores, assistindo jogos de futebol no campo ou na quadra da EMVJFA. Dois estudantes disseram trabalhar aos finais de semana, auxiliando os pais ou realizando atividade informal; outros visitam a casa de familiares ou vão à igreja; há ainda aqueles que aproveitam para estudar e fazer os deveres da escola.

Durante as tardes, atividades como jogar, ir à igreja, dormir, sair, visitar familiares ou receber a visita de familiares (tios, primos ou pais que moram separados) se repetiram e se intensificaram. Uma estudante relatou consumir bebidas alcoólicas e sentir consequente “ressaca”. Sobre o uso de bebidas alcoólicas na adolescência, Malta et al (2021) faz a seguinte reflexão:

O seu consumo entre adolescentes brasileiros é elevado (cerca de 25%) e está associado a práticas de socialização e a festas e celebrações com os amigos. A análise dos dados da PeNSE mostra que as festas foram o principal meio de obtenção de bebidas alcoólicas pelas meninas (44%), seguidas pelos amigos (23%) (MALTA et al., 2021, p. 10).

As festas, também descritas como “resenhas”, foram mencionadas por outros estudantes em conversas durante os encontros. No entanto, as anotações dos quadros não as registraram em suas rotinas. Não tendo a intenção de vigiar ou

<sup>19</sup> Limpeza de pele, hidratação.

punir, o quadro, enquanto instrumento de investigação, pretendia melhor compreender o cotidiano dos estudantes.

Alguns estudantes relataram sair para casa de amigos ou familiares durante a noite, em visitas formais, outros vão à igreja, mas, a maioria permanece em casa, vendo TV, acessando redes sociais, utilizando o celular, organizando os materiais escolares e a rotina da semana. A relevância destes instantes não se dá pela recorrência, mas, sim, pelos elementos referentes à trajetória de socialização dos estudantes, imersos em contextos culturais e redes de relações sociais como família, amigos, meios de comunicação, igreja, grupos juvenis, que se entrecruzam simultaneamente.

#### 4.2.1.4. Debate sobre o tempo livre

Os quadros com as rotinas foram devolvidos para os estudantes com o intuito de que tentassem identificar pontos em comum nas suas rotinas, locais onde se encontravam, coisas que faziam e o que faziam no tempo livre. Os grupos foram formados por afinidade, incluindo três a cinco pessoas. Após a análise, os estudantes apresentaram oralmente uma síntese da conversa.

Durante esta atividade, os adolescentes conversaram sobre práticas sociais relacionadas ao contexto da juventude, sobre lugares que gostariam de frequentar (como clubes ou academias), coisas que gostariam de ter (celulares, videogame, computador), oportunidades que julgavam distantes do seu cotidiano (ir ao shopping, ao cinema, ao parque de diversões). O conjunto de atividades das quais gostariam de fazer parte e pertencer, é marcado pela cultura que os constitui e por aspectos socioeconômicos relacionados aos padrões de comportamento e consumo associados à juventude, ao tempo livre e ao lazer.

Oportuno citar que:

Na sociedade pautada pela indústria cultural, as identificações se constituem por meio das imagens industrializadas (p. 93). Certamente, poucos são os que podem consumir todos os produtos que são oferecidos ao adolescente contemporâneo, mas a imagem do adolescente consumidor espalha-se e difunde-se inexoravelmente por toda a sociedade, oferece-se à identificação de todas as classes sociais (op. cit., p. 93), por meio da publicidade e da televisão (FELIZARDO JUNIOR, 207, p. 87-88).



Ao se analisar os relatos, eles traziam uma angústia descrita por aquilo que não possuíam, relacionada a espaços aonde não iriam, experiências que não viveriam, seja por estarem geograficamente distantes desses lugares ou por consequência do contexto socioeconômico onde estão inseridos. Segundo Vago (2009, p. 26), os estudantes são produtores e produtos de uma cultura onde “sua condição de classe, seu pertencimento étnico, seu gênero, a escolha de sua sexualidade, são marcas de suas histórias, significantes para suas vidas”.

Pode-se observar, ainda, que a pluralidade de fatores que forjam as identidades juvenis se articula com padrões de comportamento associados ao consumo e sujeitam os jovens oriundos das camadas mais empobrecidas à frustração diante da falta ou impossibilidade de possuir esses bens e produtos. Assim, ao apresentar as sínteses dos debates desenvolvidos nos pequenos grupos, os estudantes se referiam aos momentos em que se encontravam e aos pontos onde se distanciaram em diferentes lugares, desenvolvendo atividades cotidianas.

Na turma 80B foram formados três grupos. No primeiro, os estudantes só se encontravam na escola e, em comum, identificavam o fato de passar as tardes em casa, vendo TV, lendo, jogando, usando a *internet* ou o celular. O segundo grupo foi formado por amigas que se encontravam, prioritariamente, na escola. Uma das adolescentes passa as tardes e noites em casa, enquanto as outras duas se reencontram ao buscar e levar os irmãos na escola, durante as tardes. O terceiro grupo descreveu ter em comum, aproveitar o tempo livre em casa ou visitando os parentes.

Na turma 80A, os estudantes formaram três grupos. O primeiro grupo tinha cinco estudantes, sendo duas amigas com rotinas em comum fora da escola (passeando pelo bairro juntas), enquanto os demais descreveram rotinas muito diferentes, incluindo academia, passeios de bicicleta pela região ou ficando em casa. O segundo grupo foi constituído por estudantes que fizeram parte da discussão inicial da aula e se juntaram no mesmo grupo por vontade própria. Duas estudantes se encontram no tempo livre, vão à casa uma da outra ou passeiam pelo bairro. Outra estudante, que no tempo livre fazia academia e vendia pulseiras artesanais pelo seu perfil em rede social, afirmou “eu estou em 1º lugar”, ao justificar suas escolhas e rotinas. Os demais estudantes relataram rotinas domésticas e reclamaram das obrigações em casa. Uma estudante expôs que estudava por conta

própria inglês e coreano pelo computador, relato este que despertou o interesse e a curiosidade das outras adolescentes. Foi observado que a troca de experiências aguçou a curiosidade entre eles, levando-os a combinar de fazer coisas em comum depois da aula.

No último horário reuni os estudantes da turma 80C, mas não havia espaço disponível para a “aula de projeto”. O refeitório, salas, biblioteca e o auditório estavam ocupados. Na quadra havia ensaio de dança das turmas de 5º ano do ensino fundamental. Devido a estas intempéries, a turma foi organizada no estacionamento, em grupos, tal como nos encontros anteriores.

Na apresentação da síntese e das impressões, o primeiro grupo, formado por rapazes e uma moça, relatou que treinava no mesmo time de futebol. O segundo grupo, formado por três amigas, descreveu que visitava as casas umas das outras, sob o pretexto de estudarem juntas, mas que aproveitavam para conversar outros assuntos e comer lanches gostosos. O terceiro grupo, formado por estudantes que moravam muito distantes uns dos outros, tinha em comum o fato de passarem muito tempo em casa, mas se distinguíam nas rotinas e nos gostos. Um estudante descreveu os jogos digitais como um vício no tempo livre, quase uma obrigação, enquanto outro estudante só descreveu obrigações, ao dizer que cuida do irmão enquanto a mãe trabalha, faz papagaio (pipa) para vender nos finais de semana e que é livre para estudar o que gosta (no caso, de matemática).

As rotas e trajetórias da pesquisa foram se tornando perceptíveis à medida que os “encontros de projeto” traçavam o desenho das relações entre os estudantes e os espaços dedicados ao tempo livre, mapeando o território dessas experiências. Na hipótese inicial da pesquisa, eu considerava que os estudantes utilizavam a quadra e outros espaços escolares no tempo livre e que, conseqüentemente, as representações construídas a partir dessas experiências coabitavam o espaço escolar e as aulas de Educação Física.

No entanto, apesar da possibilidade de uso desse espaço, nenhum estudante o descreveu como espaço de usufruto do tempo livre, nem durante a semana, nem aos finais de semana. É possível que outros fatores tenham colaborado para este cenário, tais como a experiência do isolamento social decorrente de dois anos de pandemia de Covid-19, os relatos de preocupação com a violência e criminalidade relacionados ao bairro ou a ausência de espaços coletivos e equipamentos públicos

destinados ao lazer e ao tempo livre. Há ainda a possibilidade dos estudantes que utilizam o espaço escolar não tenham se interessado em participar da pesquisa.

Diante das experiências e representações apresentadas pelos estudantes, foi necessário refletir sobre os caminhos da pesquisa-ensino frente aos desafios que se apresentaram, ampliar a perspectiva dos estudantes frente ao território do Icaivera, incluindo outros lugares para o usufruto do tempo livre, superar a invisibilidade dos espaços escolares da EMMECB, reconhecer seu pertencimento a este território e suas possibilidades, de a Educação Física colaborar na reflexão sobre estes espaço-tempos, dentro e fora da escola.

#### 4.2.2 Mapas e desenhos

Na continuidade das ações que buscaram investigar as representações associadas às vivências do tempo livre dos estudantes, tornou-se necessária a utilização de dispositivos que traduzissem em imagens a realidade observada e experimentada por eles. Uma das alternativas desse estudo incluiu desenhos e mapas produzidos por eles, cartografando os espaços destinados ao lazer e à fruição do tempo livre.

A partir da cartografia do território de tempo livre dos estudantes, foi possível mapear os lugares nos bairros e traçar linhas que entrelaçam as pessoas, o ambiente que habitam e os sentidos que constroem e atribuem a este território. Além disso, ampliar a perspectiva sobre o território, possibilitando lembrar práticas que haviam caído em desuso (como consequência das medidas de isolamento social na pandemia) e reaprender a povoar espaços já conhecidos, ou imaginar novas possibilidades de práticas, ocupando novos lugares.

##### 4.2.2.1. Os desenhos

A “aula de projeto” que ocorreu em junho coincidiu com um período dedicado a ensaios, aplicação de prova da OBMEP, entre outros preparativos para a festa. A proposta do encontro consistiu em representar, por meio de um desenho/mapa, os locais onde os estudantes aproveitavam o seu tempo livre, demarcando a distância entre estes espaços e a escola, no intuito de tentar compreender os motivos que os

levaram a não mencionar o espaço da EMMECB como lugar de usufruto desse tempo.

Na turma 80C, os estudantes foram reunidos na cantina da escola, onde orientei a atividade, os registros e acompanhei as conversas que permearam este encontro. Na turma 80A, foram reunidos quinze estudantes na cantina. Os adolescentes tiveram muita dificuldade para entender e se concentrar na atividade proposta, tanto pela agitação da escola e a preparação para a festa junina, quanto pela dificuldade em representar através de um desenho/mapa feito à mão, os lugares relacionados ao tempo livre, as distâncias e os percursos em relação a estes lugares e a escola.

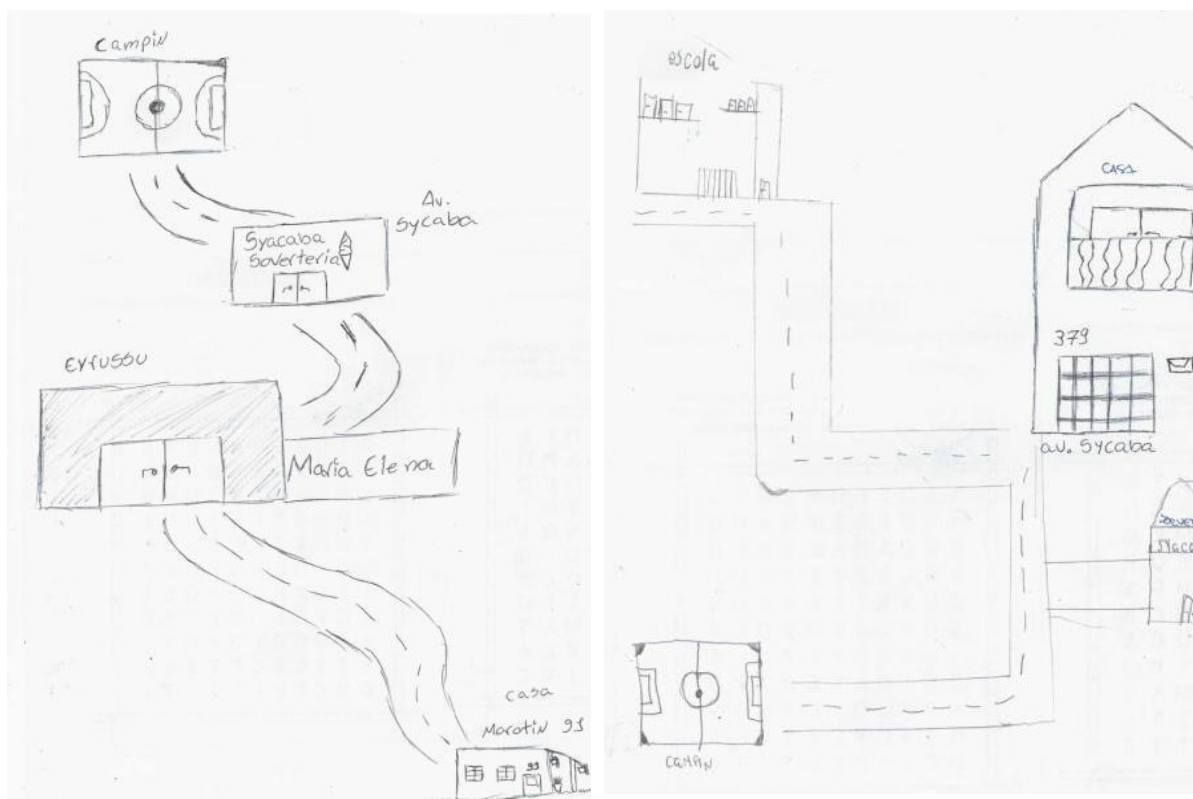
No último horário, tentamos realizar o encontro com a turma 80B na cantina. O movimento de estudantes ajudando a decorar a escola, conversando animados e fazendo barulho, transformavam a paisagem da escola, sem que isso colaborasse com o encontro desta turma. Os estudantes queriam elaborar listas, mas insisti para que usassem desenhos/mapas e expliquei a importância de experimentar a representação de espaços, lugares e distâncias em relação à escola.

Ao final do dia, foram produzidos pelos estudantes 37 desenhos. Os dados e informações referentes a estes registros foram organizados em três quadros, cujas colunas se referem ao bairro/região onde moram e considera as seguintes descrições: Icaivera, como uma porção do bairro mais próxima à escola; Morrão (assim chamada pelos moradores), como região do bairro Icaivera que fica na parte mais alta e mais distante da escola; Parque do Cedro, bairro que não possui escolas, o que obriga as crianças e jovens a estudarem no Icaivera, em Betim. Não foram mencionados outros bairros vizinhos (como Santo Afonso, Boungevillie ou o Icaivera, em Contagem). Com relação aos lugares para usufruto do tempo livre, as colunas correspondem à variedade de descrições registradas pelos estudantes por meio dos quadros referentes às turmas 80C, 80A e 80B, respectivamente (Apêndices 2, 3 e 4).

Na 1, observam-se dois desenhos diferentes que detalham os espaços nas casas onde os estudantes usufruem o tempo livre. À esquerda, uma estudante desenhou uma varanda que, segundo ela, era aproveitada para praticar esportes com o irmão. Há, ainda, o desenho de um fogão à lenha no quintal que, segundo descrito pela mesma, corresponde a um lugar onde a família aproveita para se reunir

e fazer refeições, eventualmente. Já no desenho à direita, a estudante ilustra a varanda no segundo andar da casa que corresponde a um lugar onde ela passava o tempo olhando as pessoas para depois conversar com as amigas.

**Figura 1** – Desenhos referentes aos locais de usufruto do tempo livre de duas estudantes da turma 80A

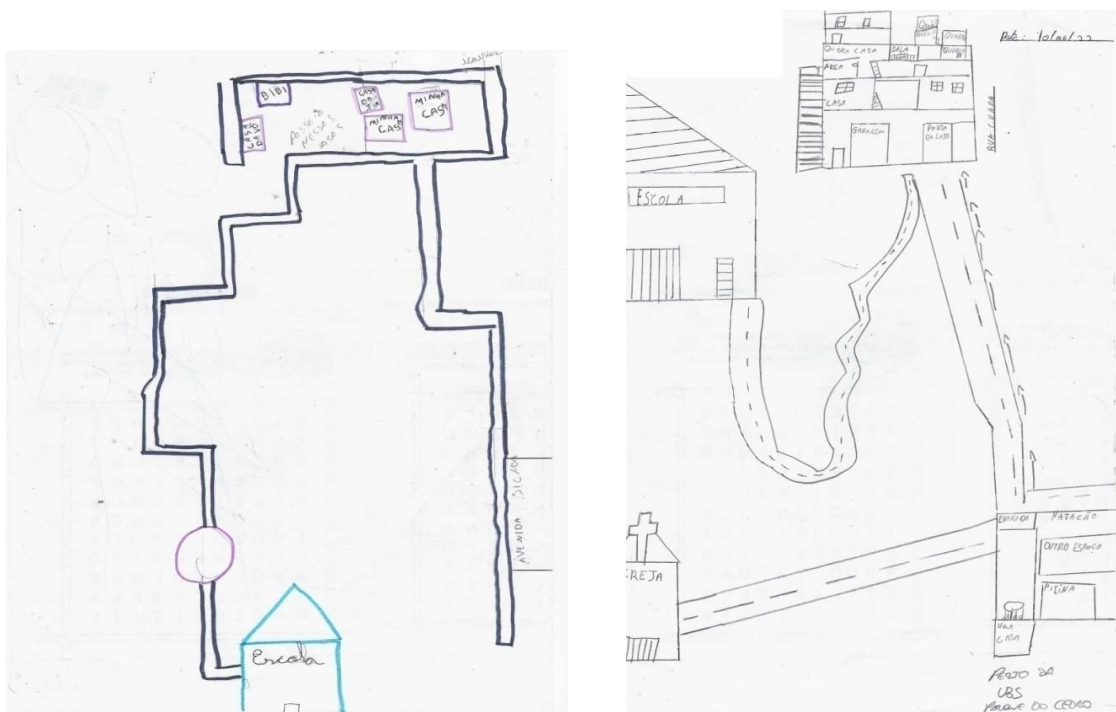


**Fonte:** dados da pesquisa produzidos pelas estudantes identificadas com A8 e A12.

Outros detalhes na representação das casas e nas conversas entre os estudantes durante o encontro, elucidaram como o fato de visitar a casa de outras pessoas ou familiares descrito no quadro de rotinas, não necessariamente implicava em sair do lote onde reside ou da rua onde mora. Em algumas famílias, tios, primos e irmãos constroem suas casas dividindo o mesmo lote, outros estudantes, que residem em barracões de aluguel, dividem o espaço do mesmo lote com outras famílias sem vínculo de parentesco, mas que moram em outros barracões e fazem parte do cotidiano dos estudantes. Os desenhos da Figura 2 ilustram tal situação. No primeiro, a estudante representou as casas dos familiares e sua proximidade por estarem no mesmo lote ou na mesma rua. No segundo desenho é possível notar a

presença de várias casas em um mesmo lote, representadas em sobreposição dado que é uma região em aclive:

**Figura 2** - Desenhos referentes aos locais de usufruto do tempo livre de dois estudantes da turma 80A



Fonte: dados da pesquisa produzidos pelos estudantes identificados como A8 e A9.

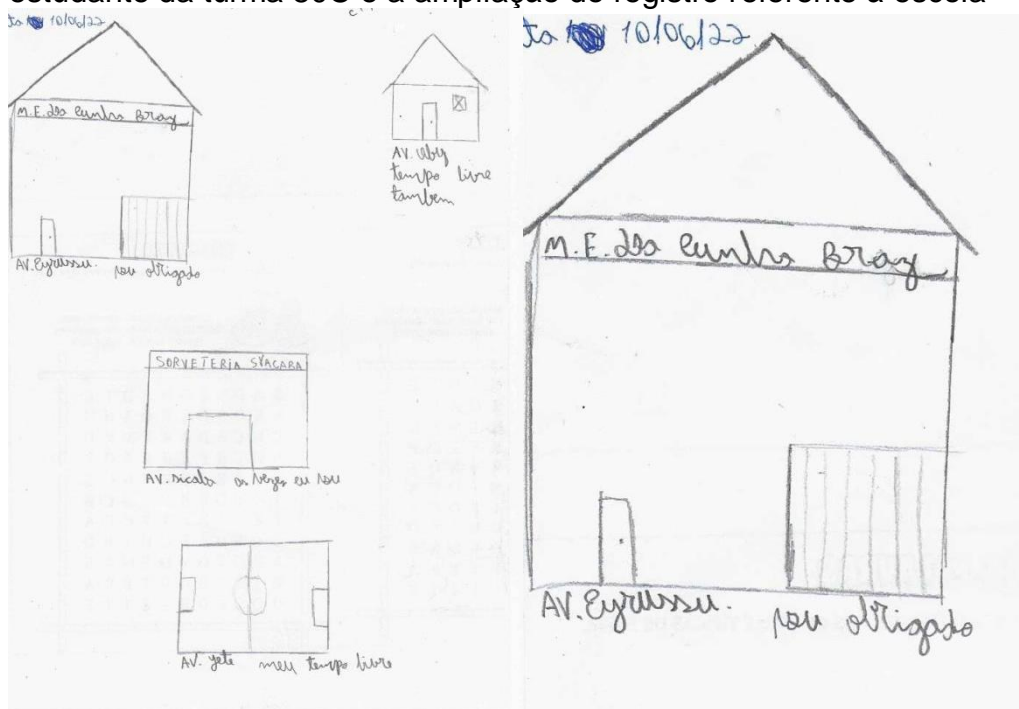
Levando em consideração que os quadros de rotinas não relatam rotinas na escola relacionadas ao tempo livre, os estudantes foram orientados a acrescentar a EMMECB nesta atividade como um ponto de referência, com a finalidade de analisar a distância entre suas casas e a escola, ou os outros espaços relacionados ao tempo livre e melhor compreender elementos que justificassem aquela ausência.

A escola foi desenhada a partir de figuras bidimensionais como quadrados, retângulos e triângulos, sólidos geométricos que a representam como um bloco, cubo ou através de desenhos que tentam mostrar os detalhes observáveis na parte externa do prédio, como o portão da garagem, janelas com vidros quadriculados ou as portas das salas que se situam no segundo andar da edificação. Nestes registros sóbrios, as grades, a concertina sobre o muro e tantos outros elementos, reforçam a representação da escola como espaço rígido e disciplinado, moldando a forma de

existir ali dentro e mantendo a vigilância e repelência contra quem está do lado de fora.

Na Figura 3, o estudante acrescentou ao desenho uma subscrição que desperta a atenção por ir além da representação da escola como um ponto de referência, destacando-a textualmente como espaçotempo onde comparece por obrigação. Ainda que, na rotina das aulas de Educação Física, a quadra e os equipamentos da escola agucem o interesse e a curiosidade dos estudantes, prevalece nos desenhos, o registro do espaço escolar como um não-lugar para o tempo livre, local materializado pela associação à obrigação que, caso fosse facultativa, alguns abririam mão.

**Figura 3** – Desenho referente aos locais de usufruto do tempo livre de um estudante da turma 80C e a ampliação do registro referente à escola



**Fonte:** dados da pesquisa produzidos pelo estudante identificado como C14.

Apesar de não registrar nos desenhos a EMMECB como espaço para usufruto do tempo livre, dois estudantes mencionaram a presença de outra Escola(EMVJFA) como parte das atividades de tempo livre. Esta escola já havia sido citada na atividade referente ao quadro de rotinas como local para assistir os amigos jogarem. A EMVJFA está localizada no bairro Icaivera, Contagem, considerada uma região mais segura em função da presença regular da Guarda Municipal Patrimonial,

atuando de modo preventivo. Além disso, o uso dos espaços e equipamentos da EMVJFA compõe o cotidiano da comunidade escolar. A comunidade utiliza a quadra durante as noites e finais de semana para a prática de esportes e, eventualmente, os demais espaços escolares, para encontros promovidos pelas igrejas da região.

A infraestrutura das duas escolas não possui grandes distinções, com quadras poliesportivas, vestiários, bebedouros. O entorno das duas escolas é igualmente limitado e desprovido de locais para usufruto do tempo livre, característico desta região periférica segregada dos grandes centros urbanos. No entanto, o acordo social de uso dos espaços e a presença das pessoas transformam a relação da comunidade escolar com a escola, onde coabitam representações de obrigação e tempo livre, condensando num contexto precarizado, experiências do direito e usufruto de equipamentos da cidade.

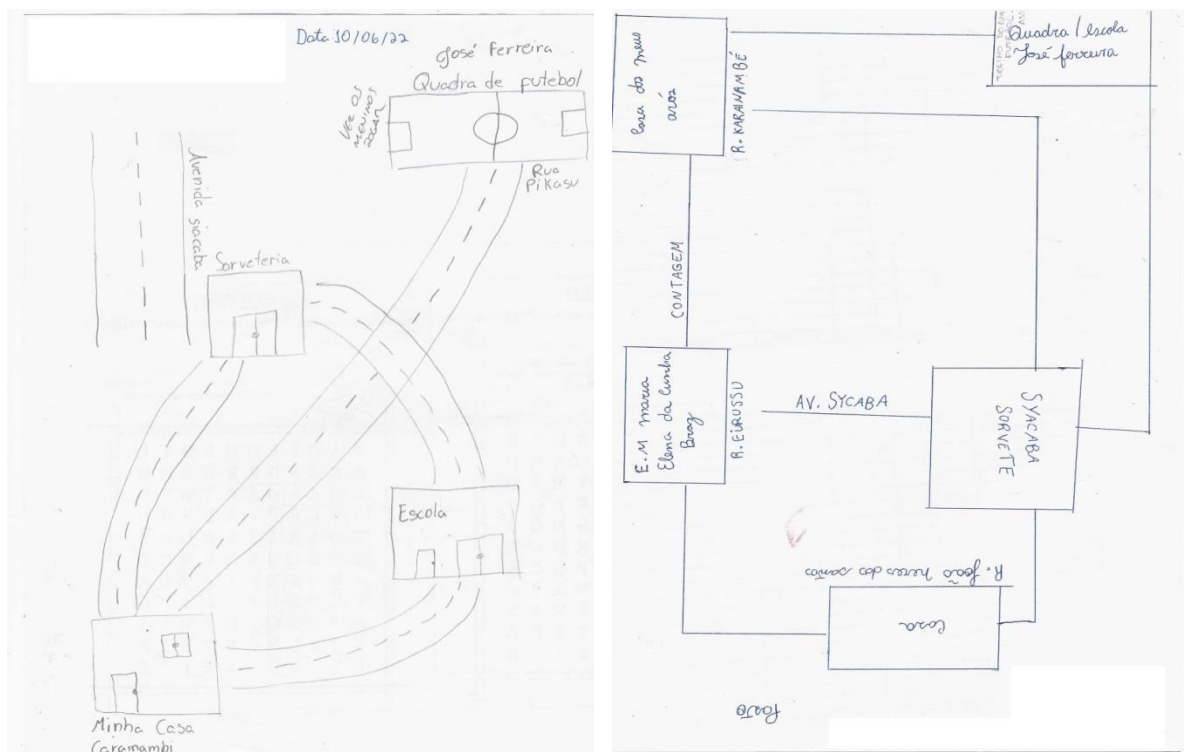
Mesmo admitindo a possibilidade de que os estudantes que utilizam o espaço da EMMECB não tenham se interessado em participar da pesquisa, os relatos, registros e desenhos que se referem à quadra da EMVJFA como parte do território de usufruto do tempo livre dos estudantes, provocam a reflexão sobre outra escola, em outra cidade, por ser reconhecida como parte destas vivências dos adolescentes.

Ao investigar e compreender o conjunto de usos e responsabilidades partilhados entre a EMVJFA e a comunidade escolar, tornou-se possível reconhecer nas representações associadas à EMMECB, um ponto de vista, eminentemente funcional, nos termos problematizados por Martins (2017, p. 215) onde a escola corresponderia a um espaço-tempo dedicado às demandas individuais dos alunos, “de aquisição de habilidades e competências, para a futura vida no mercado de trabalho”, atendendo às demandas correlacionadas ao “empreendedorismo que prioriza o ponto de vista da relação custo *versus* benefício”.

De outro modo, se pretendermos que a escola corresponda a um lugar privilegiado para a construção de relações menos desiguais e favoreça o exercício da cidadania dentro e fora das aulas, o uso de seus espaços e equipamentos pode, em alguma medida, interferir nas fraturas sociais relacionadas à falta de acesso e oportunidade de usufruto do tempo livre por parte da comunidade escolar.



**Figura 4** – Desenhos produzidos por estudantes das turmas 80B e 80C onde a EMVJFA foi citada



**Fonte:** Dados da pesquisa produzidos pelos estudantes identificados como A13 e B2.

Ao representar as casas e outros espaços utilizados no tempo livre em relação à escola, alguns estudantes representaram a distância entre estes lugares através do espaço em branco que existe entre eles, outros escolheram incluir nos desenhos, rotas que tentam representar o percurso que fazem ao frequentar esses lugares, a distância entre estes espaços, ou o relevo e a topografia dessas paisagens, a partir de linhas que se entrelaçam, se embaraçam ou tentam reproduzir a disposição das ruas e avenidas desse território (Apêndice 5).

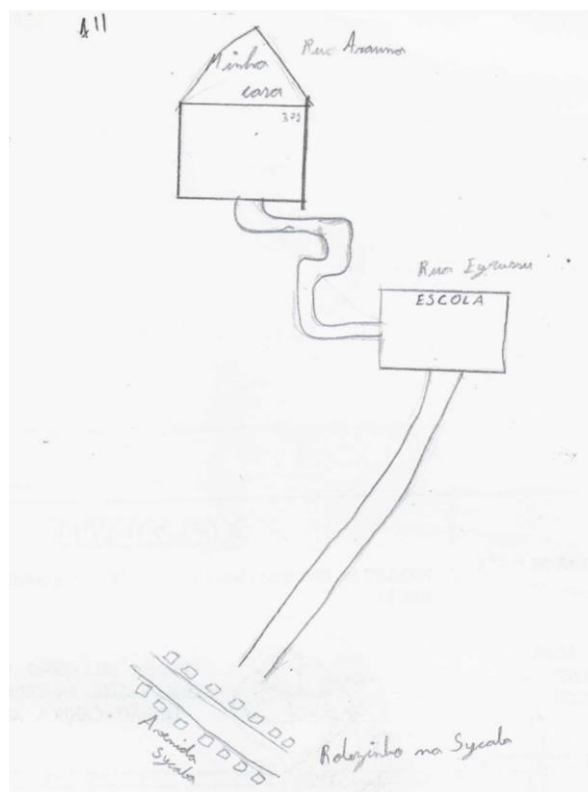
A as trajetórias e encontros dos estudantes foi retomada a partir de um desenho, que buscava uma solução para registrar o “rolezinho” no bairro: “como é que eu vou explicar que eu encontro as amigas na esquina e fico dando rolê no bairro? Não tem um lugar! A gente fica andando e vai andando até o campo!”. (CADERNO DE CAMPO, 10/06/2022).

Ao se referir à métrica pedéstrica proposta por Lévy (1999), Nunes Júnior (2009) descreve aspectos da experiência de caminhar pelas ruas da cidade como a apropriação mais íntima entre o sujeito e o espaço:

O encontro inesperado, a troca de olhares, a cena fugidia, o esbarrão com determinado obstáculo, a descoberta dos atalhos... Nessa percepção, a efetivação das relações sociais é, *a priori*, mais consistente, o que garante mais urbanidade à relação entre o sujeito e o espaço (NUNES JÚNIOR, 2009, p. 37).

A figura 5 destaca a solução de uma estudante que, ao desenhar uma rua, acrescentou a legenda “rolezinho”, a fim de que tornasse claro aquilo que seu desenho representava.

**Figura 5** - Desenho referente aos locais de usufruto do tempo livre de uma estudante da turma 80<sup>a</sup>



**Fonte:** Dados da pesquisa produzidos pela estudante identificada como A11

A rua pode ser reconhecida como um espaço vivo de experiências e possibilidades de novos encontros, no/pelo qual ao transitar, os estudantes estabelecem relações sociais e culturais. Para Certeau (1994), o espaço é a prática do lugar, animado pelos deslocamentos ou as formas como os sujeitos o transformam a partir de suas apropriações, ocupações e vivências. Deste modo, assim como o trajeto de ida e vinda para a escola, é possível compreender o

“rolezinho” como uma apropriação do espaço pelos estudantes, ele é “um cruzamento de móveis” e, portanto, um “lugar praticado”.

Com relação aos espaços onde os estudantes se encontram, os desenhos se completavam, compondo um mosaico de lugares e experiências compartilhadas entre eles. Um ponto de encontro comum entre todas as turmas foi a sorveteria Syacaba, representada em dezenove desenhos. Os estudantes relatam que ali se reúnem pelo prazer de desfrutar dos produtos e por encontrar outros jovens, pois a sorveteria se situa na principal avenida da região, ao lado da Escola Estadual João Guimarães Rosa.

Ao referir-se a lugares como este comércio, Lefebvre (2006, p. 130) descreve um contexto aonde “o consumidor também vem consumir o espaço”. Estes lugares são considerados privilegiados por assumirem outras finalidades, a partir do uso das pessoas, resignificando e subvertendo o sentido atribuído ao local, tornando-se “razão e pretexto para a reunião das pessoas; elas veem, olham, falam, falam-se”.

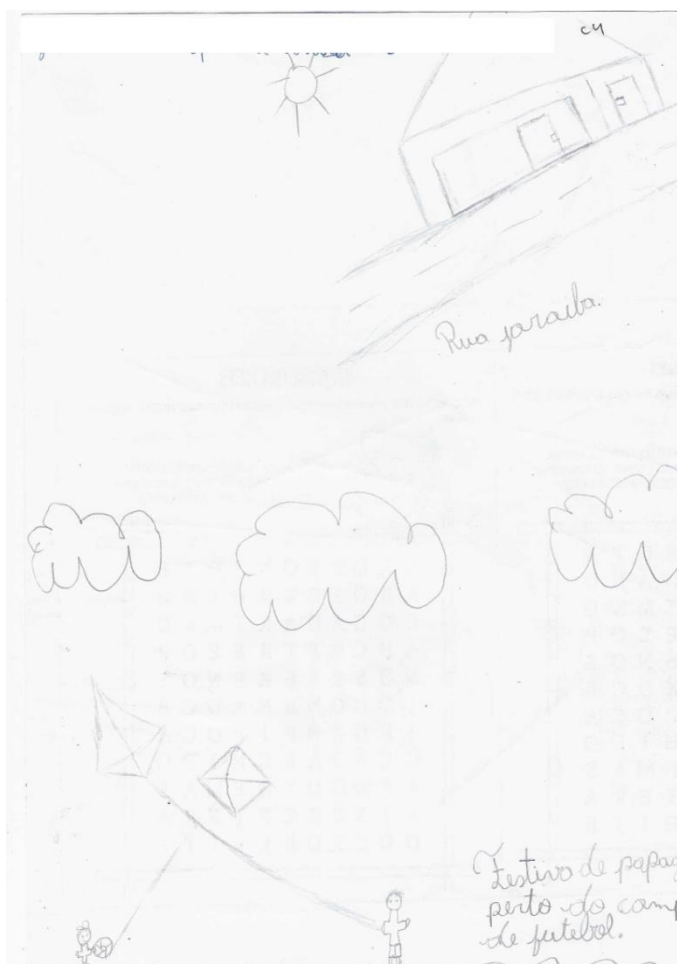
Outros lugares identificados em todas as turmas, que coincidiram em diferentes desenhos foram às igrejas cristãs (católicas e evangélicas). A discussão a respeito das Igrejas foi retomada, tendo em vista a presença em mapas de todas as turmas. A respeito da presença de instâncias socializadoras como a família e a igreja nos discursos dos adolescentes, pode-se sinalizar:

O fato de elas aparecerem em todos os discursos já indica que elas formam as redes de interação e os processos que tornam os nossos sujeitos interdependentes, não apenas entre si, mas com uma infinidade de outros sujeitos em outras instâncias que interferem e moldam os comportamentos dos indivíduos. Esta age, ao mesmo tempo, como instâncias que contribuem para praticar a moderação e controlar os seus impulsos (FELIZARDO JÚNIOR, 2007, p. 83).

Ainda acerca da sobreposição de representações em espaços de obrigação e do tempo livre, um estudante que vendia papagaios no bairro aos finais de semana comentou, enquanto desenhava, que estava animado com as barraquinhas da festa junina da escola: “as prendas são papagaios, né?! Se eu ganhar, posso revendê-los no final de semana!” Havia uma manifestação de orgulho por parte do estudante, que se sentia esperto ao reconhecer uma boa oportunidade para ganhar os papagaios e revendê-los, sem precisar trabalhar tanto no final de semana. Foi uma situação que me deixou impactada por ilustrar como o trabalho, a fruição das

barraquinhas da festa junina e o festival de papagaios, coabitavam a mesma descrição e expectativa.

**Figura 6** - Desenho de um estudante da turma 80C<sup>20</sup>



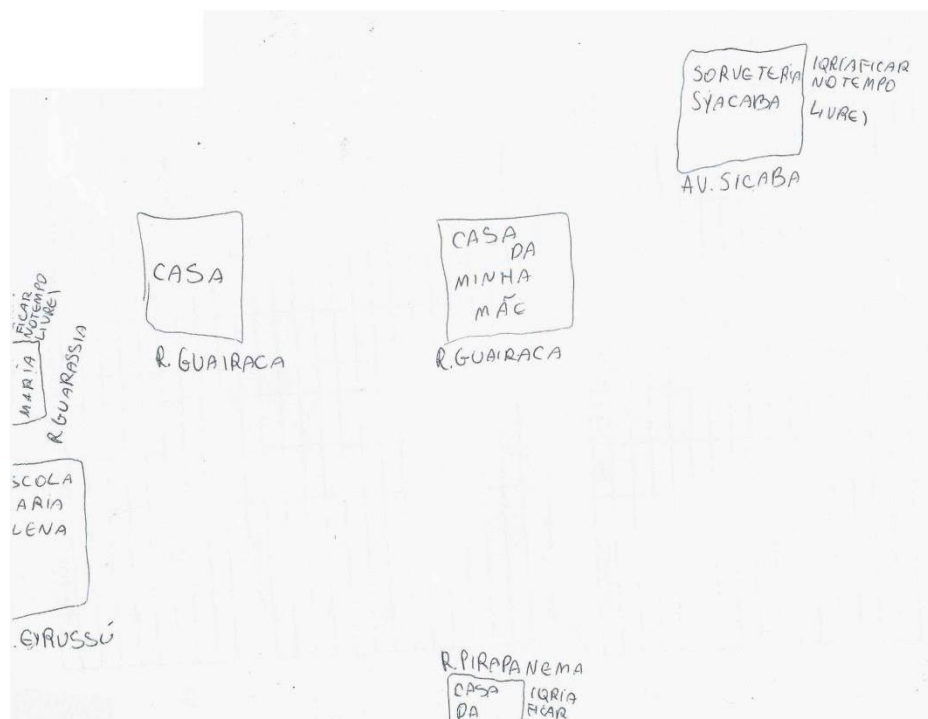
**Fonte:** dados da pesquisa produzidos pelo estudante identificado com C4

Além dos espaços praticados, os desenhos incluíram lugares desejados para usufruto do tempo livre, que remontam o medo e o receio das famílias com relação à violência e em trabalharem longe das suas casas, pois muitos pais só veem os filhos antes de ir para o trabalho ou quando voltam para a casa, no fim do dia. Ao contrário da queixa registrada ao longo da atividade anterior em que diversos estudantes reclamavam por não ter tempo de ficarem sozinhos, nesta atividade, alguns deles conversaram sobre a falta que sentem dos pais, com quem se encontram mais aos

<sup>20</sup> É possível notar que o estudante não correspondeu à orientação de incluir a escola no desenho e retrata na parte superior o lugar onde ele mora; na parte inferior do desenho, registra o festival onde vende pipas/ papagaios.

finais de semana. A saudade descrita também revela o cotidiano daqueles estudantes que ficam em casa sozinhos, para quem a escola é um lugar importante de construção de relações sociais e de afetos, tal como ilustrado na Figura 7.

**Figura 7** - Desenho referente aos locais praticados e desejados para usufruto do tempo livre por uma estudante da turma 80B<sup>21</sup>



**Fonte:** dados da pesquisa produzidos por uma estudante identificada como B10

#### 4.2.2.2. Apresentando Ferramentas Digitais – os mapas

Após a atividade dos desenhos, o encontro com os estudantes ocorreu no final de junho e consistiu na apresentação das funcionalidades da plataforma *Google*, mostrando os recursos disponíveis, orientando o acesso ao *Google Earth* e do *Maps*. Também foram abordadas questões relacionadas ao ambiente digital e as políticas relacionadas ao uso de dados dos usuários e à privacidade, discutindo

<sup>21</sup> A estudante utiliza no desenho o termo “qria ficar no tempo livre” ao se referir aos lugares que gostaria de passar seu tempo livre. A abreviação utilizada é comum em redes sociais e aplicativos de mensagem, substituindo a palavra ‘queria’

sobre a questão ética envolvida na utilização dos endereços dos estudantes nos mapas<sup>22</sup>.

O propósito foi reunir as turmas no auditório da escola e utilizar uma televisão conectada ao *notebook* para que os estudantes pudessem visualizar as orientações sobre os recursos disponíveis na plataforma *Google* em uma tela ampliada. Algumas dificuldades logísticas, materiais e relacionadas à *internet* da escola afetaram o encontro na escola, mas não o inviabilizou.

Ao reunir os estudantes das turmas 80C e 80B em um mesmo encontro, apresentei os informes e orientações pretendidas sobre o *Google*, o *Google Earth* e o *Maps*, mostrando representações tridimensionais do planeta Terra, Brasil, Minas Gerais, de Betim, do Icaivera e da EMMECB, o que gerou interesse e perguntas a respeito da geração das imagens.

Ao investigar as ruas no entorno da escola, reconhecemos incompatibilidades com a atualidade (a pintura do muro era diferente, a construção de casas vizinhas já havia sido concluída, entre outros), o que fez com que concluísse não serem feitas em tempo real. Ao final do encontro, sugeri que os estudantes acessassem em casa o *Google Earth* e o *Maps* para investigar outros lugares do bairro ou do mundo, e que definissem, junto aos familiares, se desejavam incluir os dados relativos ao endereço das casas nos mapas ou não.

Ao reunir a turma 80A no auditório, os estudantes se mostraram curiosos. Um adolescente desta turma que não fazia parte da pesquisa, perguntou se poderia acompanhar a atividade e eu consenti, explicando a ele que estaria na condição de estudante-observador e não poderia interferir ou atrapalhar o encontro. Apresentei as orientações como nas turmas anteriores e os estudantes expressaram as mesmas dúvidas sobre a captação de imagens em tempo real. O estudante-observador fez uma intervenção, afirmando que a EMMECB parecia um presídio. Poderia este ser um rico momento onde, o referencial teórico a que me refiro neste estudo, colaborasse com a reflexão desse debate em se tratando dos dispositivos disciplinares presentes em espaços como a escola, ou ainda, refletindo sobre as dimensões do saber ou do poder numa compreensão foucaultiana<sup>23</sup>.

<sup>22</sup>Ficou definido que os estudantes conversariam com seus familiares e optariam por inserir ou não os endereços ou parte dele nos mapas colaborativos.

<sup>23</sup>Os dispositivos disciplinares se referem a [...] uma intervenção racional e organizada nestas relações de força, seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las, para

Porém, fiquei muito irritada com o estudante-observador e o adverti por não cumprir o que havia combinado, por tentar humilhar nossa escola e atrapalhar a pesquisa do grupo. Mostrei aos estudantes, utilizando o *Google Maps* imagens do presídio Nelson Hungria (que fica na mesma região que a escola) e afirmei que em nada nossa escola parece um presídio, por se tratar de um lugar de aprender, que estudantes não são criminosos e cada um constrói seu futuro com as coisas e amizades que adquire aqui. Revestida de autoridade (e autoritarismo) escolar, silencieei o estudante e desperdicei no contexto da pesquisa uma rica oportunidade para o debate<sup>24</sup>.

Citando Franch (2000, p. 68), se referindo aos encontros e desencontros que se somam no exercício do trabalho de campo, é preciso tentar aprender com as “nossas ‘gafes’ e nos perguntamos, uma e outra vez, se o que estamos fazendo é realmente o tão celebrado trabalho de campo”. Apesar de perder a oportunidade de qualificar este debate, ao registrar este fato no caderno de campo, refleti sobre o movimento dialético de “fazer” e “pensar sobre o próprio fazer” e a necessidade de transformação do saber e da prática que incorpora maior criticidade e rigor metodológico. De acordo com Freire (2001, p. 39) “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Mas, este encontro não se resumiu às “gafes”. Ao reunir estudantes com diferentes perspectivas associadas à escola e suas práticas, alguns correlacionaram o espaço escolar com a ideia e a sensação de aprisionamento, outros ao passeio

---

estabilizá-las, utilizá-las etc. O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto o dispositivo: estratégias de relações de força, sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (Foucault, 2012, p. 244-246). As dimensões do saber, correspondem ao “conjunto de elementos (objetos, tipos de formulação, conceitos e escolhas teóricas) formado a partir de uma única e mesma positividade, no campo de uma formação discursiva unitária”. Foucault (2013b, p. 110). **O poder**, foi descrito por Oliveira e Neira (2019, p. 8) como algo que se efetua em uma multiplicidade de relações difusas, móveis, presentes em todas as esferas do corpo social. Não é alguma coisa que se possui, mas que se exerce; é uma forma de relação que se configura por uma ação indireta sobre outras ações. Ele tem um sentido produtivo, na medida em que só pode ser exercido sobre sujeitos que disponham de um campo de reações possíveis. Não se trata de uma relação de repressão ou de violência, nem de consentimento – embora possa fazer usodesses instrumentos –, mas de uma ação de controle mais sutil, que impele, separa, facilita, dificulta, permite, impede, estende, limita, a fim de estruturar o campo das ações alheias e induzir comportamentos.

<sup>24</sup> O estudante observador me agradeceu e disse que aquela foi a melhor “palestrinha” que eu já dei pra ele, que tinha aprendido muito, mais do que nas aulas de Educação Física.

virtual pelo mundo à sensação de liberdade. No final do encontro, algumas estudantes ficaram na sala e pediram para usar o *Google Earth* e foi por mim consentido.

As estudantes pesquisaram as Coréias, a França e Portugal, ao mesmo tempo em que comentavam acerca de expectativas relacionadas a estes locais. A estudante que pesquisou a França admitiu já ter feito esse “passeio” em casa. A que pesquisou Portugal relatou que uma tia mora lá e pretende, quando completar 18 anos de idade, se mudar e se tornar fotógrafa. A estudante que escolheu as Coréias comentava sobre sul e norte, democracia e ditadura e bandas de música coreana. Elas riam e falavam que dava para “viajar o planeta todo sem sair de casa”. Essa alegria por compartilharem a novidade, os desejos e a curiosidade me trouxeram alívio, ao reconhecer que a repercussão dessas experiências provocava os estudantes de formas diferentes.

A partir da repercussão da atividade com os mapas virtuais, a escola também foi provocada pela curiosidade e interesse manifestados por outros sujeitos da comunidade escolar. Estudantes de outras turmas ficavam nas janelas para tentar ver os mapas, professores de diferentes áreas buscaram informações sobre a utilização do auditório da escola e dos mapas, entre outras implicações.

No encontro que ocorreu na semana seguinte, os estudantes envolvidos na pesquisa que possuíam *internet* e aparelho celular ou computador em casa, descreveram os locais acessados, descobertas e aprendizados. No entanto, a maior parte dos sujeitos envolvidos na pesquisa relatava a tentativa frustrada de utilizar o *Google Earth* pelo celular devido à insuficiência da capacidade do seu aparelho ou da *internet* e sobre a dificuldade ao pesquisar em casa.

A construção de mapas colaborativos havia sido idealizada como principal exercício cartográfico, pois daria origem ao produto educacional desse estudo. No entanto, diante das dificuldades enfrentadas pelos estudantes fora da escola, comecei a refletir sobre a relevância desse instrumento, frente à realidade que eles descreviam e afetavam o desenvolvimento da atividade proposta e a expectativa em relação ao produto educacional. Interessante, nesse contexto, sinalizar que para Passos, Kastrup, Escóssia (2009):

O corpo a corpo com o campo da pesquisa comporta sempre uma dose de imprevisibilidade e mesmo de aventura. Habitar um território de pesquisa não é apenas buscar soluções para problemas prévios, mas envolve



disponibilidade e abertura para o encontro com o inesperado, o que significa alterar prioridades e eventualmente redesenhar o próprio problema (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 204).

A opção por persistir com a ferramenta digital correspondeu com a garantia de oportunidade de ensino e utilização do recurso e a possibilidade de observar o bairro sob outra perspectiva. Por isso, foi mantida como atividade e não como produto educacional. O uso ocorreu predominantemente na escola, o que demandou um maior número de encontros para inserção dos dados, que ocorreram nos dias 08 e 11 de julho.

Nos encontros subsequentes, a maior parte dos estudantes da turma 80A consentiu com a inserção dos dados de suas residências nos mapas. Na turma 80B, metade dos estudantes autorizou apenas a utilização da rua como referência para o mapa. Outra metade autorizou usar o endereço completo. Na turma 80C, o professor de ensino religioso perguntou se poderia ficar com uma turma de sexto ano observando o encontro e eu consenti. No entanto, no decorrer do encontro, percebi que a presença de outras pessoas intimidou o grupo de pesquisa, afetando a atividade proposta. Nesta turma, seis estudantes não permitiram o uso do endereço no mapa, três estudantes permitiram a inserção da rua e três estudantes permitiram a inserção do endereço completo.<sup>25</sup>

Ao inserir os dados dos estudantes, identificamos que algumas ruas não possuíam registro de imagens feitas pelo *Maps*, o que causou nos adolescentes a sensação de invisibilidade e apagamento, uma vez que suas ruas e casas não existiam naquela plataforma.

Na sequência, foi retomado o debate a respeito do interesse da empresa em incluir dados e imagens pessoais, refletindo sobre as plataformas virtuais não validarem a existência de um endereço ou lugar. Levantamos a hipótese do carro responsável pelos registros da *Google* não ter acessado as ruas por serem de terra, com irregularidades no solo e sem asfalto, o que nos fez acrescentar a marcação no mapa, embora não fosse possível fazer uma visualização que utilizasse todos os recursos disponíveis.

<sup>25</sup> Encontram-se nos apêndices 6, 7 e 8 as imagens referentes aos mapas produzidos com os dados apresentados pelos estudantes das turmas 80A, 80B e 80C.

Os estudantes que haviam acessado o *Maps* em casa relatavam que conseguiam reconhecer vizinhos ou parentes, apesar das fotos distorcerem a imagem dos rostos. Outros comentavam que as imagens estavam desatualizadas, tendo em vista que a data do registro era superior a dois anos. Uma estudante descreveu o exemplo de uma tia, que havia se mudado para os Estados Unidos há muitos anos, mas que podia ser vista nos registros da rua onde morava no Icaivera, por meio do *Google Maps* - e que estava de mãos dadas com a filha. Contou, também, que já havia visualizado a casa onde a tia morava atualmente pelo *Snapchat*, a partir de um mapa similar ao que utilizamos na atividade.

Outra estudante relatou que, ao utilizar o *Maps* em casa, recordou o uso de um espaço onde havia uma praça com campinho. “Hoje em dia é um lote vago onde rola muita coisa errada”. A referida praça é um lote nos fundos de uma igreja católica, conhecido como “Mirante do Icaivera”. Em todas as turmas, os estudantes se referem a lotes vagos e terrenos baldios como praças. Na turma 80C, por exemplo, foi possível registrar falas dos estudantes se referindo a espaços existentes e outros inventados por eles:

- O Icaivera tem duas praças: a da ponte e a da escola.
- Aqui tem muito lugar pra fazer praça, mas não faz. o velório mesmo era uma pracinha.
- As pessoas precisam mais de velório do que de praça!
- Aqui podia ser igual a Contagem, que tem praça com quadra, tem parque...
- Quando eu morava em Contagem, saía sempre e ia à praça, agora nem saio mais (CADERNO DE CAMPO, 11/07/2022).

Ao mirar o território do Icaivera em uma perspectiva mais ampla por meio dos recursos disponíveis no *Google Earth* e no *Maps*, o processo de construção dos mapas se tornou mais relevante em comparação ao produto final. Elaborar este registro e refletir sobre as impressões e representações dos estudantes sobre o território cartografado, estimulou o acesso às memórias de experiências anteriores ao período do isolamento social. Os sentimentos despertados ao recordar estes lugares e práticas estimularam o interesse e o desejo pela artistagem de refazer ou inventar espaços para usufruto do tempo livre.

No encontro que antecedeu o recesso escolar de julho, fiz a proposta aos estudantes em observarem as próprias rotinas durante o período de 15 dias e avaliassem quanto ao uso ou o surgimento de outros espaços possíveis para

aproveitar o tempo livre. Informei que organizaria um grupo de *Whatsapp* para potencializar a troca de informações, esclarecimentos sobre as atividades da pesquisa, envio de atividades para minha comunicação com os estudantes e com as suas famílias.

Importante sinalizar que ocorreu uma provocação por parte de uma estudante, ao responder a atividade relacionada aos territórios imaginários do bairro e as propostas formuladas por eles, questionando: O que você queria que o Icaivera “mudasse”? Tal dúvida demandou mais tempo para análise e discussão junto aos estudantes, a fim de refletir e enfrentar o desafio de responder a esta pergunta, refletindo sobre o cotidiano e buscando formas para transformá-lo.<sup>26</sup>

#### A. O que você queria que o Icaivera “mudasse”?

Em agosto, ao retomar as atividades escolares e a pesquisa, foi necessário avaliar as rotinas de encontros junto à direção da escola, com a finalidade de concentrar as atividades da pesquisa em um espaço onde fosse possível conciliar as aulas de Educação Física. Logo, o auditório ficou reservado para este objetivo. Os estudantes que não faziam parte da pesquisa assistiam a vídeos relacionados ao conteúdo estudado, enquanto aqueles que faziam parte eram reunidos nos fundos do auditório para retomada da pesquisa-ensino<sup>27</sup>.

Depois de construírem desenhos e mapas dos lugares utilizados no tempo livre e observar, durante o recesso escolar, lugares com este mesmo propósito, a última atividade desse eixo pretendia retomar o exercício de artistagem, sugerindo melhorias e possibilidades no território do Icaivera.

Em grupos de três ou quatro pessoas, os estudantes se reuniram para conversar e tentar responder às seguintes questões: Vamos imaginar quais espaços do bairro poderiam ser ocupados para o tempo livre? Onde seria? Como seria?

---

<sup>26</sup> Esta provocação foi feita por uma estudante, ao responder a atividade relacionada aos territórios imaginários do bairro e as propostas formuladas por eles. Mantive a grafia da palavra, conservando o modo com que foi redigida, compreendendo que utilizaram como referência o modo com que falam, preocupando-se mais com a mensagem do que com a grafia correspondente à norma. O modo adequado de escrever esta palavra, respeitando as regras ortográficas da Língua Portuguesa seria “mudasse”.

<sup>27</sup> Os vídeos utilizados na aula de Educação Física foram disponibilizados posteriormente aos estudantes da pesquisa, através de links compartilhados no grupo de *Whatsapp* para que assistissem em casa.

Conversem, imaginem e juntos descrevam esse lugar, possibilidades e intenções para este espaço imaginário e coletivo. Registre, através de texto, mapas ou desenhos (Anexo D). A intenção era finalizar os mapas colaborativos, incluindo estes lugares.

Na turma 80C a experiência vivenciada foi nova e agitada, por conciliar dois grupos em duas atividades diferentes. O grupo da aula estava curioso com o projeto e vice versa. Nesta turma foram formados quatro grupos. No primeiro grupo, a ideia era reformar a pracinha próxima a escola, melhorando seus equipamentos de ginástica para que eles pudessem malhar. Era um grupo formado por rapazes que aproveitavam para comparar quem estava mais forte.

O segundo grupo conversava animado sobre usar o espaço da escola para oferecer cursos de artes e tecnologias. Uma estudante relatou aos colegas o exemplo de uma escola onde estudou, em Brumadinho/MG, que possuía projetos e atividades no contraturno de música, informática, dança e esportes. Os estudantes ficaram animados, pensando sobre as possibilidades de algo similar acontecer na EMMECB.

No terceiro grupo havia uma estudante que conhecia outros bairros de Betim mais próximos ao centro da cidade e contou que lá havia quadras, pistas de skate, academia ao ar livre, parque próximo ao shopping, pista de caminhada (referindo-se ao complexo poliesportivo, no centro de Betim). Este grupo se irritou ao constatar que este espaço não existia nas periferias. Ao se referir a esta segregação sócio-espacial a que estão submetidos os sujeitos que vivem nas periferias das cidades, D'Andrea (2013) ressalta:

A experiência social compartilhada do sentir-se periférico é fundamentalmente urbana. Morar na periferia se contrapõe a habitar regiões mais bem estruturadas da cidade e com melhor poder aquisitivo. É possuir uma experiência urbana calcada fundamentalmente na *segregação sócioespacial*, com grandes deslocamentos pela cidade no trajeto trabalho-moradia ou mesmo quando da procura de serviços somente oferecidos em bairros melhor estruturados (D'ANDREA, 2013, p. 139).

O quadro de desigualdades urbanas se acentua quando nos referimos ao acesso aos bens públicos culturais, seja pela falta de espaços, de oferta, ou pelo controle da cultura pelas elites. Os efeitos gerados agravam a segregação urbana dos sujeitos que vivem nas periferias e comprometem seu direito ao uso com qualidade do tempo livre, tal como sinalizado:

A consequência mostrada por vários estudos é o isolamento sociocultural que atinge, sobretudo, as crianças e adolescentes. [...] O crescimento do sentimento de privação relativa decorrente da defasagem entre metas culturais homogeneizadas, a serem atingidas via o mercado de bens e serviços que simbolizam as expectativas de igualdade e o fechamento das oportunidades reais de acesso aos ativos que possam gerar meios legítimos para a realização de tais metas. Constituem-se em muitos bairros pobres contextos sociais pouco incentivadores à realização de trajetórias convencionais de ascensão social (RIBEIRO; KAZTMAN, 2008, p. 31).

Diante dessa revolta expressada por alguns estudantes, os provoquei a imaginarem onde poderia ser construído um complexo como este no Icaivera. Uma das estudantes se lembrou prontamente do campo de futebol, nas margens do córrego. A partir de então, começaram a discutir a ideia de transformá-lo neste lugar. Enquanto isso, o quarto grupo se dividia em duas propostas. Uma que descreve espaços de tempo livre aliados ao consumo (*shoppings* e lojas) e outro associado à ideia de embelezar o bairro pela paz com pinturas em muros, roupas e apresentações artísticas, entre outros.

Na turma 80B, organizei os grupos segundo a proposta, porém, o grupo que estava no vídeo estava mais disperso, o que demandou mais intervenções. Fiquei no auditório acompanhando, tirando dúvidas e explicando o que era mostrado no vídeo, fato este que tornou inviável a discussão com o grupo de pesquisa, como ocorreu com a turma 80C. Foi possível discutir rapidamente as propostas quando os reuni para recolher os registros, mas o fato de ser a última aula do dia, causou certa indisposição em conversar, dada a ansiedade por ir embora para a casa.

No dia seguinte, a turma 80A foi organizada segundo a proposta. Dividimos os grupos, que se reuniram nos espaços externos para debater. Um grupo permaneceu no auditório e pediu ajuda para solucionar um problema. Metade do grupo morava no Morrão, a outra no Parque do Cedro. Os ânimos se acirraram a partir de um debate sobre a carência das duas regiões: “lá não tem nem escola, você tem que vir pra cá pra estudar!” “Lá não tem nem creche!” “Lá não tem nem posto!”. Relembrei que o Parque do Cedro tem posto de saúde na divisa entre os bairros e aproveitei essa intervenção para marcar o caráter imaginário da atividade proposta, destacando locais das duas regiões. No Parque do Cedro não tem lagoa? Como esse lugar poderia fazer parte do tempo livre de vocês? No Morrão não fica o Mirante do Icaivera? Como vocês gostariam de voltar a usá-lo?

Estes exemplos serviram como referência para as conversas que se seguiram. Nos demais grupos não foi possível atuar tão ativamente, mas percebi que havia propostas dentro e fora da escola, com cursos gratuitos de esportes e artes, com espaços como *shoppings* e lanchonetes, entre outros.

Um grupo se sentiu mais empolgado e estimulado, pedindo para ficar com a folha até o final da aula e eu autorizei. Esta atividade foi no segundo horário. No fim da aula o grupo me devolveu duas folhas de propostas com anotações na frente e no verso com propostas e desabafos sobre os espaços, pessoas e o cotidiano daquela região.

As respostas dos grupos foram organizadas em um quadro único onde optei por reunir as propostas das três turmas e agrupá-las em função do espaço e da localização, transcrevendo a descrição que os grupos fizeram dos territórios imaginados.

**Quadro 4 – Compilado das respostas: territórios imaginados**

Espaço	Localização	Descrição
Dentro da escola	Salas	Um lugar que podia ser utilizado é a escola, que poderia ter projetos, cursos na escola, laboratório de ciências, ter atividades de excursão, parques, museus, hospitais, shopping
	Todos os espaços	Dentro da escola poderia ter aulas de esgrima, patins e skate, e assim poder ter uma van que buscasse as pessoas que se interessassem nesse projeto, assim, todas as pessoas que quiserem, podem participar
		Projeto gratuito de dança, pintura, esportes; sobre vôlei, ginástica, natação, futebol, etc. gratuito, sem pagar nada. Poderia ser na escola porque sábado e domingo a escola fica parada e tendo esse projeto ia ajudar muitos jovens a ter um futuro melhor
		A escola poderia ter mais atividades disponíveis nas horas vagas. Ter atividades legais nos tempos livres, dança, teatro, show de talentos, no final de semana
		Fazer projetos para se divertir e cada dia ser um campeonato: campeonato de natação, corridas, vôlei, não podemos esquecer os cadeirantes, podia ter uma coisa para os cadeirantes se divertir
Fora da escola	Praça	Tem que reformar para as crianças
		Se a pracinha do Maria Elena fosse uma academia livre
		Reformar os brinquedos de ginástica
		Uma nova praça simples e aberta para as pessoas, com alguns brinquedos

		Brinquedos, mesa e bancos, shows
<b>Campão</b>		Podia ser um parque para lazer
		Colocar grama e arquibancada. Fazer algo com o córrego ao lado pelo odor
		Podia ser usado para mais eventos
<b>Ruas</b>		A gente tava pensando num festival que tivesse um monte de coisas misturadas e essas coisas tivessem umas cores bem vibrantes (tipo garrafa toda colorida) e também tivesse uma barraca que trocasse suas coisas
<b>Avenida</b>		Podia voltar com o parquinho da avenida, ele fechou porque as pessoas não sabem aproveitar e o único problema é que não era de cimento, era de brita e não era colorido.
		Podia ter parquinho, clube e praças, incluindo pistas de skate e campeonato para as crianças. O bairro mais colorido e ter mais vida na praça. Um lugar só para aulas de natação. Sorveterias mais baratas. Algumas pessoas não tem condição de comprar patins e skates e podia ter um lugar para emprestar ou doar ou abaixar os preços.
<b>Mirante do Morrão</b>		Tem um campo abandonado que no caso teria que limpar e arrumar e colocar uma praça, que tenha arvores, academia da cidade, bancos, mesas com jogo de damas
		Fazer um deck, uma praça para piquenique com a família e tals
<b>Lotes vazios</b>		Os lotes vazios podiam fazer mais praças, escolas, academia e mais shoppings na cidade de Betim
		Ter piscinas, área de churrasco, trilha, brinquedo para crianças
<b>Matas rurais</b>		Fazer parques ecológicos
<b>Comercio do bairro</b>		Mais restaurantes para lanchar
<b>Transporte</b>		Fazer um monotrilho para as pessoas
<b>Beira do córrego</b>		Um parque de lazer com brinquedos, trilhas, campos para jogar, arvores, um lugar bonito e legal, da paz
<p>Uma das atividades tinha diferentes propostas misturadas, com um tom de desabafo. Abaixo seguem organizadas em tópicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não adianta querer mudar o Icaivera e você continuar com as mesmas atitudes. PEGA A VISÃO</li> <li>• As pessoas tem que parar de jogar lixo na rua, não adianta fazer um trabalho bom se as pessoas estragam. O que você queria que o Icaivera mudasse?</li> <li>• Não podemos esquecer da nossa barriga, ter lanchonete, pizzaria, sorveteria, ter um lugar com barraquinhas para ajudar aqueles que não tem condições comprar roupas, sapatos. Podia ter uma vendinha com coisas do preço aceitável. Podia ter uma loja só com brinquedos de antigamente, ter um campeonato de danças e um lugar só para games</li> <li>• Ter uma biblioteca com bastante livros e pegar livros para ler e atividades do livro e tirar um dia para ler e ajudar nas dificuldades e também ter campeonato de leitura e o que mais precisar</li> <li>• Muita coisa com respeito e amor e depois cada um catar seu próprio lixo, se cada um fizer sua parte, a rua fica melhor</li> <li>• E parar de fofocar e cada um cuidar da sua vida</li> </ul>		

Fonte: Dados da pesquisa.

A escola recebeu apenas quatro propostas, algumas agrupavam um número maior de atividades como oficinas de dança, teatro e esportes. Outras se referiam ao uso específico de um espaço para uma modalidade esportiva ou para recreação. Em todas elas, é possível reconhecer a falta de equipamentos públicos para usufruto do tempo livre durante os finais de semana e a tentativa de utilizar os espaços escolares como forma de suprir esta ausência.

Outro exemplo se refere à proposta de a escola desenvolver excursões que levam a comunidade escolar para museus, parques, etc. se utilizando do ônibus para transporte escolar para buscar os que moram longe da escola e levá-las a estes eventos, sem custos adicionais. Esta ideia é inspirada em uma realidade com a qual convivemos, de que alguns estudantes só acessam espaços como museus, cinemas, teatros, entre outros, a partir da iniciativa e do custeio da escola.

O fato da escola se situar numa região afastada dos grandes centros, onde o transporte público é feito somente por ônibus intermunicipais com quadro de horários insuficiente e preço da passagem alto, acaba afetando diretamente nas despesas das famílias com muitos filhos. Somado a isso, ainda há que se destacar que são famílias que vivem com uma renda muito baixa, privando a todos de oportunidades de lazer fora do bairro.

Outra proposta sinaliza que os projetos precisam garantir o acesso e participação dos estudantes com deficiência. O fato das três turmas envolvidas na pesquisa conviverem com estudantes com deficiência, oportuniza a interação e a amizade entre todos os adolescentes, tornando possível desenvolver uma perspectiva mais atenta e sensível às suas especificidades, levando em consideração, inclusive, o processo de inclusão<sup>28</sup>.

Os espaços fora da escola receberam 19 propostas, contemplando lugares como a Pracinha, o Campão e a Beira do Córrego, as ruas e a avenida Sycaba, o Mirante do Morrão, os lotes vazios e as matas das fazendas que se situam no entorno do bairro Icaivera. Também foram propostas sugestões a respeito do comércio e transporte que correlacionam tempo livre a produtos e bens de consumo.

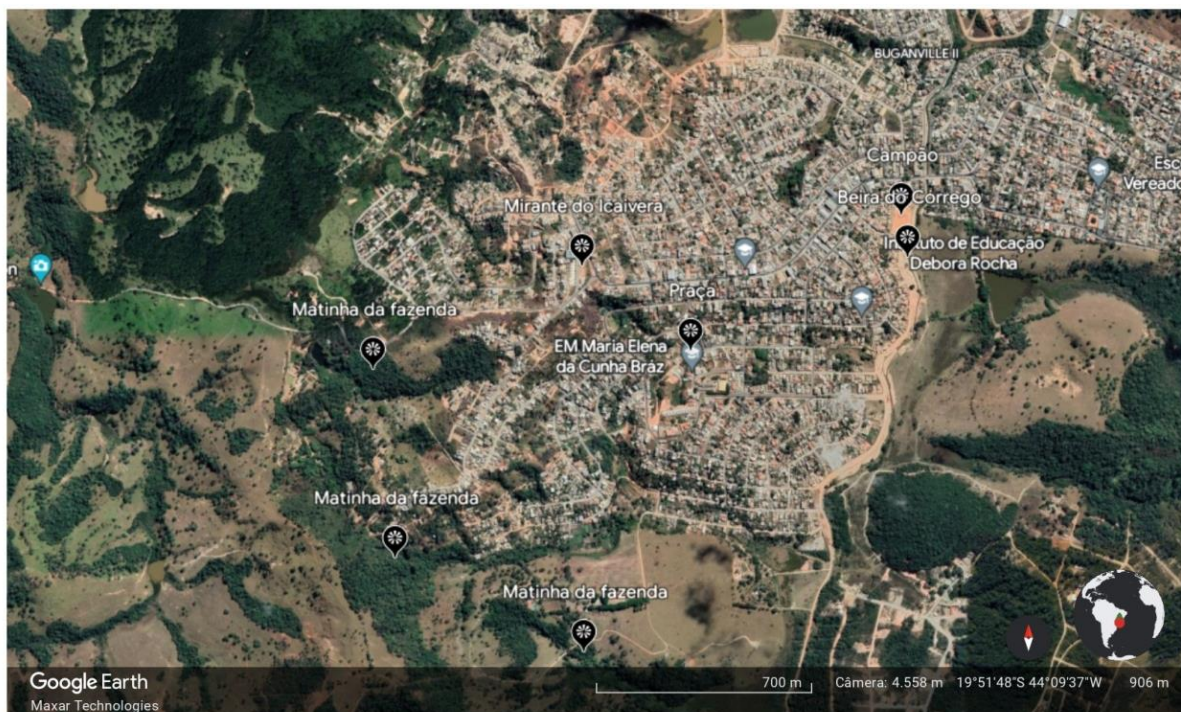
<sup>28</sup> A EMMECB concentra o maior número de matrículas de estudantes com deficiência da rede municipal de Betim, tendo em média, dois estudantes com deficiência por sala. Nas turmas de oitavo ano está matriculado um estudante cadeirante, um estudante com baixa visão, um estudante autista (que participou da pesquisa) e três estudantes com deficiência intelectual (dos quais uma participou da pesquisa).



Um conjunto de descrições variadas compõem um bloco, se referindo a ideias de atividades, reclamações sobre os hábitos das pessoas e chamamento para a mudança de atitude, mostrando que “não adianta querer mudar o Icaivera e você continuar com as mesmas atitudes” (estudante da turma 80A).

Foi perceptível a ampliação de perspectiva dos estudantes sobre a região e o esforço em construir propostas a partir da retomada de espaços em desuso, se fazendo útil a partir de estratégias voltadas para melhorar os espaços preexistentes que poderiam ser reformados. O mais impactante foi perceber que os espaços escolares começam a ser descritos, reconhecidos pelo seu potencial em ampliar as experiências de usufruto do tempo livre no cotidiano. A figura 8 incorpora tais sugestões aos demais espaços descritos e sinalizados no mapa produzido através do *Google Earth*.<sup>29</sup>

**Figura 8** – imagem do mapa produzido por meio do *Google Earth* incluindo os locais idealizados para usufruto do tempo livre (sinalizados na cor preta).



**Fonte:** Dados produzidos durante a pesquisa.

<sup>29</sup> Encontra-se nos apêndices 9, uma imagem em 3D referente ao mapa que compila os dados apresentados pelos estudantes das turmas 80A, 80B e 80C sobre os locais utilizados, somados aos locais idealizados para usufruto do tempo livre. A escola se encontra sinalizada em vermelho, no centro da imagem. Os pontos destacados nas cores verde, amarelo e lilás correspondem aos endereços dos estudantes. Os pontos destacados na cor preta correspondem aos mesmos destacados na figura 8, anteriormente apresentada.

## 5. ANÁLISE DOS DADOS: O ESPAÇO ESCOLAR E NELE, A EDUCAÇÃO FÍSICA

A segunda parte da análise constituiu em um aprofundamento da pesquisa sobre o espaço escolar por meio da cartografia dos lugares e representações dos estudantes acerca do tempo livre na escola e o tempo livre da escola.

A partir da investigação sobre os lugares reconhecidos ou pretendidos para o tempo livre no cotidiano escolar, vários espaços foram identificados e fotografados. Com base nestes registros, os estudantes construíram propostas de ocupação destes espaços para tornar o cotidiano escolar mais agradável e significativo para eles. Também foi possível refletir sobre o espaço das aulas de Educação Física e sua relação com o tempo livre, mapeando as práticas e as representações que sobrepõem o espaço-tempo de obrigações e o de livre fruição.

Ao avaliar as contribuições do percurso trilhado nesta pesquisa-ensino e buscar alternativas para compartilhá-las com outros jovens e com a escola, os estudantes formularam, junto com a professora-pesquisadora, um evento intitulado “1º Planejamento Participativo da EMMECB” para a apreciação das propostas de usos e intervenções nos espaços escolares para usufruto do tempo livre, por parte dos demais estudantes e pelos professores do turno da manhã. As experiências vividas durante a pesquisa-ensino e este evento compõem a edição especial do jornal Estação Icaivera, sendo este, o produto educacional.

### 5.1. O tempo livre na escola

No início do mês de setembro, se utilizando da mesma dinâmica de divisão da turma nos espaços do auditório, reuni os estudantes participantes da pesquisa para conversarmos sobre a escola, com base na seguinte questão: existe tempo livre dentro da escola?

Depois de um breve debate, os adolescentes se organizaram em grupos e saíram pela escola tirando fotos dos lugares ocupados no tempo livre ou aqueles passíveis de artistagem, “um desfazer permanente das verdades, condutas, poderes, saberes, subjetividades educacionais” (CORAZZA, 2002, p. 9).

Na turma 80C, ao conversarmos sobre existir ou não um tempo livre no cotidiano escolar, os estudantes atribuíram ao recreio essa correspondência. Outros

acrescentaram que, quando os professores faltam e não deixam atividades, as aulas se tornam um tempo livre para utilizar o celular, jogar baralho, conversar ou, simplesmente, fazer nada. Um estudante sugeriu que as aulas de outras disciplinas poderiam ser substituídas por tempo livre e, diante dessa colocação, perguntei a ele como seria e do que ficariam livres. Os jovens relataram alguns conflitos entre eles e os professores das disciplinas por copiarem muito do quadro e pela exigência de permanecerem na sala, cada qual em seus lugares.

Uma estudante afirmou que gostaria de ficar livre da sala e usar outros lugares da escola para a aula, como, por exemplo, o auditório para ver vídeos ou escutar música em inglês. Outros foram acrescentando sugestões como para pesquisar geometria nos desenhos da quadra, pesquisar ciências no jardim e no estacionamento da escola (que possui árvores) e desenhar paisagens nas aulas de artes. Com esses apontamentos, o debate passou a questionar um currículo que privilegia o uso da sala de aula em uma disposição “ideal” do espaço, do mobiliário e das pessoas, superando o conflito entre professores e estudantes.

Depois do debate, solicitei aos grupos para fotografarem os lugares de tempo livre na escola, considerando a orientação sobre o direito de uso de imagens<sup>30</sup>. Não foi possível acompanhá-los enquanto fotografaram a escola, pois os outros estudantes que estavam assistindo vídeos tinham dúvidas e perguntas a serem esclarecidas. No final do horário, reuni todos os estudantes na sala e solicitei o envio das fotos no grupo de *Whatsapp* da turma.

No horário seguinte, ao reunir os estudantes da 80B e iniciar o debate acerca do tempo livre na escola, todos concordaram com o fato de o recreio ser um tempo livre. Relembrou, ainda, outra situação, quando, eventualmente, eu preciso resolver algo fora do espaço das aulas de Educação Física (auxiliando nos primeiros socorros quando alguém se machuca ou conversando com os pais, quando solicitado pela direção) e deixo livre o tempo da aula. Com isso, a quadra e a Educação Física se tornam um espaço para o tempo livre. Brinquei se era tempo livre por se livrarem de mim e eles responderam à provocação lembrando que, quando outros professores faltam, eles também têm tempo livre para fazer nada na

<sup>30</sup> Os estudantes foram orientados a respeito do uso da imagem de outros estudantes, lembrando o preenchimento do TALE e do TCLE, e da ética ao produzir imagens que incluam outras pessoas, especialmente adolescentes. Ficou acordado que os espaços seriam fotografados sem a presença de pessoas.

escola. Essa colocação trouxe a ideia do tempo livre da escola estar associado a se libertar da obrigação das aulas e não de se livrar dos professores.

Um dos estudantes comentou que a escola fica aberta nos finais de semana, mas que o uso não é exclusivo a eles, sendo ela utilizada por ex-alunos e outros adultos. Afirmaram que preferem aproveitar para ir à igreja, a outras partes do bairro ou ficar em casa, o que foi registrado de diferentes formas ao longo da pesquisa-ensino. Ao encerrar este debate, os grupos fotografaram a escola enquanto eu tirava dúvidas e orientava os demais estudantes. Ao encerrar, solicitei o envio das fotos, a exemplo da turma anterior.

No dia seguinte foi aplicada uma avaliação externa de Língua Portuguesa no primeiro horário que, inclusive, correspondia à aula de Educação Física da turma 80A. Com isso, pelo fato de a turma ter aula de Língua Portuguesa no quarto horário, solicitei à professora para ceder os estudantes envolvidos na pesquisa e assim o foi com sua devida aprovação. Uma estudante ficou em dúvida se deixaria a aula para participar da Aula de Projeto ou não, porém, a professora explicou que participar da pesquisa é uma oportunidade diferente, que ela aproveitasse, pois a aula trataria de uma atividade do livro a qual poderia realizar em casa e entregar no dia seguinte. A estudante concordou com o argumento e seguiu para a atividade de pesquisa.

Pelo fato de eu não ter que conciliar a aula de Educação Física de outros estudantes com a pesquisa, foi realizada uma breve conversa sobre tempo livre na escola e sobre os espaços escolares, além de acompanhar os grupos dessa turma que fotografavam a escola. Enquanto eu os observava, eles perguntavam se poderiam ir a qualquer lugar da escola. Orientei que poderiam desde que não atrapalhassem as outras aulas.

Eles estavam por toda parte, registrando espaços que eu não havia associado à possibilidade de usufruto do tempo livre dos estudantes. Alguns grupos foram aos corredores das salas e às rampas de acessibilidade, outros ao gramado dos taludes, à garagem, à biblioteca, ao refeitório e outros tantos espaços escolares. Caso fossem questionados sobre o que estavam fazendo, eles respondiam se tratar do “projeto da Paola”, como se isso lhes conferisse o direito de andar pela escola, investigando os espaços sem que ninguém os incomodasse (ou que fossem se queixar comigo).

Os estudantes foram encerrando a atividade e, gradativamente, voltando para a sala, cientes do compromisso em postar as fotos no grupo de *Whatsapp*.

Em princípio, a discussão sobre o tempo livre da/na escola, ocorreria em um encontro e a investigação dos espaços escolares, em outro. No entanto, em função das rotinas e alterações que incidiram no cronograma da pesquisa, optei por agrupar as atividades em um único encontro, o que foi oportuno, pois acabou sendo um estímulo para debates sobre as aulas e pistas que as representações associadas ao tempo livre poderiam trazer para o cotidiano. Isso tornou a experiência de aprender mais aprazível. O exercício de ocupar a escola ao fotografar os lugares, provocando a artistagem dos espaços escolares, implicou numa prática de “ensino-pesquisa de forma artística”, tornando “a educação do/a professor/a mais criadora, o ensino mais pesquisador, a pesquisa mais ensinadora” (CORAZZA, 2002, p. 9).

## 5.2. Territórios imaginados no espaço escolar

O segundo encontro referente ao eixo de investigação do espaço escolar e do tempo livre na escola ocorreu na segunda quinzena do mês de setembro e consistiu em apreciar as fotos produzidas pelos estudantes para construir propostas de ocupação a esses espaços, de maneira autônoma, agradável e significativa ao longo do cotidiano escolar.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa receberam um quadro para ser preenchido em duplas ou trios e formular uma proposta de ocupação de um espaço escolar com a descrição de onde ele fica, se existia alguma aula ou atividade escolar que ocorresse ali e apresentar uma proposta de ocupação a ele, justificando a importância para a escola e para os estudantes, em aproveitar este lugar (Anexo F).

Para tanto, foi necessário reunir as fotos de todas as turmas, uma vez que alguns estudantes não haviam cumprido o combinado de enviar os registros no grupo de *Whatsapp*. Alguns grupos inclusive, optaram por formular propostas referentes a espaços, ainda que não possuísem registro fotográfico.

Na turma 80C, os estudantes participantes da pesquisa apreciaram as fotos, se organizaram em grupos e formularam suas propostas. Ao final, nos reunimos para compartilhar uns com os outros as sugestões. Era um clima de animação, pois perceberam ser possível tornar realidade boa parte daquelas ideias.

A turma 80B manteve a mesma dinâmica e se concentrou no auditório, organizando as propostas com maior objetividade. As conversas entre os grupos iniciaram debates interessantes relacionados às proposições e suas justificativas. Uma estudante, ao defender a proposta do seu grupo, argumentou: “pra deixar de parecer um presídio! Essa escola parece uma prisão! Para as pessoas ficarem mais livres e felizes” (CADERNO DE CAMPO, 19/09/2022).

Alguns estudantes questionaram se ser feliz seria um bom argumento para justificar a importância desse projeto para a escola. Comentei que, em alguns países, como, por exemplo, o Japão e a Coreia, a felicidade é um direito constitucional, tão importante que faz parte da Lei Maior. Depois dessa minha explicação, eles conversaram entre si, mas, sem chegar a uma conclusão consistente se à escola cabia um objetivo como a alegria ou a felicidade.

Diante deste contexto, a dúvida dos estudantes em defender que a felicidade possa ser um argumento razoável no exercício de artistagem das suas propostas para o tempo livre da/ na escola, me fez interrogar e rever a minha práxis e o papel da escola, não como quem busca promover a felicidade fugaz, individualizada e consumível (similar a um produto), mas me fez repensar se não nos têm escapado a seriedade, a competência e a alegria, ao auxiliar os estudantes na compreensão dos percalços existentes nas trilhas do saber e do aprender.

Ao encerrarmos a atividade da pesquisa, ainda faltavam alguns minutos antes de acabar a aula, então, fomos para o pátio, onde nos juntamos aos estudantes que não participavam da pesquisa e que desenvolviam uma atividade com cordas, tentando pular, individualmente ou em grupo, a exemplo de um vídeo visto na aula anterior. Ao final, todos participaram juntos da aula de Educação Física, lembrando o que haviam visto e repetindo os movimentos, aprendendo com os colegas as novas sequências ou observando as performances criadas – com leveza e alegria.

No dia seguinte, a turma 80A seguiu a mesma proposta das turmas anteriores. Ao reconhecer as fotos feitas por seus colegas e comparar com as de outras turmas, consideraram serem melhores do que as outras e que o olhar do fotógrafo fazia com que aqueles espaços escolares se tornassem mais bonitos. Os estudantes formularam e apresentaram as suas propostas, que continham elementos novos para as rotinas escolares, introduzindo ideias originais, como

skate, esgrima e natação, propostas estas que nos fez brincar com a falta de materialidade da escola, mas nos provocou a tentar propor como seria possível, considerando o contexto que temos:

- \_ Natação? Mas aqui nem tem piscina?
  - \_ A gente aprende os movimentos no seco, enquanto a piscina não chega (brinquei mostrando como seria o ensino do nado peito, sem piscina). Rimos um pouco, mas depois insisti na ideia:
  - \_ Natação é importante na nossa região, aqui tem muitas lagoas... quanta gente se afoga por não ter nem noção de como entrar na água com segurança?!
  - \_ No Parque do Cedro mesmo tem uma lagoa.
  - \_ A Várzea das Flores é aqui pertinho!
- Me lembrei de um fato do bairro e argumentei:
- \_ O vereador do bairro tem um espaço cultural com piscina. Nada impede de solicitarmos e agendarmos lá. O escolar deve até levar a gente lá (CADERNO DE CAMPO, 20/09/2022).

O tempo da aula foi se encerrando e os estudantes que defenderam o *skate*, andar de bicicleta na escola, patins e natação queriam insistir na possibilidade de experimentar estes esportes em um dia de aula de Educação Física. Falei que era possível e defenderam estas ideias; pediram para retomarmos com o assunto no encontro seguinte.

Os estudantes construíram 16 propostas, referentes aos espaços da quadra, ao espaço em frente aos vestiários, ao pátio em frente à direção, ao pátio de entrada da escola, ao auditório e aos corredores. As propostas 1, 2 e 3 referem-se à quadra da escola e estão compiladas no quadro 5. As propostas 4, 5 e 6, referentes a um espaço na frente dos vestiários, que se situa na entorno da quadra, foram agrupadas no quadro 6. O pátio em frente à direção recebeu o maior número de sugestões, que correspondem às propostas 7, 8, 9, 10, 11 e 12, reunidas no quadro 7. O pátio de entrada da escola recebeu as propostas 13 e 14, que se encontram no quadro 8. O auditório e corredores receberam as propostas 15 e 16, que foram reunidas no quadro 9.

Com relação à quadra (Figura 9), reconhecida como espaço das aulas de Educação Física e do futebol, uma das propostas reivindicava maior oportunidade para praticar esportes Durante o tempo livre da escola.

Figura 9 – A quadra da EMMECB



Fonte: acervo pessoal da autora (2022)

Quadro 5 – A quadra

	Proposta1	Proposta2	Proposta3
Existe alguma aula ou atividade escolar acontecendo ali? Qual?	Sim. Futebol e Educação Física	Sim. Educação Física	Sim. Educação Física
Como você acha que esse lugar pode ser ocupado no tempo livre?	Jogando bola	Esse espaço pode ser usado como uma pista de <i>bike</i>	Ocupar com eventos de tecnologia
Em qual horário? Em quais dias da semana?	9h:30min, três dias da semana	Todo sábado, de 9h às 15h	Sábado e domingo, de 9h:30min até 12h
Para você, qual a importância de aproveitar esse espaço segundo esta proposta?	Para se divertir e nos deixar felizes	Aprender atividades práticas e novas para o cotidiano dos alunos	Podemos aprender sobre tecnologias
Para você, qual a importância para a escola, de abrir espaço para uma proposta como a sua?	É de grande importância, pois a escola se tornaria um espaço mais divertido	Revolucionar ideias novas para que os alunos possam sair do tédio	Para adquirir conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa.

O grupo formulou uma proposta direcionada ao recreio, onde poderiam utilizar o espaço e o equipamento da escola para praticar futebol três vezes por semana. Curiosamente, as outras duas sugestões se referiam a outros tempos, fora da rotina



das aulas, preenchendo os finais de semana com atividades que sinalizavam o espaço escolar e, nele, projetavam outras possibilidades.

Na segunda proposta, alguns estudantes sugeriram um horário reservado aos finais de semana para utilizar a escola como se fosse uma pista de bicicleta. Apesar de ser proibido andar de bicicleta dentro da escola por questões de segurança (para não esbarrar ou machucar outros estudantes), aqueles que costumavam ir para a escola usando suas bicicletas, ao olhar os espaços escolares, regularidade do piso, presença de rampas e relativa segurança pela ausência de trânsito de veículos automotores e pedestres, “artistaram” esta ideia, alinhando combinados que garantissem o usufruto e a segurança das pessoas.

O interesse em aprender sobre temas que não fazem parte do cotidiano escolar foi registrado por um grupo que reivindicava por um espaçotempo na escola destinado às expressões artísticas e às tecnologias. Ao construir esta proposta, os estudantes conversavam sobre a possibilidade de ter atividades artísticas, de robótica e de outros temas ligados à tecnologia e a utilização da quadra aos finais de semana como uma grande feira de apresentação e partilha desses conhecimentos.

Com relação à parte externa da quadra (Figura 10), apesar de fotografarem todo o entorno que corresponde a espaços utilizados durante as aulas de Educação Física e o recreio, as propostas se concentraram na área em frente aos vestiários, onde se situam duas mesas de ardósia e um espaço mais amplo, caracterizado pela presença contínua de estudantes para jogarem tênis de mesa, pularem corda ou aproveitarem outras brincadeiras.

**Figura 10** – Parte externa da quadra da EMMECB, em frente aos vestiários



Fonte: acervo pessoal da autora (2022)

Quadro 6 – Área externa da quadra

	Proposta3	Proposta4	Proposta4
<b>Existe alguma aula ou atividade escolar acontecendo ali? Qual?</b>	Sim. Pingpong	Tem como jogar cartas e pingpong	Sim. Educação Física
<b>Como você acha que esse lugar pode ser ocupado no tempo livre?</b>	Colocar areia para jogar futevôlei	Atividades de mesa para jogar	Mesa para dama, xadrez ou jogos com baralho
<b>Em qual horário? Em quais dias da semana?</b>	Aos finais de semana, de 7h às 18h	Todos os dias, no recreio e na educação física	No recreio e na falta de professores
<b>Para você, qual a importância de aproveitar esse espaço segundo esta proposta?</b>	Para exercitar, se divertir e treinar	Para se distrair dos estudos	A escola ser um ambiente mais divertido e mais voltado para o adolescente
<b>Para você, qual a importância para a escola, de abrir espaço para uma proposta como a sua?</b>	Para as pessoas terem opção de lugar para se divertir e passar seu tempo livre	Para evitar brigas, passar o tempo e ter mais diversão	Para a escola, talvez nenhuma, mas para os alunos seriam grandes oportunidades para aprender e ter atividades mais legais

Fonte: Dados da pesquisa.

Das propostas apresentadas, duas delas se destinavam ao recreio, a partir da reivindicação destas mesas para outros jogos, como dama, xadrez ou baralho. Os jogos de mesa e tabuleiro costumam ser praticados apenas nas aulas de Educação Física e aqueles estudantes que mais se interessam, pedem os tabuleiros de jogos emprestados para levar para a casa e ter a oportunidade de ensinar os familiares e jogar mais vezes. Esta dinâmica não é institucionalizada, ocorre eventualmente, quando o estudante manifesta o interesse e assume a responsabilidade sobre o material. São propostas que formalizam o interesse por estes jogos e a oportunidade de jogar em maior tempo, fora das aulas, por pura fruição.

A proposta relacionada ao futevôlei também corresponde à tentativa de garantir mais tempo e espaço a uma modalidade aprendida nas aulas de Educação Física, que desperta o interesse de uma parte dos estudantes. A abordagem a respeito do futevôlei tem ocorrido quando se trata de jogos com rede, juntamente com outros jogos como o vôlei ou tênis de mesa. Assim como na proposta relacionada aos jogos de mesa e tabuleiro, o anseio por aproveitar os espaços escolares e ampliar as oportunidades de experimentar outros jogos relacionados ao futebol, motiva a reivindicação deste grupo.

Ao apresentar propostas relacionadas ao pátio em frente à sala da direção (Figura 11), alguns grupos sugeriram a reforma desse espaço, incluindo a colocação de mesas com desenhos de tabuleiros de Damas e Xadrez.

**Figura 11** – O pátio em frente à sala da direção



Fonte: acervo pessoal da autora (2022)

**Quadro 7** – Pátio em frente à sala da direção

	Proposta7	Proposta8	Proposta9	Proposta 10	Proposta 11	Proposta 12
<b>Existe alguma aula ou atividade escolar acontecendo ali? Qual?</b>	Sim, recreio	Não	Sim, Educação Física	Sim. Recreio e Educação Física	Sim. Recreio e Educação Física	Sim, vôlei e basquete
<b>Como você acha que esse lugar pode ser ocupado no tempo livre?</b>	Aulas de skate, patins, esgrima e outras atividades	Batalha de dança, mostre o seu talento	No lugar dos bancos, mini rampas de skate e patins	Colocar novas mesas e jogos	Equipamentopara skate e patins. Aulas de futebol	Jogar vôlei e basquete
<b>Em qual horário? Em quais dias da semana?</b>	Finais de semana ou a tarde, com um professor que possa ajudar	No recreio, quarta-feira	Finais de semana e feriados	Quarta e sexta, no recreio	Dois dias da semana (quarta e sexta-feira), das 11h:40min até 12h	Todos os dias

Para você, qual a importância de aproveitar esse espaço segundo esta proposta?	Possamos aproveitar o lugar de um jeito legal	Diversão, mostra o talento das pessoas	A importância da escola ser um ambiente mais divertido e mais voltado para o adolescente	Aprender a jogar novos tipos de jogos	Para a escola ser menos tediosa	Jogar vôlei, basquete, queimado
Para você, qual a importância para a escola, de abrir espaço para uma proposta como a sua?	Para as pessoas terem interesse e pelo bem da escola	Diversão, todos iriam gostar	Para a escola, talvez nenhuma. Para os alunos seriam grandes oportunidades para aprender e ter atividades mais legais	Aprendizagem de jogos de lógica como uma forma de diversão	Para a escola melhorar e ter mais propostas	Sim, biblioteca, quadra, pátio

Fonte: Dados da pesquisa.

Outros grupos, considerando a presença de bancos e de um amplo espaço onde foram incluídos desenhos de brincadeiras tradicionais que atendem principalmente as crianças, propuseram a ocupação desse espaço com práticas amplamente divulgadas pelos meios de comunicação e redes sociais, que se relacionam com os grupos e as culturas juvenis.

O *skate*, por exemplo, se fez presente em três propostas direcionadas ao tempo livre fora das rotinas escolares. Tendo em vista que o bairro ainda possui ruas com calçamento ou sem asfalto, o piso regular da escola, as rampas e os bancos tornam o ambiente convidativo para esta e outras práticas recreativas. Somado a isso, o fato de a escola pública ser uma instituição de ensino gratuita, também corresponde à expectativa de que ofereça o ensino e equipamentos, garantindo a possibilidade de usufruto dessa prática e de outras como, por exemplo, patins, esgrima, entre outras.

Outra proposta que contém aspectos que provocam a escola e o modo como reconhecemos as culturas juvenis e os adolescentes, aborda a batalha de dança. Ao conversar sobre esta proposta e seu repertório musical na escola, os estudantes argumentaram ser possível escolher músicas que agradem aos adolescentes, sem fazer apologia às mensagens agressivas, grosseiras ou desrespeitosas como acontece em algumas músicas que podem ser ouvidas em outros espaços, como as festas e bailes de rua.

O interesse por instituir um espaço de liberdade de expressão no horário do recreio vai além das experiências formais de dança do currículo da Educação Física ou nos grupos de jovens, ministérios de juventude e de dança das igrejas, por se relacionar com o ambiente escolar na intenção de partilhar e tornar visível outros talentos que os estudantes possuem.

Duas propostas se inspiraram no pátio na entrada da escola (Figura 12) e também corresponderam às possibilidades ainda não experimentadas, ampliando os espaços de usufruto do tempo livre na escola e solucionando conflitos relacionados à quadra poliesportiva.

**Figura 12** – O pátio em frente ao portão de entrada



Fonte: acervo pessoal da autora

**Quadro 8** – Pátio em frente ao portão de entrada

	Proposta 13	Proposta 14
Existe alguma aula ou atividade escolar acontecendo ali? Qual?	Atividades escolares ao ar livre. Exemplo: corda	Sim. Educação Física

Como você acha que esse lugar pode ser ocupado no tempo livre?	Pode ser aproveitado para o vôlei, colocando uma rede fixa para ser usada permanentemente para este esporte	Pôr uma parede de escalada, com segurança, é claro!
Em qual horário? Em quais dias da semana?	Segunda a sexta-feira, no recreio e no intervalo	Nos finais de semana e feriados
Para você, qual a importância de aproveitar esse espaço segundo esta proposta?	Nós deixaríamos a quadra livre para o basquete e o futebol e aproveitaríamos outra área da escola	A importância é a escola ser um ambiente mais divertido e voltado para os alunos e adolescentes
Para você, qual a importância para o escol, de abrir espaço para uma proposta como a sua?	Ela poderá dividir os passatempos na escola e para os alunos	Para a escola, talvez nenhuma. Mas para os alunos seriam grandes oportunidades para aprender e ter atividades mais legais e os alunos verem a escola diferente

Fonte: Dados da pesquisa.

Uma das propostas sugeria o uso permanente deste espaço para o voleibol, providenciando formas de fixar a rede e demarcar a quadra, sem deixar de aproveitar o pátio ao disponibilizar a quadra para outras modalidades. A segunda outra proposta era para a instalação de equipamentos com a finalidade de transformar a parede mais alta do pátio em uma parede de escalada. Tal proposição me pareceu se inspirar na inclusão dessa prática como modalidade olímpica, o que ampliou a divulgação e a visibilidade dessa e de outros esportes.

O espaço do auditório (Figura 13) também despertou o interesse dos estudantes ao perceberem nos equipamentos e na disposição do espaço, possibilidades interessantes que são pouco aproveitadas, dentro e fora das aulas. Durante a pesquisa-ensino, nos momentos em que eu organizava os equipamentos do auditório, observei que sempre havia um estudante que subia no palco do auditório, para cantar uma música, fazer uma piada ou contar algo diferente.

Figura 13 – O auditório



Fonte: acervo pessoal da autora

Quadro 9 – Auditório e corredor

	Proposta 15	Proposta 16
Existe alguma aula ou atividade escolar acontecendo ali? Qual?	Professores usam as vezes para mostrar uns videos explicativos da matéria	Não
Como você acha que esse lugar pode ser ocupado no tempo livre?	Com filmes e projetos de teatro e dança	Poder usar os corredores nos finais de semana como pista de skate, das 14h;30min às 16h
Em qual horário? Em quais dias da semana?	Na falta de professores ou no tempo livre	Nos finais de semana e feriados
Para você, qual a importância de aproveitar esse espaço segundo esta proposta?	Por ser um espaço para essas atividades	Para aproveitar mais os espaços da escola
Para você, qual a importância para a escola, de abrir espaço para uma proposta como a sua?	Em nossa opinião, seria diferente e educativo	Para ajudar no desenvolvimento da escola

Fonte: Dados da pesquisa.

Um grupo sugeriu que a utilização deste espaçotempo se estendesse para os momentos em que um professor faltasse e não houvesse substituto, com outras atividades que poderiam ser educativas e/ou divertidas, como ver filmes e séries, entre outras possibilidades. Geralmente, quando ocorre uma falta sem

substituição, os estudantes ficam em sala usando os celulares, conversando ou fazendo atividades atrasadas de outras disciplinas.

Já a última proposta, que se refere aos corredores inferiores da escola, para além do ir e vir cotidiano que esse local de passagem proporciona, os estudantes imaginaram a possibilidade de usufruir práticas diferentes como *skate*, patins e bicicleta, nos finais de semana, levando em conta a regularidade da superfície dos extensos corredores, se comparada com o relevo das ruas do bairro.

Houve ainda, outros espaços fotografados, mas que não receberam nenhuma proposição neste encontro, como, por exemplo, o refeitório, a rampa, talude inferior da escola, biblioteca. Ocorreu, porém, uma proposição extra, feita por uma estudante da 80B, que não se referia aos espaços, mas às ideias apresentadas pelos colegas, sugerindo que, posteriormente, pudessem apresentar o conjunto de propostas a outros estudantes para saber a opinião e, talvez, quem sabe, implementá-las no cotidiano da escola.

### 5.3. A relação entre as aulas de Educação Física e o tempo livre

O último eixo da pesquisa-ensino se fez por meio de estratégias que permitissem refletir sobre as aulas de Educação Física e o tempo livre da/na escola, com a finalidade de cartografar as possibilidades e os limites reconhecidos pelos estudantes acerca dessa relação.

Nos encontros que ocorreram na última semana de setembro, pretendeu-se mirar os espaços escolares onde coincidiam o tempo livre dos estudantes e as aulas de Educação Física. Em uma roda de conversa sobre o assunto, buscamos responder à seguinte questão: o fato da quadra e de outros espaços escolares corresponderem tanto ao tempo livre dos estudantes quanto às aulas de Educação Física pode ser considerado um problema?

Os estudantes levantaram hipóteses a respeito e se reuniram com aqueles que tinham opiniões parecidas para, posteriormente, apresentar uma síntese da conversa para os demais grupos. Tal exercício não pretendeu julgar ou escolher o melhor argumento, mas, mapear os diferentes argumentos e impressões apresentados pelos grupos.



No período em que esta etapa da pesquisa foi desenvolvida, uma estudante da Graduação em Licenciatura em Educação Física iniciou o estágio curricular acompanhando as minhas aulas, o que possibilitou a organização de uma atividade sob a orientação dela para os estudantes que não participavam da pesquisa. Com isso, me foi disponibilizado mais tempo para acompanhar melhor os processos ao longo destes encontros.

Na turma 80C, ao apresentar a dinâmica do encontro, esclareci que utilizaria um aparelho para registrar o áudio da roda de conversa como estratégia da coleta de dados. No entanto, tal instrumento causou estranhamento e não foi bem aceito pelos estudantes. Ao insistir com esse registro, percebi que as conversas haviam se tornado muito artificiais, deixando alguns estudantes tímidos, outros perguntaram se eu não poderia somente anotar no caderno, como eu fazia sempre. Desisti, então, do registro por áudio e me concentrei nas anotações do caderno de campo.

Os estudantes organizaram dois grupos. No primeiro grupo, formado apenas por rapazes, a discussão era que um espaço que servia para a aula e para o tempo livre era tranquilo e não existia problema, uma vez que uma atividade não atrapalhava ou interferia na outra. O argumento era de que, se cada atividade tivesse seu tempo, as duas poderiam conviver sem atrapalhar, ainda que algumas vezes pudessem se encontrar, como nos amistosos que ocorrem na escola<sup>31</sup>.

O segundo grupo, formado apenas por moças, argumentou que os dois objetivos diferentes atrapalhavam a Educação Física, levando em conta que a falta de espaços e infraestrutura na escola causava problemas para as aulas em relação ao tempo livre. Como exemplo, uma estudante descreveu o que ocorria durante o recreio das turmas de quinto ano, que coincidia com as aulas de Educação Física desta turma:

“As crianças invadem a quadra querendo recreio e nós estamos no meio da nossa aula... Aí atrapalha. Antes tinha uma casinha para eles brincarem, mas tá toda quebrada e ninguém conserta”. (CADERNO DE CAMPO, 26/09/2022).

<sup>31</sup> Os amistosos correspondem a um evento que ocorre na última semana de cada trimestre, onde as turmas convidam outra turma para jogarem juntos. Em um dos dias, o convite é para jogar uma atividade aprendida nas aulas de Educação Física, no segundo dia, a turma pode escolher qualquer jogo ou mais de um jogo.

Com base nesse exemplo, percebi que os grupos dialogavam e buscavam melhor entender os argumentos uns dos outros, fazendo-os reconhecer pontos de convergência e acordo durante o debate. Ao final da roda de conversa, alguns estudantes sugeriram que eu refizesse os combinados do recreio com o quinto ano, para tentar amenizar este problema.

Na turma 80B houve o mesmo estranhamento com o registro de áudio e, novamente, mantive somente as anotações do caderno de campo. Em um momento de muita conversa e pouca concentração, enquanto eu explicava a proposta, uma estudante disse brincando: “ordem no tribunal!” Outra estudante sugeriu “e se fizermos esse debate tipo um julgamento, com um grupo defendendo que atrapalha e o outro falando que não atrapalha?”.

O grupo considerou a ideia interessante, no entanto, avalei que a intenção era discutirmos, ouvirmos diferentes opiniões e não dar uma sentença. Com isso, sinalizei não se tratar de uma ideia legal em que alguém julgasse ou desse um veredicto de qual argumento venceu. Eles insistiram e sugeriram um formato similar aos debates entre candidatos a uma eleição, com réplica e tréplica. Concordei e, juntos, organizamos as seguintes regras: vamos debater a relação entre o tempo livre e a as aulas de Educação Física; cada grupo teria cinco minutos para defender a sua ideia, “sem perder a amizade”; o outro grupo tem dois minutos para fazer perguntas e mais um minuto para responder; a professora controla o tempo de cada grupo<sup>32</sup>.

Com fundamento nas diretrizes descritas, concordei e acrescentei que eu poderia fazer algumas considerações no final, sobre os dois argumentos. Assim combinado, os grupos se reuniram, conversaram e decidiram seus argumentos e retornaram para a mesa de debate.

O primeiro grupo defendeu a ideia de não haver problemas na relação entre as aulas e o tempo livre. Os estudantes se revezaram dando exemplos e justificando que tanto no tempo livre, quanto na aula de Educação Física, quando aparece um problema é devido ao fato de as pessoas não respeitarem os combinados relacionados aos espaços e equipamentos. Defenderam um recreio mais orientado, para que houvesse organização em tudo, nas aulas, jogos e no tempo livre.

<sup>32</sup> O termo foi utilizado pelos estudantes como forma de deixar claro que poderiam apresentar ideias contrárias e questionarem os argumentos uns dos outros, mas que não seria nada pessoal, que era um debate de ideias e que não poderia afetar a amizade entre eles.

O segundo grupo levantou as seguintes questões: “Na aula, o professor organiza. E no recreio, quem vai organizar?” “Se o professor organiza o recreio, deixa de ser tempo livre?” “O tempo é livre ou tem obrigação?”. A partir de tais indagações, estudantes dos dois grupos começaram a lembrar de situações que colaboraram nestas polêmicas, como o futebol da hora do recreio, em que as meninas não conseguem jogar com os meninos por não respeitarem o direito delas.

Como havia encerrado o tempo combinado, passei a palavra para o segundo grupo, que afirmou existir um problema na relação entre o tempo livre e as aulas de Educação Física, atribuindo-o à falta de respeito aos combinados. Defenderam ainda, que a organização vem da presença das regras e das pessoas que sabem respeitar os combinados. Neste momento, relembrou uma aula que compartilhei com uma professora de português, quando reunimos as duas turmas para brincarem juntos em um amistoso que não havia sido combinado previamente, o que fez com que eles se sentissem prejudicados.

Ao considerar que eu havia mudado as regras e desrespeitado o combinado da aula, os estudantes afirmaram que o professor também pode causar problemas na relação entre aula e tempo livre. O primeiro grupo, que defendia a mediação dos adultos para garantia das regras, aproveitou o ensejo para reforçar que os adultos também tinham que obedecer às regras, pois ao rompê-las, atrapalham a escola, os estudantes e as aulas.

Os estudantes concluíram que o respeito às regras colaborava na organização do uso dos tempos e espaços escolares de maneira justa. O horário do encontro acabou sem que eu pudesse dividir com eles as minhas considerações e, como já haviam julgado a professora e as aulas, foram se despedindo e indo embora.

A turma 80A foi reunida com a mesma dinâmica, no entanto, a estudante que fazia o estágio em Educação Física quis acompanhar uma parte da atividade da pesquisa, o que causou um pouco de timidez nos participantes. Quando organizamos os grupos, eles ficaram mais à vontade para avaliar a relação entre os espaços do tempo livre que coincidiam com as aulas de Educação Física.

Um grupo defendeu o argumento de que não havia problemas, não havia conflitos, que a aula de Educação Física era mais livre e o problema era permanecer na sala.

O segundo grupo avaliou que, com aula ou tempo livre, o problema era a preguiça dos estudantes, pois a maioria dos jovens não quer fazer nada, só encontrar, bater papo e mexer no celular. Pensei que a discussão nesta turma trilhava direções que nos afastavam do debate, centralizando as reflexões no indivíduo e nos desejos dos jovens, fato este que dificultou o redimensionamento da conversa para o espaço escolar.

Uma estudante que sempre defendeu as propostas relacionadas ao *skate* na escola, falou que o desinteresse era consequência da mesmice da escola: “se houvessem coisas diferentes como patins, *bike* e *skate*, as aulas ficariam mais interessantes e, no tempo livre, poderiam aproveitar o que aprenderam nas aulas”. (CADERNO DE CAMPO, 27/09/2022). Outra estudante concordou e defendeu que os estudantes têm que trazer sugestões de atividades diferentes, como a esgrima.

Como se nota, foram considerações importantes, porém, observei que os colegas não se interessaram muito pela opinião das duas. Quando encerrei a atividade, elogiei a postura das estudantes, me posicionando de modo que eu havia entendido o recado, concordando com o argumento que apresentaram, sobre a importância de conhecer e aprender coisas novas.

O modo como as rodas de conversa/debate trouxe elementos do cotidiano das aulas e da compreensão que os estudantes haviam desenvolvido sobre o tempo livre na escola, se afastava da ideia de conflito entre professor e aluno, sem negar as divergências que fazem parte do contexto das aulas.

O percurso da pesquisa-ensino e a ampliação de perspectivas sobre o espaço escolar permitiu aos estudantes melhor compreender o “arquipélago de lugares” onde as aulas de Educação Física se inserem, reconhecendo os sujeitos implicados nas práticas e os impactos das suas representações e escolhas, o compromisso ou a falta dele, a responsabilidade, as contradições, como elementos que impactam a experiência de todos.

#### 5.4. Avaliação da Educação Física e da pesquisa-ensino

O mês de outubro coincidiu com várias demandas e atividades, incluindo a recreação em comemoração ao dia das crianças, a semana de recesso e a atividade de campo desenvolvida por mim, junto aos estudantes do 8º e 9º ano, com visita a

Exposição Mó Divertimento: Corpos e Sensibilidades, realizada pelo Centro de Memórias da Educação Física (CEMEF), na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG. Conseqüentemente, o último encontro da pesquisa-ensino ocorreu na última semana de outubro, quando reuni todos os estudantes envolvidos na pesquisa, no auditório da escola para apresentar um instrumento de avaliação organizado por meio do *Google Forms* (Anexo G).

O formulário foi composto por sete questões. As duas primeiras eram sobre o Eixo 1 - Investigando concepções e espaços relacionados ao tempo livre dos estudantes. As questões 3 e 4 se referiam ao Eixo 2 - Investigando o espaço escolar: tempo livre na escola. A quinta questão tratava do Eixo 3 - Investigando as aulas de Educação Física na relação com os espaços de tempo livre e as demais questões abordavam a articulação entre os eixos, em um plano geral.

O questionário foi respondido por vinte estudantes e as respostas foram compiladas e organizadas em um único quadro (Apêndice 10).

Com os estudantes reunidos, os informei que naquele ano não teria mais aulas de projeto, apenas um questionário avaliativo a ser respondido nas próximas semanas, por meio de um *link* do *Google Forms*. Conversamos sobre os eixos e os encontros, de forma a relembrar as atividades e os dados produzidos em cada aula, na intenção de ajudá-los a refazer o percurso da pesquisa. Foi uma forma que encontrei para auxiliá-los em responder o formulário. Disponibilizei-me para ajudar aqueles que precisassem de ajuda para acessar e preencher o questionário que se fizeram durante as aulas de Educação Física. Para tanto, foram reunidos dois estudantes por vez para usar os computadores e a *internet* na escola. Apenas cinco estudantes preencheram o formulário em casa. Os outros 15 se dispuseram a preencher na escola, com auxílio de uma professora ou de um colega. Os demais afirmaram não ter interesse em fazer esta última atividade.

Com relação às respostas coletadas por meio do formulário, o que mais despertou interesse nos encontros do primeiro eixo foi respondido por alguns estudantes como encontros criativos, divertidos e interativos, destacando os instrumentos utilizados para coleta de dados como fator positivo. Outros adolescentes elogiaram o fato de conversarem e ouvirem as opiniões uns dos outros. Dois estudantes mencionaram o fato de conhecer a rotina dos colegas e ver aspectos similares como fator positivo, o que destaca o fato de as interações e o

diálogo entre os sujeitos envolvidos na pesquisa promoveram trocas e construção de novos conhecimentos e saberes.

A maioria dos estudantes mencionou a percepção da existência dos espaços para usufruto do tempo livre no bairro e o desejo por transformar esses lugares como aspecto mais relevante, no primeiro eixo, permitindo a compreensão de que houve uma ampliação de perspectiva em relação ao bairro e ao território cartografado.

A respeito do modo como avaliavam os instrumentos utilizados para a coleta de dados (mapas e desenhos), os estudantes descreveram ter considerado interessante, diferente e terem gostado da experiência por aprender a usar os recursos disponíveis na plataforma da *Google* não se cansar ao fazer isso. A maior parte dos estudantes destacou o fato de conhecer novos lugares como algo positivo proporcionado pelos mapas. A experiência do desenho à mão livre também foi mencionada por um estudante que afirmou não saber desenhar.

Sobre as questões relacionadas ao segundo eixo, que se referia aos espaços escolares em relação ao tempo livre, ao perguntar o que havia chamado a atenção dos estudantes com a investigação na escola, alguns mencionaram a relação entre a escola e o bairro, o que associei à percepção dos espaços escolares como parte deste território. Outros estudantes consideraram as rotinas na escola monótonas, ao descrever que eram todas iguais. No entanto, a maior parte dos adolescentes citou como aspecto relevante, as descobertas desses encontros, como os espaços na escola que não conheciam, as diferenças nos usos feitos por outras pessoas, os lugares não utilizados e as possibilidades criadas por meio das propostas, entre outros.

Com relação à utilização de registros fotográficos como estratégia de produção de dados dessa etapa da pesquisa, esta foi considerada uma experiência legal e divertida, seja pelo reconhecimento da produção do registro pessoal, pelo reconhecimento das escolhas ou usos subjetivos. Mas foi destacado, principalmente, por mostrar ou ilustrar as ideias, pensamentos, a imaginação, as descobertas, curiosidades e criatividade dos estudantes envolvidos na pesquisa.

A respeito das aulas de Educação Física, ao refletir se os encontros despertaram interesse, curiosidade ou impressões sobre as aulas, os estudantes descreveram a variedade de práticas e de espaços possíveis nessas aulas, se

referindo a lugares abertos, comuns ao tempo livre dos adolescentes e sobre a possibilidade de expressarem sua criatividade nas aulas ou fora delas, se exercitando. Os debates sobre as aulas também foram mencionados como fator que uniu os estudantes na discussão das ideias.

Com relação às questões que trataram de noções gerais da pesquisa e das experiências vividas ao longo do percurso, uma das proposições era que os estudantes conceituarem o tempo livre. A resposta obtida foi como tempo para ficar onde gosta, fazendo o que gosta, sem outras obrigações, saindo de casa, encontrando os amigos, pensando na vida e usufruindo o lazer.

Ao questionar como poderíamos compartilhar com o restante da escola o que havíamos aprendido ao longo da pesquisa-ensino, várias alternativas foram indicadas, utilizando o ambiente físico da escola e outros meios virtuais. Os estudantes elencaram a possibilidade de passar nas salas, utilizar cartazes, o recreio, vídeos ou disponibilizar por meio de *links* as experiências vividas no projeto. No entanto, a maior parte sugeriu a votação ou apreciação das propostas formuladas por eles, apresentando-as aos outros estudantes. Houve, também, sugestões relacionadas à vivência do tempo livre dentro das aulas e da rotina escolar.

A avaliação final dos estudantes desencadeou a narrativa sobre a cartografia do território que construímos juntos, no percurso da pesquisa-ensino. Ao ler estes registros, percebi que o exercício de ampliar a perspectiva sobre os espaços relacionados ao tempo livre nos permitiu mirar uma paisagem mais complexa, composta por lugares e pessoas, incluindo a intimidade dos lares e a provocação das ruas, praça, campo e da escola. Considero tal resultado, um convite para o encontro com outras pessoas, outros lugares, sentidos e afetos.

Ao reconhecer nos relatos dos estudantes sobre o exercício de artistagem dos espaços a alegria de quem mirou novas perspectivas, inventaram-se novos usos para espaços e transformando o cotidiano. Consequentemente, partilhei com a orientadora, minhas impressões e a intenção de ampliar a pesquisa-ensino, formulando, junto com os adolescentes, uma maneira de apresentar suas propostas para a escola. Tendo em vista que o ano letivo de 2022 já estava por se encerrar, a intenção foi de retomar este processo no ano letivo de 2023.

### 5.5. O planejamento participativo

Ao iniciar o ano letivo de 2023 na EMMECB, solicitei a inclusão da proposta de Planejamento Participativo na pauta da primeira reunião administrativa. Para tanto, apresentei todo o percurso da pesquisa-ensino desenvolvida, as propostas formuladas pelos estudantes e o desejo manifestado por eles em expor as proposições a outros estudantes e tentar implementá-las no cotidiano da escola.

A direção da escola se mostrou receptiva, mas advertiu para a inviabilidade de efetivar as propostas fora do turno das aulas e solicitou que fossem apreciadas apenas aquelas destinadas ao turno da manhã. Diante da aprovação da direção e dos colegas, o próximo passo foi retomar o debate junto aos estudantes.

No mês de fevereiro, logo após o recesso de carnaval, reuni os estudantes envolvidos na pesquisa, no auditório da escola. Eles, que agora estão no nono ano, estavam ansiosos desde o primeiro dia de aula e me procuraram perguntando quando retomaríamos os encontros. Expliquei ao grupo que havia formulado uma proposta que chamei de Planejamento Participativo e propus que a apresentação ocorresse na quadra. Seria um tipo de exposição ou uma feira de cultura, em que todos tivessem a oportunidade de conhecer as propostas.

Os estudantes se mostraram animados, porém, tímidos com a possibilidade de falar em público à frente de toda a escola. Diante dessa situação, sugeri que fizéssemos como uma apresentação de posters e que, em grupos, ficassem à disposição para tirar dúvidas e coletar as assinaturas daqueles estudantes que apoiassem as suas propostas. Tal sugestão foi bem aceita e lhes pareceu interessante. Concordaram.

Foi necessário um segundo encontro para revisar as propostas e manter aquelas que se destinavam ao turno das aulas, de acordo com as orientações da direção. Organizei os estudantes na arquibancada da quadra e eles se dividiram em sete grupos para reler as propostas e reformulá-las. Foram escolhidos os espaços da quadra, pátio em frente ao vestiário, em frente à direção, de entrada e o auditório. Dois novos espaçotempos foram incluídos que foram a proposta da parede de escalada substituída por um mural destinado aos estudantes, em que cada turma ficaria responsável por preenchê-lo com mensagens positivas e incentivadoras a outros estudantes. A ideia era tornar a escola mais agradável. Outra proposta se



destinou às aulas de projetos, reivindicando que tratassem de temas de interesse dos estudantes.

Foram confeccionados cartazes para divulgar a realização do evento, contendo breves explicações a respeito da dinâmica. Estes cartazes foram afixados em todas as turmas e no pátio da escola. Ao passar nas salas afixando os informes, eu fazia um breve resumo do percurso da pesquisa e explicava para as turmas como seria o evento. Os estudantes das turmas que não participaram da pesquisa perguntavam se poderiam apresentar suas propostas e eu informava que nesta edição não seria possível, mas se o evento fosse interessante e a implementação das propostas fosse positiva, poderíamos fazer outras edições e apreciar as propostas de outros estudantes.

Também foram confeccionados pôsteres para exposição e apresentação. Os grupos dos estudantes envolvidos na pesquisa receberam cópias dos posters para que pudessem se organizar e planejar como fariam a exposição (Figura 14).

**Figura 14** – Fotos dos cartazes de divulgação do Planejamento Participativo da EMMECB no corredor da escola



Fonte: acervo pessoal da autora (2023)

No dia 9 de março de 2023, organizamos a quadra para o evento (Figura 15), dispondo mesas e cadeiras como se fossem expositores dos posters. Além dos grupos de exposição das propostas, outra equipe foi formada para fazer o registro fotográfico do evento e o apoio técnico (microfones, caixas de som, distribuir as listas de assinatura). Após o recreio, durante os dois últimos horários, reunimos as quinze turmas da escola na quadra e iniciamos o primeiro Planejamento Participativo da EMMECB.

Pelo fato de a quantidade de estudantes para visitação ser muito grande, decidimos dividir em dois blocos. No primeiro, as turmas do quinto ao sétimo ano do ensino fundamental visitavam os posters e assinavam as listas das propostas que considerassem interessantes. Enquanto isso, as turmas de oitavo e nono ano aguardavam na arquibancada para, depois, se revezarem.

Ao final, conferimos as listas e todas as propostas para verificar se tinham assinaturas de estudantes de todas as turmas, professores e da direção, o que fez com que considerássemos todas as propostas aprovadas.

**Figura 15** – Fotos do evento: Planejamento Participativo



**Fonte:** dados da pesquisa produzidos pela estudante da turma 90C

Na semana seguinte, organizei os equipamentos necessários e divulguei o resultado do evento junto à direção, professores e turmas. Os representantes das turmas, juntamente com os estudantes envolvidos no projeto, ficaram responsáveis em auxiliar na organização das atividades, que já foram implementadas no cotidiano da escola.

Com a finalidade de garantir o registro do percurso da pesquisa e do evento, construímos uma edição especial do jornal Estação Icaivera e, no contexto da pesquisa, o mesmo correspondeu ao produto educacional (Apêndice 11).

Os estudantes que demonstraram interesse em participar do jornal, participaram dos encontros para a idealização das informações relevantes e sua disposição no impresso. Individualmente ou em pequenos grupos, os estudantes produziram os textos, propuseram uma disposição para o texto e as imagens no

jornal. Foram orientações editadas por mim, por meio do *Canva*, dando origem à versão digitalizada do jornal<sup>33</sup>.

A versão impressa foi disponibilizada no mês de maio para os estudantes envolvidos na pesquisa e para a comunidade escolar por meio da biblioteca da EMMECB. Ela ficará à disposição para consulta ou como registro do evento, compondo o acervo de memórias da escola.

---

<sup>33</sup> De acordo com Gonçalves (2022, p. 15) O *Canva*, que é uma ferramenta *online* gratuita de *design* gráfico. Dada a sua simplicidade de manuseamento, foi projetada para ser acessível a todos os públicos, mesmo para aqueles que têm menos aptidões tecnológicas. É uma plataforma de criação gráfica *online*, que funciona como um *software* de navegador *web* e/ou *App* para dispositivos *smart* móvel, que permite criar *designs*, utilizar centenas de *templates* e usufruir de diversas ferramentas de edição, capaz de criar gráficos de mídia social, apresentações, pôsteres, dentre diversos conteúdos visuais, inclusive a criação de histórias. Possui a versão de uso gratuito e está disponível online, e pode ser acessado pelo navegador *web* do computador e/ou pelo *App* instalado nos dispositivos móveis. O Sistema integra milhões de imagens, fontes, modelos e ilustrações.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Paulo Freire - Pedagogia da autonomia (2001).

Ao chegar à reta final do mestrado e reassumir minhas atividades como professora de Educação Física nas duas escolas municipais dos bairros Icaivera, admito o cansaço acumulado pelas trilhas percorridas. Mas, por outro lado, reconheço que muito maior é o entusiasmo por tudo que aprendi. Retomar os estudos foi um exercício de amadurecimento profissional, emocional e intelectual, que mais do que trazer seguranças e certezas, reavivou a disposição para duvidar, questionar, investigar e me reinventar permanentemente.

Ao escrever a primeira versão do projeto de pesquisa, eu pretendia investigar na Escola Municipal Vereador José Ferreira de Aguiar, aspectos do currículo em Educação Física da Rede Municipal de Contagem. Porém, a partir das leituras e dos debates desenvolvidos ao longo das disciplinas do mestrado, da interação com os colegas e com os professores, optei por uma mudança, desenvolvendo a pesquisa na Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz. Foi uma decisão assertiva, uma vez que as tensões entre professor e estudantes, no contexto das aulas de Educação Física das quais me recordava ao refletir sobre a minha prática docente, no período que antecedeu a pandemia de Covid-19, careciam de investigação e de transformação.

Durante o período de isolamento social, passamos por grandes mudanças que alteraram as rotinas de todas as pessoas e afetaram o modo como ensinamos e aprendemos, tanto nas escolas quanto nas universidades. Neste contexto, seguir com o mestrado por meio do ambiente virtual foi desafiador, mas resguardou nossa saúde e integridade física. Além disso, conseguimos aprender com o uso de tecnologias, formas inovadoras e criativas de partilhar experiências com os professores e colegas, de aprender e refletir juntos, mediados pelo computador e por celulares.

Com relação a fazer docente, junto aos estudantes e a escola, após o período de isolamento social, foi necessário reconstruir a relação entre as pessoas e os espaços educacionais. Surpreendentemente, os conflitos outrora relacionados às

diferentes representações que incidiam sobre o as aulas de Educação Física e que motivaram a investigação sobre a relação entre os estudantes, o tempo livre e o espaço escolar, não mais correspondiam ao contexto pós-pandêmico, de retomada das atividades presenciais. Ao investigar as representações e lugares reconhecidos pelos estudantes para usufruto do tempo livre, a presença exclusiva do ambiente doméstico exigiu a busca de elementos conceituais que auxiliassem na pesquisa.

Ao investigar as representações atribuídas aos espaços escolares, considerei relevante analisar aspectos relacionados à arquitetura, à finalidade dos espaços, a um currículo oculto manifestado na forma, que educa as pessoas ao utilizarem estes espaços. Nesse sentido, foi de significativa importância me aproximar do referencial oriundo da geografia humanista e superar uma visão desencarnada do território, reconhecendo o espaço praticado das cidades, dos bairros, da escola e da Educação Física, transitados e vividos corporalmente, significando e sendo significado por outras representações materializadas no ambiente.

Outra contribuição importante refere-se ao diálogo com o referencial teórico que trata dos aspectos políticos, econômicos e sociais presentes na relação entre as pessoas e o espaço. Ao refletir sobre o território do Icaivera, reconhecendo as precariedades da escola, dos equipamentos públicos e admitindo as mazelas que recaem sobre a população periférica, empobrecida, foi possível analisar como a segregação dessas pessoas as excluem de uma experiência de bem viver a cidade, de uma cidadania completa.

A partir da pesquisa-ensino, dos instrumentos e das estratégias adotadas na coleta de dados e da análise articulada com o referencial teórico incorporado ao estudo, foi possível ampliar a perspectiva dos adolescentes e colaborar na percepção da complexidade dos espaços descritos, dentro e fora da escola. A complexidade das práticas sociais dos estudantes constituiu um território onde a dimensão singular das histórias se encaixava, agregando as ruas e bairros, ultrapassando os limites geográficos das cidades.

Ao desenvolver todo o processo de pesquisa-ensino junto com os estudantes e reconhecer a criatividade expressa em suas falas, registros e propostas, o conceito de artistagem e sua dimensão estética, ética, política e artística me pareceram coadunar com este exercício de investigar e transformar o cotidiano e a escola. A artistagem não se restringiu ao campo das ações que provocaram

mudanças no tempo livre dos estudantes dentro e fora do horário das aulas, mas, gerou conhecimentos sobre a experiência discente e docente, transformando as relações entre as pessoas no contexto escolar e, especialmente nas aulas de Educação Física.

Ao longo do percurso, pode parecer que a Educação Física foi se tornando um elemento secundário, compondo a paisagem da pesquisa. No entanto, percebo a importância dos estudantes no percurso da pesquisa e como o modo com que refletiram sobre o território, a escola, o cotidiano e o tempo livre, forneceram elementos que adensam a relação entre os saberes emergentes da investigação e os saberes da Educação Física Escolar.

Para além dos prédios escolares, dos equipamentos públicos e da liturgia das aulas, existe a relação entre as pessoas e delas com os lugares, a significar e ser significado – o que pode parecer óbvio, mas na minha práxis foi transformadora – admitindo a centralidade nos sujeitos, nas pessoas, nos estudantes e sua relação com o conhecimento experienciado nas aulas de Educação Física.

Construir outras relações com espaço-tempo da escola e da Educação Física escolar, permitiu consolidar seu caráter de espaço de conhecimento, de saberes experienciais sem, necessariamente se opor a outras experiências que coabitam o lugar das aulas, trazendo uma práxis em diálogo com a experiência do tempo livre. Com isso, incorporou as mudanças em curso que reconfiguraram as representações espaços dentro e fora da escola e os desafios da educação e da sociedade. Além disso, como a compreensão sobre o tempo livre na escola e da escola estimulou os estudantes a construir proposições autônomas de ocupação dos espaços, a Educação Física se tornou mais uma das experiências nestes lugares, trazendo para o cotidiano das aulas mais leveza ao abordar os temas relacionados a esta área do conhecimento.

Outro desafio se apresenta, na relação dos adolescentes e suas proposições frente à dimensão política da escola - que por vezes apóia as iniciativas, em outra as repreende, outras ainda demonstra instabilidade e intimidação frente à autonomia e organização dos estudantes<sup>34</sup>. A escola e a comunidade escolar precisam manter

<sup>34</sup> Durante a pesquisa, os estudantes do 5º ano do ensino fundamental, apesar de participarem do planejamento participativo, ficaram aquém das propostas e transformações ocorridas no tempo livre, em função de questões estruturais da escola (outro grupo de professores e um recreio separado dos outros estudantes). Alguns estudantes dessas turmas organizaram uma manifestação que chamaram



## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, J., PASSOS, E. Pista 7 - cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Org.). **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 131-149.
- ALVES, N. **Espaço e tempo de ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.
- ANDRADE, C.D. **Poemas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.
- APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARROYO, M. **O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- BARROS, L. P., KASTRUP, V. Pista 3 - cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Org.). **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52-75.
- BRANDÃO, C.R. **Casa de Escola: cultura camponesa e educação rural**. Campinas: Papyrus, 1984.
- CARDOSO, L. **Transporte Público, Acessibilidade Urbana e Desigualdades Socioespaciais na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Tese. 2007. 232f. (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, UFMG, Belo Horizonte.
- CARRANO, P.C.R. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes 2003.
- CERTEAU, M.A **invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORAZZA, S.M. **Pesquisa-ensino: 'o hífen' da ligação necessária na formação docente**". Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- D'ANDREA, T. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**.2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- DAVILA, O. **Adolescência e juventude: das noções às abordagens**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- DAYRELL, J. **A escola como espaço sociocultural**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.



- DAYRELL, J., GOMES, N.L. **A juventude no Brasil**. Belo Horizonte, 2009.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs 1: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34/1995, 2006.
- DUARTE, L.R. Educação Física como Linguagem. **Motriz-revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 292-299, 2010.
- ESCOLA MUNICIPAL MARIA ELENA DA CUNHA BRAZ- EMMECB. **Projeto Político Pedagógico - PPP**. Documento impresso arquivado na escola. Betim/MG, 2022.
- ESCOLANO, A. **Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FELIZARDO JUNIOR, L.C. **Socialização e educação: um estudo com jovens negros num espaço público de lazer de uma grande metrópole**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- FIOCRUZ. **ConVid Pesquisa de comportamentos**. 2020. Disponível em: <<https://convid.fiocruz.br/>>. Acesso em: 22 mai 2022.
- FONSECA, P.O. **Caderno de Campo**. Betim: Diário de Campo, 2022.
- FOUCAULT, M. **Outros Espaços**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2013.
- FRANCH, M. **Tardes ao léu: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia**. 2000. 235f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GARIGLIO, J.A.; ALMEIDA JUNIOR, A.S.; OLIVEIRA, C.M. O “novo” Ensino Médio: implicações ao processo de legitimação da Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 53-70, set. 2017.

GIGLIO, S.S; NUNES, M.L.Fi. Reflexões sobre a regulação e a heterotopia nas aulas de Educação Física. **Pro-Posições**, v. 29, n. 3, 2018.

GONÇALVES, M.C. **O uso do Canva nas práticas pedagógicas**: criação de histórias e suas possibilidades.2022. 52f. Monografia (Pós-Graduação em Práticas Pedagógicas) - Instituto Federal do Espírito Santo, Santa Maria de Jetibá.

HOLZER, W. Sobre lugares e lugaridades. **Cidades**, v. 10, n. 17, p. 19-29, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018/2019. IBGE: 2021. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf)>. Acesso em: 09 nov. 2022.

KASTRUP, Virgínia. Pista 2 - o funcionamento da atenção no trabalho cartográfico, in: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Org.). **Pistas do método de cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.32-51.

KASTRUP, V.; BARROS, R. B. Pista 4 - movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Org.). **Pistas do método de cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 76-91

LOPES, M.C. **Ludicidade humana: contributos para a busca dos sentidos do humano**. Portugal: Universidade de Aveiro, 2004.

LOURO, G.L. **Nas redes do conceito de gênero**. In: LOPES, M. J. et al. Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. P.7- 18.

MACEDO, R.S. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Brasília: LiberLivro 2010.

MALTA, D.C. A pandemia de COVID-19 e mudanças nos estilos de vida dos adolescentes brasileiros. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 24, n. 12, p. 1-13, 2021.

MALTA, M.S.F. **O lazer, os jovens e a escola**: territórios, acontecimentos e conhecimentos no cotidiano de uma escola pública, de ensino fundamental, no município de Belo Horizonte.2015. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, EEFETO, Belo Horizonte.

MARTINS, C.J. **Corpo, tempo e espaços modernos na experiência surrealista**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MARTINS, F.F.R. Encontrar escola: o tempo livre como criação de outro modo de habitar a instituição. **child.philo**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 27, p. 213-233, maio, 2017.

MINAYO, M.C. **Trabalho de campo**: Contexto de observação, interação e descoberta. Petrópolis, vozes, 2009.

MIRANDA, S.L. **O lugar do desenho e o desenho do lugar no ensino de geografia**: contribuições para uma geografia escolar crítica. 2005. 169f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

OLIVEIRA, C.M. **Quando os tempos e os corpos se educam**: um estudo sobre o Projeto Político-Pedagógico Escola Plural (Belo Horizonte, 1994-2001).2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

OLIVEIRA, I.B. Estudos do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana: o desafio da coerência. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.9, n. esp., p.162-184, out. 2008.

OLIVEIRA, G.N B. de; NEIRA, M.G. Contribuições Foucaultianas para o debate curricular da Educação Física. **Educação em Revista**, v. 35, n. 1, p. 1-28, 2019.

OLIVEIRA, T.R.M.; PARAÍSO, M.A. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 159–178, 2016.

PASSOS, E.;BARROS, R.B. Pista 1 - a cartografia como método de pesquisa-intervenção. in: PASSOS, E.;KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Org.). **Pistas do método de cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 17-31

PASSOS, E.;EIRADO, A. Pista 6 - cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.;KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Org.). **Pistas do método de cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 109-130

PASSOS, E.; KASTRUP, V. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013.

PASSOS, E.;KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Org.). **Pistas do método de cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PENTEADO, H.D. A relação docência/ciência sob a perspectiva da pesquisa-ação.Em PENTEADO, H.D; GARRIDO, E. (orgs.). **Pesquisa-ensino, a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo, Paulinas, 2010.

RIBEIRO, L. C. Q; KAZTMAN, R. **A Cidade contra a Escola: segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**, Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.

ROCHA, L.C.; SILVA, W.A. Tempo e lazer: relações com o tempo livre. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 133-139, 2002.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. **Geographia**, v. 1, n. 1, p. 1-8, 1999.

SANTOS, M. **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SILVA, B. **A tecnologia é uma estratégia**. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho do Projecto Nónio, 2001.

SILVA, L.V. **Cartografia de espaços e territórios de lazer na escola: mapeando os acontecimentos de inflexões de aprendizagem no brincar de crianças**. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, EEEFTO, Belo Horizonte, 2020.

SOARES, J.F.; RIGOTTI, J.I.R.; ANDRADE, L.T. **As desigualdades sócioespaciais e o efeito das escolas públicas de Belo Horizonte**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.

TONUCCI, J. B.; PATRÍCIO, P. A.; BASTOS, C. **Nota técnica – desafios e propostas para enfrentamento da covid-19 nas periferias urbanas: análise das condições habitacionais e sanitárias dos domicílios urbanos no Brasil e na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. 2020. Disponível em: <<https://www.cedeplar.ufmg.br/noticias/1229>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

VAGO, T.M. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 1, p. 25-41, 2009.

VAZ, A.F. **Lazer, indústria cultural, biopolítica**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

VEIGA-NETO, A. **Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola?** Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

VEIGA-NETO, A. De geometrias, currículo e diferenças. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 163-186, 2002.



VEIGA-NETO, A. Memória, tempos, cotidianos. In **Congresso Internacional Cotidiano Diálogos Sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense**, Niterói, agosto, 2005.

VIANA, M.A. Infância contemporânea: institucionalização e cerceamento. **RevistaPsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 47-68, fev. 2019.

ZAIDAN, S.; FERREIRA, M. C. C.; KAWASAKI, T. F. A pesquisa da própria pratica no Mestrado Profissional. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, v. 3, n. 1, p. 88–103, 2018.

ZALUAR, A. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan, Ed. UFRJ, 1994.

## ANEXOS

### ANEXO A – Carta de Anuência Institucional

Título da Pesquisa: “O exercício cartográfico na pesquisa-ensino: Representações de estudantes sobre o espaço vivido no Território do Icaivera, na escola e na Educação Física”.

Orientadora de pesquisa: Profa. A Dra. MeilyAssbúLinhales

E-mail: meily\_linhales@yahoo.com.br

Tel: 31 991850722

Pesquisadora Responsável: Paola Oliveira da Fonseca

E-mail: paolafonseca@semed.betim.mg.gov.br

Tel: 31 983819692

Prezada direção da Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz;

A Mestranda Paola Oliveira da Fonseca, do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais realiza uma pesquisa intitulada “O EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA-ENSINO: Representações de estudantes sobre o espaço vivido no Território do Icaivera, na escola e na Educação Física”, sob orientação da pesquisadora da EEEFTO-UFMG, Profa. A Dra. MeilyAssbúLinhales. A pesquisa tem por objetivo compreender como estão estabelecidos os usos e significações dos espaços escolares da Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz, articulando-os com as representações de educação física e tempo livre, a partir dos documentos escolares e do diálogo com os estudantes. A investigação será desenvolvida no decorrer do ano de 2022, com o registro de algumas aulas da professora. Serão realizadas observações e registros audiovisuais durante as aulas. Todo o material recolhido como registro da pesquisa será usado apenas nas análises do estudo. As imagens e áudios captados durante as aulas serão utilizados para a produção do trabalho final do curso de Mestrado e, posteriormente, em textos e artigos para publicação científica, sendo que nenhuma informação relativa à identificação dos/as estudantes/as será revelada.

Esclarecemos que não há riscos para os estudantes e não haverá nenhuma mudança na rotina de aula dos mesmos. Não haverá auxílio financeiro aos voluntários, tampouco benefícios de qualquer natureza para participação no estudo. Todas as despesas relacionadas serão arcadas pelos responsáveis desta investigação. A instituição estará livre em qualquer fase da pesquisa para se recusar a participar ou para retirar sua anuência, sem prejuízos adicionais para a mesma. Qualquer dúvida, favor entrar em contato através do e-mail: paolafonseca@semed.betim.mg.gov.br, e/ou pelo telefone (31) 983819692, ou através do e-mail: meily\_linhales@yahoo.com.br e/ou pelo telefone (31) 991850722.

Antecipamos agradecimentos.

Paola Oliveira da Fonseca – Mestranda

Profa. A Dra. MeilyAssbúLinhales – Orientadora da pesquisa

---

Via para a Instituição

Eu, \_\_\_\_\_,  
representante da Instituição \_\_\_\_\_, estou ciente da pesquisa intitulada “O EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA-ENSINO: Representações de estudantes sobre o espaço vivido no Território do Icaivera, na escola e na Educação Física”, realizada pela professora Paola Oliveira da Fonseca, sob orientação da Profa. Dra. MeilyAssbúLinhales, do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF e concedo anuência formal para a coleta de dados.

Betim, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_\_

---

Assinatura

## ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Famílias)

Título da Pesquisa: “O exercício cartográfico na pesquisa-ensino: Representações de estudantes sobre o espaço vivido no Território do Icaivera, na escola e na Educação Física”.

Orientador de pesquisa: MeilyAssbúLinhales

E-mail: meily\_linhales@yahoo.com.br

Tel: 31 991850722

Pesquisador Responsável: Paola Oliveira da Fonseca

E-mail: paolafonseca@semed.betim.mg.gov.br

Tel: 31 983819692

Senhores pais ou responsáveis;

Seu/sua filho/a está sendo convidado a participar da pesquisa de Mestrado intitulada “O EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA-ENSINO: Representações de estudantes sobre o espaço vivido no Território do Icaivera, na escola e na Educação Física”, a ser realizada na Escola, pela professora de Educação Física Paola Oliveira da Fonseca. O objetivo da pesquisa é compreender como estão estabelecidos os usos e significações dos espaços escolares, articulado-os com as representações de educação física e tempo livre, a partir dos documentos escolares e do diálogo com os estudantes. Para essa pesquisa, serão analisadas algumas aulas de projeto da turma do/da seu/sua filho/filha, análise essa que será feita pelo próprio professor da turma. Serão realizados observações e registros audiovisuais durante as aulas. Não haverá nenhuma mudança na rotina de aula dos estudantes. Todo o material recolhido como registro da pesquisa será usado apenas nas análises do estudo. As imagens e áudios captados durante as aulas serão utilizados para a produção do trabalho final do curso de Mestrado e, posteriormente, em textos e artigos para publicação científica, sendo que nenhuma informação relativa à identificação dos/as alunos/as será revelada.

Esclarecemos que a participação do/a adolescente na pesquisa é totalmente voluntária, embora o/a mesmo/a deva participar das aulas normalmente. Nesse caso, seriam retiradas das análises as imagens nas quais ele/a estiver presente. É



importante ressaltar que não haverá nenhum tipo de custo aos estudantes e não está prevista remuneração de nenhum tipo para nenhum participante.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.” Durante o estudo, alguns registros serão feitos pelos estudantes em ambientes que fazem parte da sua rotina. Tanto na escola como em outros ambientes, riscos como tropeçar, cair, esbarrar em outras pessoas ou em objetos previamente dispostos nos ambientes (mobiliário) e sofrerem arranhões ou machucados podem acontecer. Nos ambientes fora da escola, recomendamos especial atenção ao trânsito e ao tráfego de veículos nas ruas, para evitar o risco de atropelamento. Orientamos os estudantes para que se desloquem com segurança e consciência, se posicionem de maneira segura para sua condição de pedestre, utilizando as calçadas e evitem andar ou permanecer na rua.

Em caso de danos decorrentes da pesquisa, o participante de receberá a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, bem como tem direito à indenização em caso de danos decorrentes do estudo.

Caso o (a) senhor (a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar nos contatos fornecidos neste termo, ou entrar em contato com O Comitê de Ética em Pesquisa – CEP-UFMG através dos seguintes contatos: Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br), ou consultando o site <https://www.ufmg.br/bioetica/coep/>

Pai/responsável: Eu, \_\_\_\_\_ li e compreendi as informações fornecidas acerca dos procedimentos da pesquisa. Por estar de acordo com as condições do estudo, como descritas, assumo a participação do/a meu/minha filho/a \_\_\_\_\_ na pesquisa “O EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA-ENSINO: Representações de estudantes sobre o espaço vivido no Território do Icaivera, na

escola e na Educação Física” e compreendo que posso retirar meu consentimento e interrompê-lo a qualquer momento, sem penalidade ou perda de benefício. Ao assinar este termo, não estou desistindo de quaisquer direitos meus. Uma via deste termo me foi dada.

Betim, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do pai/responsável

Pesquisadores: Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões que o (a) participante colocar, da melhor maneira possível.

Betim, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

MeilyAssbúLinhales

---

Paola Oliveira da Fonseca

### ANEXO C – Termo de assentimento Livre e Esclarecido (estudantes)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “O EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA-ENSINO: Representações de estudantes sobre o espaço vivido no Território do Icaivera, na escola e na Educação Física”, coordenada pela professora Paola Oliveira da Fonseca.

Orientador de pesquisa: MeilyAssbúLinhales

E-mail: meily\_linhales@yahoo.com.br

Tel: 31 991850722

Pesquisador Responsável: Paola Oliveira da Fonseca

E-mail: paolafonseca@semed.betim.mg.gov.br

Tel: 31 983819692

Caso você se disponha e seus responsáveis autorizem, gostaríamos de saber quais os lugares no bairro Icaivera e na escola que você usa em seu tempo livre e como isso influencia nas aulas de Educação Física. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 12 a 15 anos de idade. A pesquisa será feita na escola, onde os adolescentes das turmas de 8º ano do ensino fundamental, durante as aulas de projeto, irão desenvolver atividades mapeando espaços no bairro e na escola. Para isso, serão usados registros das atividades das aulas de projeto, registros de fotos e mapas elaborados através do *Google Earth*, o que é considerado seguro, mas é possível ocorrer riscos relacionados ao deslocamento no espaço escolar e fora dele.

Garantimos o atendimento ao Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.” Durante o estudo, alguns registros serão feitos pelos estudantes em ambientes que fazem parte da sua rotina. Tanto na escola como em outros ambientes, riscos como tropeçar, cair, esbarrar em outras pessoas ou em objetos previamente dispostos nos ambientes (mobiliário) e sofrerem arranhões ou machucados podem acontecer. Nos ambientes fora da escola, recomendamos especial atenção ao trânsito e ao tráfego de veículos nas ruas, para evitar o risco de atropelamento. Orientamos os estudantes para que

se desloquem com segurança e consciência, se posicionem de maneira segura para sua condição de pedestre, utilizando as calçadas e evitem andar ou permanecer na rua. Em caso de danos decorrentes da pesquisa, o participante de receberá a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, bem como tem direito à indenização em caso de danos decorrentes do estudo.

Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones que tem no começo do texto, ou ainda, em caso de dúvidas e maiores esclarecimentos, poderá entrar em contato com O Comitê de Ética em Pesquisa – CEP-UFMG através dos seguintes contatos: Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br, ou consultando o site <https://www.ufmg.br/bioetica/coep/>

Mas há coisas boas que podem acontecer como conhecer a ferramenta *Google Earth*, aprender processos de investigação e estudo, aprender mais sobre o seu bairro, a sua escola; refletir sobre seus hábitos e de seus colegas de sala, entre outras experiências. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados no contexto acadêmico do Mestrado profissional em Educação Física PROEF, mas sem identificar os adolescentes que participaram.

## CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “O EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA-ENSINO: Representações de estudantes sobre o espaço vivido no Território do Icaivera, na escola e na Educação Física”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Betim, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.



Assinatura do menor

---

MeilyAssbúLinhales

---

Paola Oliveira da Fonseca

ANEXO D – Quadro de rotinas

Preencha o quadro abaixo, descrevendo sua rotina em uma semana:	Observações			
	Final de semana			
	Sexta-Feira			
	Quinta-Feira			
	Quarta-Feira			
	Terça-Feira			
	Segunda-Feira			
		Manhã	Tarde	Noite

## ANEXO E – Atividade do eixo 1

### ESPAÇOS FÍSICOS ESCOLARES, EDUCAÇÃO FÍSICA E TEMPO LIVRE NA ESCOLA MUNICIPAL DO BAIRRO ICAIVERA: INVESTIGANDO MULTIPLOS OLHARES

#### Eixo1 – Investigando concepções e espaços relacionados ao tempo livre dos estudantes

Vamos imaginar quais espaços no bairro poderiam ser ocupados para o tempo livre? Onde seria? Como seria? Conversem, imaginem e juntos descrevam este lugar, possibilidades e intenções para este espaço imaginário e coletivo. Registre aqui através de texto, mapas ou desenhos. A intenção é incluir estes lugares no mapa da turma.

**ANEXO F – Atividade do eixo 2**

**ESPAÇOS FÍSICOS ESCOLARES, EDUCAÇÃO FÍSICA E TEMPO LIVRE NA ESCOLA MUNICIPAL DO BAIRRO ICAIVERA: INVESTIGANDO MÚLTIPLOS OLHARES**

**Eixo 2 – investigando o espaço escolar: tempo livre na escola**

Vamos montar uma proposta para um dos espaços escolares identificados como possibilidade ou parte do tempo livre na escola. Para isso, vamos refletir sobre o contexto e possibilidades que conseguimos formular:

Onde fica este lugar?	
Existe alguma aula ou atividade que acontece ali? Qual?	
Como você acha que este espaço pode ser ocupado no tempo livre?	
Em qual horário? Em quais dias da semana?	
Para você, qual a importância de aproveitar este espaço segundo esta proposta?	
Para você, qual a importância para a escola de abrir espaço para uma proposta como a sua?	



## ANEXO G – Atividade do eixo 3

### MAPEANDO OS TERRITÓRIOS DO BAIRRO ICAIVERA: MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR, O TEMPO LIVRE E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Orientadora: Profa. Dra. Meily Assbú Linhales

Mestranda: Paola Oliveira Fonseca

paola.oliveirafonseca@gmail.com [Alternar conta](#)

✉ Não compartilhado



\* Indica uma pergunta obrigatória

Escreva seu nome e sua turma: \*

Sua resposta

Encerramos os encontros da pesquisa com esta avaliação, lembrando do que observamos ao olhar o bairro Icaivera: os espaços do bairro, da escola e da aula de Educação Física; os mapas e desenhos dos lugares usados para aproveitar o tempo livre; imaginando e inventando possibilidades para espaços e tempos observados, entre tantas outras coisas...

É hora de relembrar e registrar aqui parte desse percurso!

1. Durante os encontros referentes ao Eixo 01, investigamos no bairro Icaivera quais espaços correspondiam ao tempo livre dos estudantes, dentro e fora do horário das aulas, seus usos e possibilidades. \*

O que mais chamou a sua atenção nestes encontros? O que você consegue lembrar que tenha despertado a sua curiosidade, interesse ou qualquer outra impressão relacionada à escola?

Sua resposta



2. Uma das formas de registro destes encontros foi através de mapas colaborativos, editados pelo Google Eath, e registros de desenhos. Como você descreve a experiência com mapas e desenhos, investigando estes lugares relacionados ao tempo livre? \*

Sua resposta

3. Durante os encontros referentes ao Eixo 02, investigamos na EM Maria Elena da Cunha Braz quais espaços correspondiam ao tempo livre dos estudantes, dentro e fora do horário das aulas, seus usos e possibilidades. \*

O que mais chamou a sua atenção nestes encontros? O que você consegue lembrar que tenha despertado a sua curiosidade, interesse ou qualquer outra impressão relacionada à escola?

Sua resposta

4. Uma das formas de registro destes encontros foi através de fotografias dos espaços escolares, compartilhadas no grupo de Whatsapp. Como você descreve a experiência de fotografar a escola, investigando estes lugares relacionados ao tempo livre?

Sua resposta

5. Durante os encontros referentes ao Eixo 03, discutimos sobre os lugares reconhecidos para o tempo livre e para as aulas de Educação Física. \*

O que mais chamou a sua atenção nestes encontros? O que você consegue lembrar que tenha despertado a sua curiosidade, interesse ou qualquer outra impressão relacionada às aulas de Educação Física?

Sua resposta





6. Como você descreveria o que é tempo livre? \*

Sua resposta

7. Como podemos compartilhar com a escola o que aprendemos durante estes encontros? \*

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1 – Quadro de observações sobre a rotina

Est	Observações
A3 Fem	Tempo livre: não sei as horas, mas eu converso com meus amigos, como comida, danço, faço karaokê e etc.
A8 Fem	Leio livro e vou para o ensaio
A10 Mas	Leio livro 22hr todos os dias
A11 Fem	Ajudando minha mãe nas coisas, fico em casa, jogo vídeo game, desenho, mexo no celular, brinco
A12 Fem	Sempre tiro um tempo para ficar com minha família todo dia e brincar com meus animais e estudar. De vez em quando eu faço exercício físico, mas é bem raro eu fazer
B1 Fem	O meu tempo livre se baseia em ler, ver vídeos, filmes, anime, mexer no Pinterest, ouvir música enquanto jogo cochilar. Minha tia vem toda quinta por conta do trabalho e vai embora aos sábados. Ir ao quarto do meu irmão se trata de atazanar ele, jogar, ver filme ou dormir com ele. Programas de TV só assisto com minha mãe
B2 Mas	Nos sábados almoço na casa dos meus avós Ajudo em casa quando posso e ajudo no almoço também Organizo meus dias de lei da atração Falo com meus amigos e leio livros nas horas vagas
B3 Fem	Geralmente cuido do meu irmão durante a noite, porque minha mãe trabalha Fico tranquila das 13 às 16 hr
B4 Fem	Uma vez no mês vou ao dentista Semana sim, semana não, limpo a minha igreja com minha mãe e minhas irmãs
B5 Mas	Todos os meus dias são iguais. Os únicos dias livres e diferentes são sábado e domingo
B6 Fem	Uma vez no mês vou para a casa do meu pai Eu tenho tempo livre só 23 hr
B7 Mas	Minha vida, por mim Prei (play) jogo 13 às 15 h
B8 Mas	Às vezes gosto de dormir às 17 h
B10 Fem	Nada = mexo no celular. Meu tempo livre
B11 Fem	Arrumo a casa todo dia Meu tempo livre é na hora que termino tudo A coisa mais legal de fazer é deitar e descansar e ficar de boa
C3 Fem	Nos meus tempos livres ou eu mexo no celular ou eu durmo Ou faço meus deveres e dou uma voltinha pelo bairro Dormir tarde nos finais de semana
C5 Mas	Na maioria dos finais de semana, nós comemos hambúrguer, pizza, pastel ou cachorro quente
C6 Fem	Então essa é minha rotina. E hoje, por exemplo, vou fazer faxina para a minha avó. E tenho tempo livre dia de quinta feira
C8 Fem	Nos fins de semana eu só treino futebol se não tem jogo de campeonato

APÊNDICE 2 – Quadro com dados dos desenhos da turma 80C

Estudantes	Bairro/ região onde moram			Espaços/locais apontados para usufruto do tempo livre								
	Parque Do Cedro	Morirão	Icaivera	Em Casa	Na casa de familiares	Em Contagem MG	No Campão	Na Igreja	Na pracinha	Comércio da Av. Sycaba	Outros	
C3			X	X						X		
C4			X	X								Perto do campão, no festival de papagaios
C5			X	X				X				
C6				X	X					X		No CRAS
C7	X			X								
C9				X				X		X		
C10			X	X						X		
C11			X	X								No CRAS
C12			X	X					X			
C14		X		X			X			X		
C15			X	X		X						No Shopping Itaipava No clube do bairro Tupã
Total	1	3	7	11	1	1	1	2	1	5	4	

APÊNDICE 3 – Quadro com dados dos desenhos da turma 80A

Bairro/ região onde moram		Espaços/ locais apontados para usufruto do tempo livre									
Icaivera	Morão	Parque do Cedro	Em Casa	Comércios Da Av. Sycaba	Na Igreja	No Campão	Na quadra da EMVJFA	Em Contagem MG	Na casa de Amigos	Na casa de familiares	Outros
	X		X	X	X	X			X	X	Faz academia na Av.Sycaba Vai ao campo assistir os jogos Joga truco aos finais de semana na casa da tia e na casa de amigos do pai
	X		X								
	X		X		X						
X			X					X		X	Faz curso no Bairro Eldorado. É uma obrigação, mas ir a outro bairro é como se fosse um passeio
	X		X								O pai tem um bar no mesmo lote da casa. O bar é obrigação, enquanto a mãe faz curativo no pai, mas também é tempo livre
	X		X							X	
X			X			X					Faz academia/ natação próximo ao bairro Parque do Cedro
	X		X							X	Rolezinho na Av. Sycaba
X			X				X				Assiste os amigos jogarem
X			X							X	Faz academia na Av. Sycaba
		X	X								
6	8	1	15	7	4	3	1	1	1	5	7



Estudantes	A1														
	A2														
	A3														
	A4														
	A5														
	A6														
	A7														
	A8														
	A9														
	A10														
	A11														
	A12														
	A13														
	A14														
	A15														
Total															

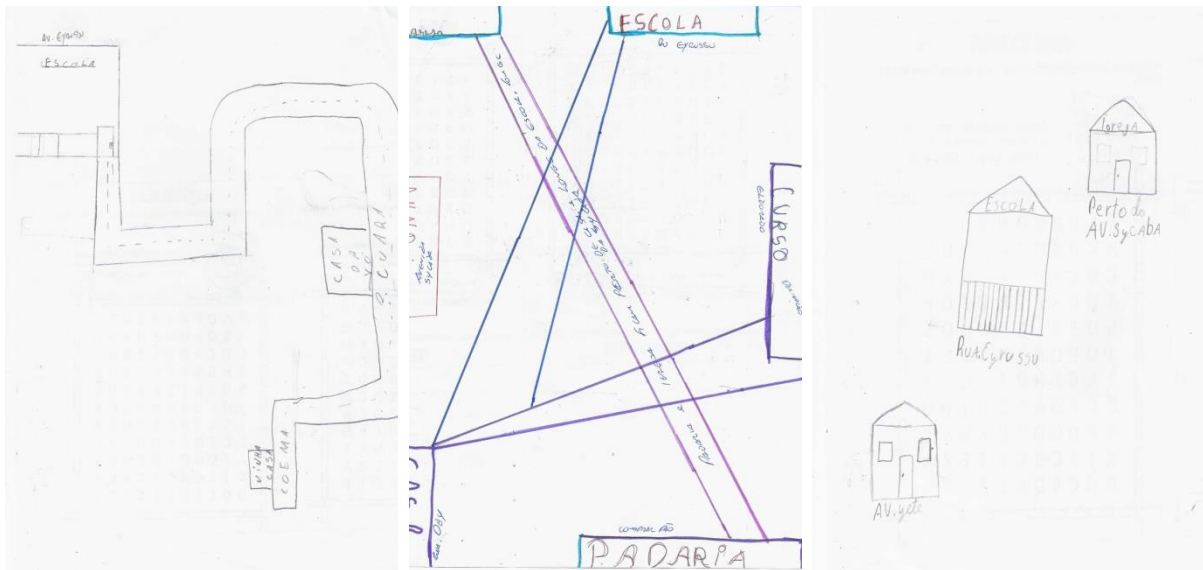
APÊNDICE 4 – Quadro com dados dos desenhos da turma 80B

Estudantes	Bairro/ região onde moram		Espaços/ locais apontados para usufruto do tempo livre							
	Icaivera	Parque do Cedro	Em Casa	Comércios Da Av. Sycaba	Pracinha	Na Igreja	Na quadra da EMVJFA	Em Contagem MG	Na casa de familiares	Outros
B1	X		X	X	X					
B2	X		X				X		X	Assiste o treino da amiga na quadra
B3	X		X	X						Visita a avó e a tia, no bairro Santa Helena, emContagem/MG. O pai mora no bairro Santa Cristina, em Contagem
B4	X		X	X		X			X	Visita Tia e avós, sendo que uma avó mora no Icaivera e a outra do bairro Novo retiro, em Contagem/MG
B5	X		X		X	X				Igreja é obrigação e tempo livre ao mesmo tempo. A catequese é obrigação e a missa é tempo livre, dedicado só para este momento
B6		X	X	X					X	Igreja é tempo livre, Lá a gente canta, conversa
B8	X		X	X					X	Visita a tia (mora ao lado) e o pai, que mora noMorrão
B9	X		X	X		X		X		A igreja é tempo livre, por se sentir bem; encontro com Deus A avó mora emBH/MG Frequenta o clube SESC, emContagem
B10	X		X						X	Sempre está na casa do pai ou da mãe. Descreve no mapa os lugares onde queria ficar no tempo livre: casa das amigas, que moram perto e ir à sonveteria Syacaba
B11	X		X	X		X			X	Visita a tia no bairro Riacho e a avó emNova Contagem. Fim de semana passei pelo Eldorado, em Contagem/MG
B12	X		X						X	Visita o irmão no Icaivera e a prima, no Parque do Cedro
Total	10	1	12	7	2	4	1	1	8	11



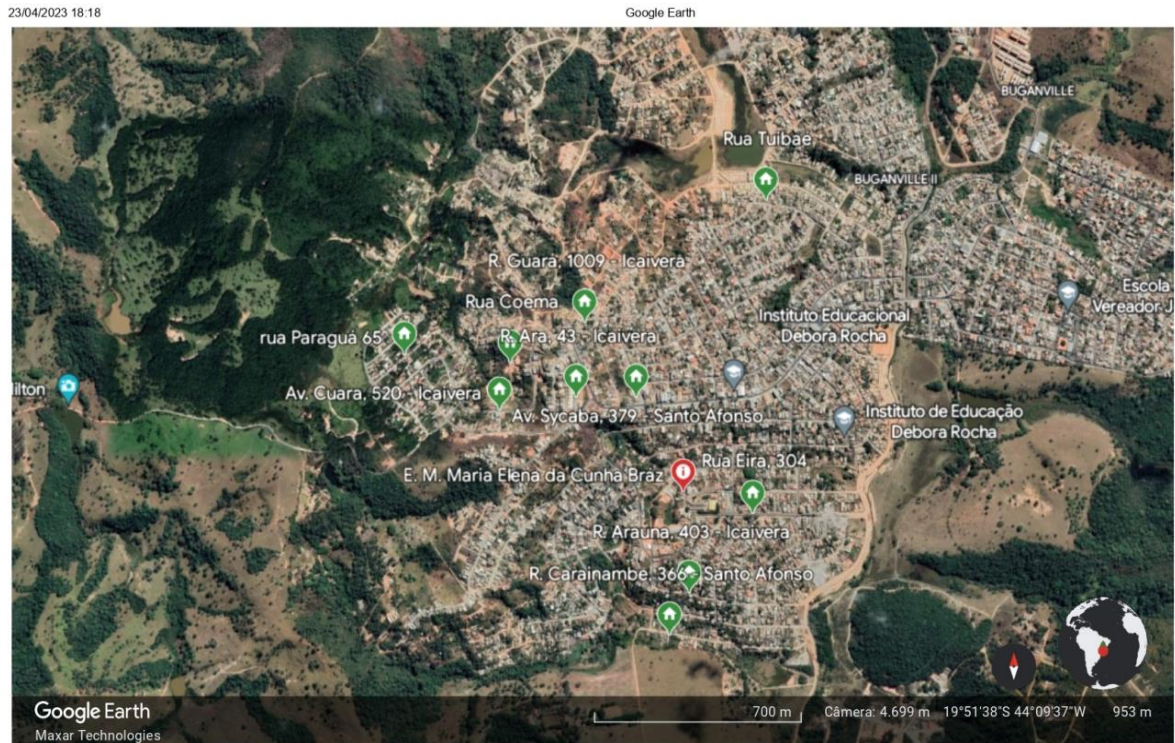
### APÊNDICE 5 – Três desenhos com os registros das distâncias e dos percursos

À esquerda, desenho que se inspira no desenho das ruas, avenidas e no relevo do território; ao centro, desenho que representa o entrecruzar dos percursos; à direita, desenho com espaços em branco que representam a distância entre os lugares.



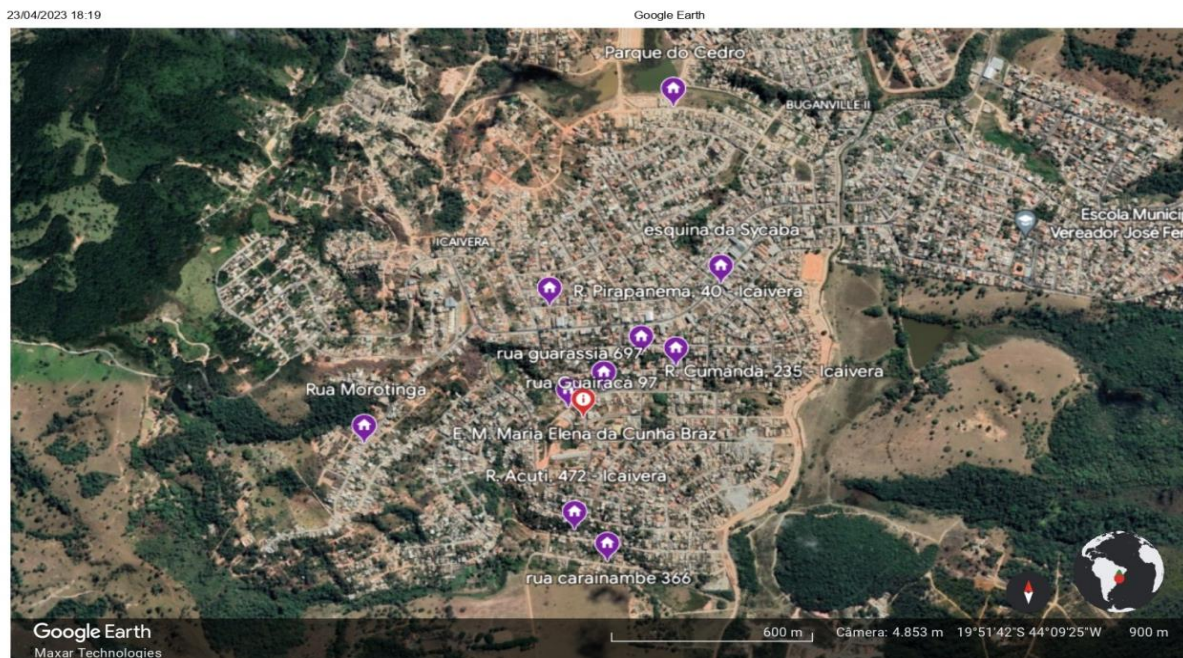
Fonte: Dados produzidos na pesquisa por estudantes das três turmas.

APÊNDICE 6 – Imagem do mapa produzido pela turma 80A ao utilizar o *Google Earth* (identificados com localizador na cor verde)



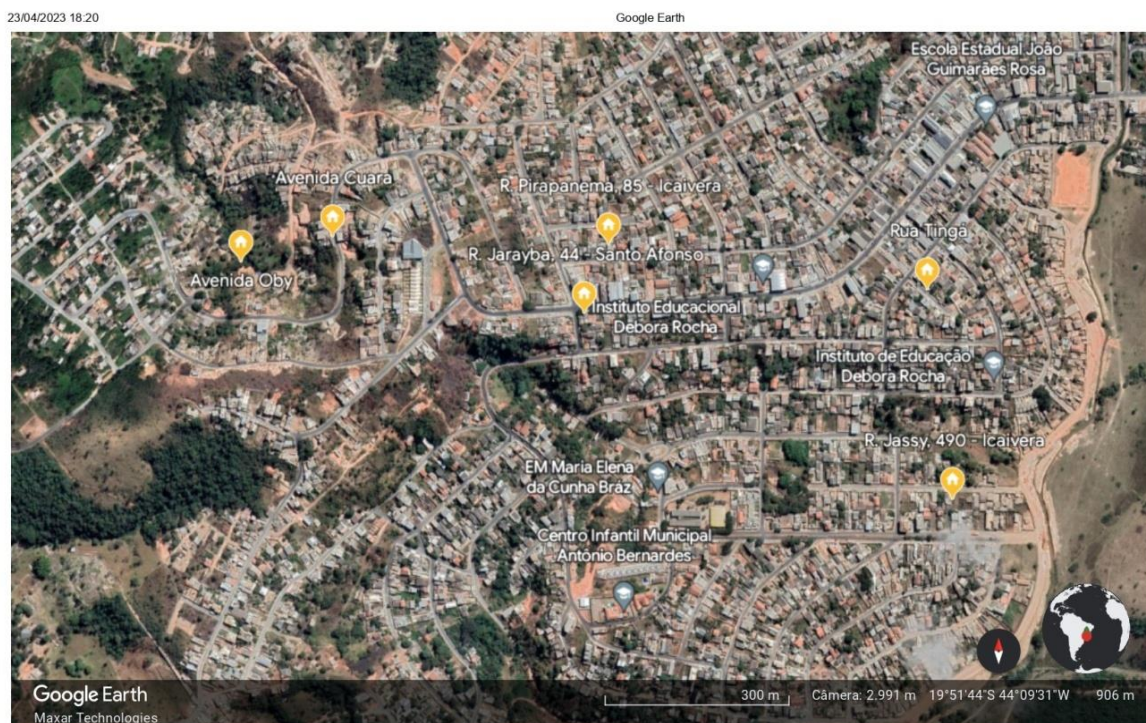
Fonte: Dados produzidos durante a pesquisa.

### APÊNDICE 7 – Imagem do mapa produzido pela turma 80B ao utilizar o *Google Earth* (identificados com localizador na cor roxa)



Fonte: Dados produzidos durante a pesquisa.

APÊNDICE 8 – Imagem do mapa produzido pela turma 80C ao utilizar o *Google Earth* (identificados com localizador na cor amarela)

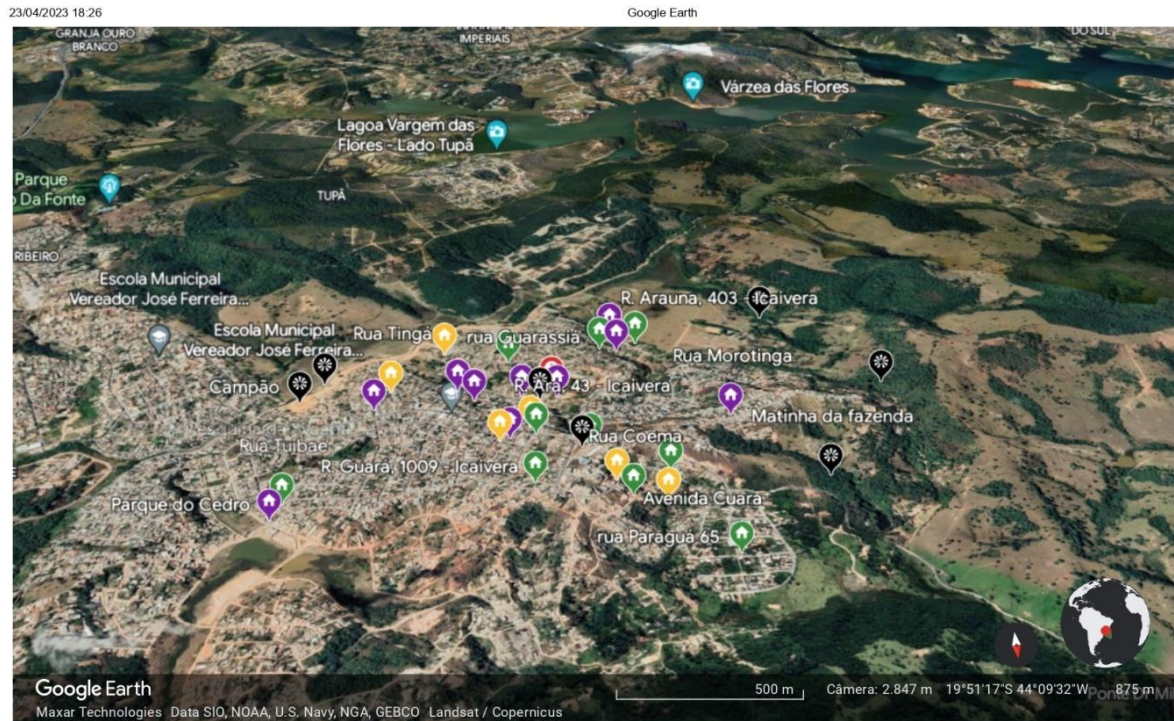


<https://earth.google.com/web/@-19.86239893,-44.15868329,902.11948439a,2089.30316003d,30.00000054y,0h,0l,0r/data=OgMKATA?authuser=0>

1/1

Fonte: Dados produzidos durante a pesquisa.

**APÊNDICE 9 – imagem do mapa em 3D, produzido por meio do *Google Earth* incluindo os locais utilizados e sugeridos pelos estudantes para usufruto do tempo livre**



<https://earth.google.com/web/@-19.86524858,-44.1582883,901.02316892a,3890.02036164d,35y,78.07204708h,60t,0r/data=KAI6AwoBMA?authuser=0>

1/1

Fonte: Dados produzidos durante a pesquisa.

## APÊNDICE 10 - Quadro com as respostas do formulário *Google Forms*

Avaliação do percurso	
Total de estudantes que responderam ao questionário	80A - 5 estudantes
	80B – 4 estudantes
	80C – 11 estudantes
Eixo1	<p><b>O que mais chamou a sua atenção nestes encontros? O que você consegue lembrar que tenha despertado a sua curiosidade, interesse ou qualquer outra impressão relacionada ao Icaivera?</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O que mais me chamou atenção nos encontros foi poder ouvir a opinião dos outros estudantes e poder melhorar o bairro com a opinião de cada um, e o que me despertou mais foi melhorar o bairro para os moradores do bairro e ter mais opções de passatempos.</li> <li>2. O que mais me chamou atenção foi que tem vários locais bons aqui no Icaivera que estão sendo desperdiçados, quando poderiam muito bem estar sendo utilizados para fazer várias coisas legais.</li> <li>3. Cada aula foi diferente e mais criativa, fiquei bastante interessada de como transformar uma coisa que já está pronta em um bairro, em outra, meio que adaptar ou ter várias funções.</li> <li>4. Chamou a atenção foi quando nos discutimos sobre os espaços livres na escola, despertou a minha curiosidade foi que nos temos que melhorar o nosso bairro.</li> <li>5. O que chamou mais minha atenção foi que tem vários lugares do bairro que podem ser usados para tempo livre mas, a maioria não o usa para isso.</li> <li>6. O que mais chamou minha atenção foi o encontro onde olhamos lugares na escola para ver como podem ser utilizados de outra forma.</li> <li>7. A minha participação e dos meus colegas o que me chamou mais atenção e falta de participação da comunidade.</li> <li>8. Chamou atenção que a maioria dos tempos livres das pessoas é igual, pois não tem muito espaço no bairro.</li> <li>9. Uma das coisas que mais chamou minha atenção foram os lugares que dá para aproveitar nos tempos livres.</li> <li>10. As diferentes formas das pessoas usarem o seu tempo livre. O campo de futebol e a sorveteria.</li> <li>11. Eu achei muito legal a pesquisa sobre a escola porque ela tem que melhorar mais.</li> <li>12. As pessoas gostarem de fazer coisas diferentes, um campo de futebol e a praça.</li> <li>13. O QUE CHAMOU A MINHA ATENÇÃO FOI QUE A GENTE FALOU SOBRE O BAIRRO ICAIVERA.</li> <li>14. O que mais chamou a atenção foi a criatividade das pessoas. Nada.</li> <li>15. Na parte de <i>Google Earth</i> ajudou bastante, e nos espaços da escola.</li> <li>16. Os vários lugares do bairro que podemos aproveitar no tempo livre.</li> <li>17. Cada um tem um tempo diferente, e isso é muito legal.</li> <li>18. Que a escola ficou mais divertida e interativa.</li> <li>19. Icaivera é bom território para aproveitar.</li> <li>20. Nada.</li> </ol> <p><b>Uma das formas de registro destes encontros foi através de mapas colaborativos, editados pelo <i>Google Earth</i>, e registros de desenhos. Como você descreve a experiência com mapas e desenhos, investigando estes lugares relacionados ao tempo livre?</b></p>



	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Achei diferente e bom, porque a maioria das pessoas usa a <i>internet</i> e com o <i>Google Earth</i> é mais fácil de descobrir lugares novos</li> <li>2. Eu gostei bastante principalmente porque através dos mapas eu conheci lugares que eu não conhecia</li> <li>3. O <i>GOOGLE EARTH</i> FOI EXPERIÊNCIA MUITO BOA , NELE CONSEGUIR MAIS APRENDIZADO , E APRENDER A USA-LO</li> <li>4. A experiência foi muito boa da para enxergar muitos lugares que da para passa o tempo livre</li> <li>5. Eu descrevo a minha experiência que foi muito bom de descobrir lugares novos.</li> <li>6. Foi uma experiência legal e divertida e que faz ensinar e descobrir lugares.</li> <li>7. Muito boa e interessante, por que não sabia mexer no <i>Google Earth</i> e aprendi.</li> <li>8. Que no mapa você conseguiu ver muitos lugares que dar pra passar o tempo livre</li> <li>9. E bem legal por que a gente se diverte bastante sem se cansar</li> <li>10. Foi legal visitar algumas partes do bairro pelo <i>Google Earth</i></li> <li>11. Incrível, foi uma forma muito mas fácil de aprender digamos.</li> <li>12. Muito boa e mais fácil de encontrar oque agente procura.</li> <li>13. Boa porque eu estou aprendendo cada dia mais.</li> <li>14. Gostei do mapa e dos desenhos</li> <li>15. Foi boa mas não sei desenhar</li> <li>16. Interessante e divertida.</li> <li>17. Nunca construí um mapa</li> <li>18. Diferente</li> <li>19. Foi bom</li> <li>20. Não sei</li> </ol>
<p>Eixo2</p>	<p><b>O que mais chamou a sua atenção nestes encontros? O que você consegue lembrar que tenha despertado a sua curiosidade, interesse ou qualquer outra impressão relacionada à escola?</b></p>

1. De um grupo que pensou ter na escola nos horários vagos quando o professor falta, filmes muito interessante para aprender e desperta conhecimento nos horários vagos.
2. O que mais chamou minha atenção foi que na nossa escola tem vários espaços que podem ser usado no nosso tempo livre que não está sendo utilizado.
3. Que com esses encontros a escola se torna mais atrativa e o que mais chamou minha foi que as brincadeiras se tornaram mais divertidas
4. Que tem muitos lugares que podem ser usados para algum tipo de brincadeira. Ter mais curiosidade para descobrir lugares novos na escola
5. Achei interessante a quantidade de espaços na escola que poderiam estarem em uso em atividades em incríveis mas, estão só existindo.
6. O que me chamou atenção foi descobrir os espaços que podemos usar para passar o tempo livre fazendo esportes físicos.
7. Na escola tem muitos lugares que dá para aproveitar e pode estudar esses lugares e ter uma ideia e muito bom
8. A QUADRA E UM LUGAR PARA UM TEMPO LIVRE NA ESCOLA, E O PATIO, NELES CONSEGUIMOS FAZER VARIOS JOGOS
9. Eu descobrir o que meus colegas fazem na hora livre e ver a diferença de rotina de cada um
10. Que tem lugares que os alunos poderia aproveitar mais com jogos ou outros tipos de aulas
11. O que mais me chamou a minha atenção foi o projeto de calistenia que eu sugeri
12. Que tem lugares que dão pra usar no tempo livre, e ver a casa dos seu amigo
13. Chamou mais atenção foi saber mais sobre o espaço livre da escola, não.
14. Achei q a maioria desse tempo livres da escola são todos iguais
15. Nossa criatividade em colocar até piscina, foi muito boa.
16. Nada. Não consigo lembra as coisas que eu me interessei
17. A escola boa o que tem relacionada mais no alimento
18. Que poderia anda de bicicleta no tempo livre etc.
19. Falamos sobre os pontos da escola e do bairro
20. Não tem muito espaço

**Uma das formas de registro destes encontros foi através de fotografias dos espaços escolares, compartilhadas no grupo de *Whatsapp*. Como você descreve a experiência de fotografar a escola, investigando estes lugares relacionados ao tempo livre?**



	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Uma das formas que podemos compartilhar a opinião um dos outros foi com as fotografias, com isso podemos mostrar a imaginação de cada um.</li> <li>2. A experiência foi muito boa, além de tudo descobrimos quais são os locais que os alunos mais utilizam no seu tempo livre.</li> <li>3. Que tiramos várias fotos dos espaços da escola para termos ideias do que podemos fazer no tempo livre</li> <li>4. Foi uma experiência divertida, e que me fez pensar em muitas formas de utilizar os espaços da escola.</li> <li>5. Foi bem divertido fotografar a natureza e os espaços abertos da uma sensação de paz e tranquilidade</li> <li>6. SOBRE TIRAR FOTO NOS ESPAÇOS DA ESCOLA E BOM, SO QUE NO MEU CASO NAO ESTOU NO GRUPO</li> <li>7. Eu descrevo que estes lugares que eu fotografei que podia melhorar estes espaços.</li> <li>8. Muito bom porque agente que fotografou pensa em muitas idéias boas e possíveis</li> <li>9. Eu acho bom principalmente que através de fotografia tem com refletir melhor</li> <li>10. Foi bem legal fotografar alguns lugares da escola pra desperta criatividade</li> <li>11. Interessante q desperta curiosidade e criatividade por certos lugares</li> <li>12. Boa pois fotografei os lugares onde uso meu tempo livre na escola</li> <li>13. Sim porque para compartilha grupos <i>Whatsapp</i> fotografia</li> <li>14. Foi bom e divertido as fotografia e ajuda bastante</li> <li>15. Muito legal, nós consegue ter várias ideias</li> <li>16. Gostei de fotografa os pontos da escola</li> <li>17. Ah,foi diferente porém legal.</li> <li>18. Muito legal e diferente.</li> <li>19. Divertido e interessante</li> <li>20. E uma experiência legal</li> </ol>
<p><b>Eixo3</b></p>	<p><b>O que mais chamou a sua atenção nestes encontros? O que você consegue lembrar que tenha despertado a sua curiosidade, interesse ou qualquer outra impressão relacionada às aulas de Educação Física?</b></p>



	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lembro que em um desses encontros fizemos um debate com prós e contras sobre lugares que são usados em tempo livre e nas aulas de Educação Física. Foi um debate interessante, cada um defendeu o seu lado e acabou sendo divertido, e foi interessante saber que tem jeito de tornar o tempo livre e as aulas de Educação Física boas para serem executados juntos.</li> <li>2. Sobre mulheres no futebol que é muito importante porque os meninos falam que as meninas não sabem joga etc. mais eu acho muito importante as participação das meninas no futebol e isso que me chamou a atenção.</li> <li>3. As aulas de educação física nem todo mundo gosta de participar, mas é muito boa e principalmente quando tem várias escolhas de jogos como por exemplo: futebol, vôlei, dama, corda e etc.</li> <li>4. Foi que as aulas se tornaram mais legais e divertidas com esses encontros e o que despertou minha curiosidade foi no dia de fotografar a natureza e os espaços abertos</li> <li>5. Os encontros me chamou muita a atenção sobre imaginar um espaço para poder interagir na vida física, e oque me despertou o interesse foi imaginar um espaço de lazer.</li> <li>6. O que mais me chamou a atenção foi a quantidade de espaços. Que melhora a qualidade de vida a base de exercícios físicos</li> <li>7. Achei legal, porque o tempo livre das aulas de educação física prática muito esportes, (podia ter mais quadras)</li> <li>8. Que a professora tem um jeito muito bom de explicar e nessas aulas a gente teve um bom aprendizado</li> <li>9. Que tem outros espaços livres no horário de educação física além do pátio e da quadra</li> <li>10. Discutimos um pouco sobre os pontos da escola e sobre a aula de educação física</li> <li>11. Que podemos usar mais esportes nos tempos livres e na Educação Física</li> <li>12. E que podemos usar o mesmo espaço de tempo livre e na educaçãoofísica</li> <li>13. OQUE MAIS CHAMOU MINHA ATENÇÃO FOI QUANDO FALARAM QUE IA TER EXCUSAO</li> <li>14. Aula de educaçãoofísica é boa mais tem quem mais jogos</li> <li>15. E bom porque muitos dos alunos têm criatividade</li> <li>16. Podemos usar mais esportes como basquete e etc.</li> <li>17. Fui um projeto aonde uniu pessoas.</li> <li>18. Nada. Não nada</li> <li>19. Não sei</li> <li>20. Não</li> </ol>
<p><b>Geral</b></p>	<p><b>Como você descreveria o que é tempo livre?</b></p>

1. O tempo livre pra mim e tirar um tempo da rotina de casa ou trabalho e sair um pouco de casa e se divertir dentro dos esportes físicos, e
2. Tempo livre pra mim, seria passar suas horas vagas fazendo ou estando em um lugar que você goste.
3. E passar o tempo para pensar em você mesmo, passar um tempo para se divertir com os amigos, etc.
4. O tempo livre é quando não tem nada pra fazer e fica a sua escolha o que você vai fazer
5. Temos mais tempo livre quando você não tem nem uma obrigação para fazer
6. TEMPO LIVRE PARA MIM SIGNIFICA , QUE VC USA-LO PARA FAZER OQUE VC GOSTA
7. É um lugar que podemos aproveitar pra rir, brincar ,conversa e estudar
8. Um tempo que podemos fazer o que quisermos sem nenhum dever/obrigação.
9. Podia ter mais uma quadra na escola e curso grátis na escola.
10. Divertir ser feliz e aproveitar as coisas boas da vida etc.
11. Tempo livre é um lazer é um tempo que não tem nada pra fazer
12. Tempo livre é ter aquele tempo pra você fazer oque quiser
13. Para pensar na vida ou no tempo livre sala biologia
14. Onde você pode fazer coisas que você gosta e etc.
15. Tempo de laser, descansar, se divertir
16. Não ter nada pra fazer
17. Fica sei fazer nada
18. Brincadeiras
19. Se divertir
20. Diversão

**Como podemos compartilhar com a escola o que aprendemos durante estes encontros?**



1. Tentar fazer as coisas que a gente pensou na escola e falar com nossos colegas para ver a opinião deles e fazer o melhor para escola.
2. Que foi muito bom aprendemos mais sobre o bairro o tempo livre da gente e as oportunidades que temos na vida e só uma para aproveitar
3. Que o projeto nos ensinou muita coisa que tem muita diversão por ai e que nos ajuda a termos mais responsabilidade
4. Podemos apresentar todas as ideias dos encontros em uma reunião com pessoas do projeto (uma de cada sala).
5. Cartaz, vídeos, durante os recreios com músicas, indo de sala em sala e falando sua experiência
6. Fazendo um mini vídeo explicando tudo que aprendemos com várias imagens bem legais
7. Podemos compartilhar em uma aula que sega como um tempo livre para os alunos.
8. Que tem espaços livre mais que não usamos pois nem percebemos direito
9. Entre cartazes e dentro das redes sociais que a maioria tem acesso.
10. Compartilhando ideias para a escola se torna mas interessante
11. Dando mais palestras para a escola sobre o projeto da escola
12. Podemos utilizar os espaços da escola para um tempo livre
13. Compartilhar com a escola e a direção
14. Pela *internet*, links, etc.
15. As propostas dos alunos
16. As propostas dos alunos
17. Por links
18. Não sei
19. Não sei
20. SIM

APÊNDICE 11 – Imagens da edição especial do Jornal Estação Icaivera  
dedicada ao Planejamento Participativo

BETIM - MAIO DE 2023

# ESTAÇÃO ICAIVERA

## EDIÇÃO ESPECIAL: PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO



Fotos por Paola Oliveira Fonseca e Rayane July Gonçalves Braga

Aprenda mais sobre o jornal Estação Icaivera.  
Saiba mais sobre a pesquisa-ensino, desenvolvida aqui na EMMECB.  
Entenda como surgiram as propostas e o Planejamento Participativo,  
conheça a opinião dos estudantes da nossa escola e muito mais!

BETIM - MAIO DE 2023

## O JORNAL ESTAÇÃO ICAIVERA ESTÁ DE VOLTA!

Texto por Emilly Victória do Nascimento  
e Nayara Gabriela Silva Santos

Criado em 2009, durante a gestão da diretora Cícera Oliveira e das vices Claudia Matoso e Nícia Aires, o jornal foi idealizado e coordenado pela professora de Língua Portuguesa, Maria do Rosário Figueiredo Trípodi (mais conhecida como Zara). Os estudantes do oitavo ano do ensino fundamental participaram desse projeto, a partir de encontros, onde organizavam grupos que desenvolviam as pesquisas e produziam os textos publicados no jornal.

Durante muitos anos, o Estação Icaivera permaneceu parado no tempo. Nós não o conhecíamos porque ninguém nunca havia falado dele ou continuado o projeto e suas publicações, o que é muito triste. Mas agora, em 2023, assumimos a responsabilidade de retomar este jornal, contando um pouco da sua origem e ajudando a construir uma nova história.

Nessa edição, além de reinaugurar o jornal Estação Icaivera, vamos abordar outro projeto que deu origem ao Planejamento Participativo e às atividades que temos aproveitado no recreio e no tempo livre dentro da escola.

“O ‘Estação Icaivera’, jornal estudantil, nasceu na primavera de 2009, como um projeto da Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz, do qual participavam 31 alunos do 9º ano, e que tem como uma das principais motivações desenvolver no aluno o desejo pela escrita, pela pesquisa, pela leitura; isto porque parte deles participava de uma maneira pouco expressiva das práticas da cultura letrada. Muitos têm na escola, o único espaço onde lidam com livros, revistas, jornais, entre outros. Portanto, sempre foi claro para a escola que ela tinha que promover e fomentar, cada vez mais, esses momentos e torná-los, sempre, mais significativos.”

Fonte:  
<http://estacaoicaivera.blogspot.com/>, em 21/04/2023

BETIM - MAIO DE 2023

## COMO SURTIU O PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO DA EMMECB?

Texto e Fotos por Paola Oliveira Fonseca



Em 2022, desenvolvi uma pesquisa-ensino na nossa escola e convidei os estudantes do oitavo ano para participarem dos encontros, investigando dentro e fora da escola os espaços onde aproveitavam o seu tempo livre. Ao identificar estes lugares, observando aqueles que já conhecíamos, imaginando possibilidades em espaços pouco aproveitados, começaram a surgir ideias para ocupar estes espaços, tornando o dia a dia desses estudantes mais interessante e agradável.

Os estudantes que participaram da pesquisa-ensino inventaram propostas relacionadas ao espaço escolar, tão criativas e legais, que decidimos compartilhar com toda a escola. Juntos avaliamos a possibilidade de vivê-las e experimentá-las no nosso dia a dia.

Em 2023, reuni os estudantes envolvidos na pesquisa-ensino e juntos organizamos o primeiro Planejamento Participativo da nossa escola. Neste evento, apresentamos e aprovamos sete propostas relacionadas ao uso dos espaços escolares, no tempo livre.

Ao partilhar suas ideias e torná-las reais, estes adolescentes transformaram o cotidiano da nossa escola para melhor, tornando o recreio e os horários vagos mais interessantes e criativos. Como professora-pesquisadora, me sinto muito feliz por participar desta experiência e com muito orgulho dos estudantes da nossa escola.

**Essa história não acaba aqui, ela está apenas começando... No próximo Planejamento Participativo, outras propostas podem colaborar para tornar nossa escola ainda mais legal!**

BETIM - MAIO DE 2023

## O COTIDIANO DOS ESTUDANTES

Texto por Gabriel Vieira Lopes de Oliveira  
e Nicololy Gabrielle Rocha

No mês de maio, nos encontramos no pátio da escola com a professora Paola para fazer a primeira atividade do projeto. Ela nos entregou uma folha com um quadro onde as colunas correspondiam à semana (de segunda a domingo) e as linhas se referiam aos turnos (manhã, tarde e noite). Ao preencher o quadro, nós descrevíamos as nossas rotinas.

Observando as nossas respostas, nos chamava a atenção como as atividades se repetiam, como fazíamos as mesmas coisas, com pequenas mudanças aos sábados e domingos. Também percebemos que o tempo dedicado a aproveitar melhor a vida, o descanso e o tempo livre é muito pequeno, diante das obrigações que temos na escola e em casa.

Ao comparar nossas respostas com as de outros colegas, percebemos como somos parecidos e fazemos as mesmas coisas: acordamos e vamos para a escola; voltamos para a casa e almoçamos; algumas pessoas ajudam com os trabalhos domésticos, outros fazem cursos e atividades fora de casa.

Ao perceber atividades diferentes, divertidas ou mais animadas desenvolvidas por outras pessoas, outras possibilidades nos vêm à cabeça, de romper com a rotina chata e monótona, incluindo coisas legais e diferentes que possamos fazer no nosso dia a dia.

"Todo dia ela faz tudo sempre igual"  
"Me sacode às seis horas da manhã"  
"Me sorri um sorriso pontual"  
"Todo dia eu só penso em poder parar"  
"Meio-dia eu só penso em dizer não"  
"Depois penso na vida pra levar"

Trechos da música *Cotidiano* (1971), de Chico Buarque



BETIM - MAIO DE 2023

## MAPAS E DESENHOS

Texto por Karen Sophia da Silva Soares

Em um dos encontros, fomos para a cantina e fizemos desenhos de onde passamos o nosso tempo livre. Foi interessante pensar sobre o que fazemos no nosso dia a dia, ver que outras pessoas têm rotinas parecidas com as minhas. No meu desenho, fiz questão de incluir o meu pai, pois ele está presente em vários momentos do meu cotidiano, seja no tempo livre ou nas minhas responsabilidades.

Em outro encontro, aprendemos a usar o Google Earth e o Maps. Nós vimos o planeta Terra, o Brasil, a cidade de Betim, o bairro Icaivera e até a escola. Depois vimos as ruas e as casas dos estudantes participantes do projeto. Na minha casa, por exemplo, não deu para ver muita coisa, provavelmente porque minha rua não tinha asfalto e o carro da Google não conseguiu passar por lá. Ainda assim, minha casa foi incluída no mapa, usando a projeção 2D.

Foi interessante produzir desenhos e mapas, porque despertou a minha curiosidade de saber mais sobre o dia a dia, sobre o bairro e sobre o mundo.



Imagem Canva 2023

**O Google Earth é uma ferramenta digital capaz de identificar lugares, construções, cidades, paisagens, entre outros elementos, porque gera mapas bidimensionais, mapas de satélite e simuladores de paisagens, já que apresenta no seu interface um modelo tridimensional do globo terrestre, construído a partir de mosaico de imagens de satélite obtidas de fontes diversas, imagens aéreas (fotografadas de aeronaves) e GIS 3D.**

**Fonte: Wikipédia, Google Earth (2022).**

**Aponte a câmera do seu celular para este QR Code e acesse o Google Earth:**



BETIM - MAIO DE 2023

## FOTOGRAFANDO OS ESPAÇOS ESCOLARES E INVENTANDO NOVAS POSSIBILIDADES

Texto por Lavínia Leticia dos Reis Santos  
Maria Luiza Oliveira Silva

Em um dos encontros, fizemos atividades relacionadas ao projeto investigando lugares que seriam ótimos para aproveitar o tempo livre na escola. Ao tirar fotos desses lugares vazios, enxergamos possibilidades de criar eventos e usos dos espaços. Aprendemos muito ao desenvolver idéias proveitosas para tornar o ambiente da escola mais útil e agradável no tempo livre.

Essa experiência nos inspirou e motivou todos nós para que pensássemos além da nossa realidade, colocando em prática nossas idéias e vontades. Ao imaginar na escola, ambientes mais sociáveis para os estudantes no tempo livre, inventamos formas de relaxar, desfocar dos problemas e melhorar o convívio com os colegas.



BETIM - MAIO DE 2023

## AVALIAÇÃO DO PROJETO E DA EDUCAÇÃO FÍSICA



Ao encerrar os encontros da pesquisa, os estudantes foram convidados a responder um formulário, avaliando o que haviam aprendido ao longo desse percurso. Vinte estudantes responderam à sete questões que se referiam às suas impressões sobre os espaços de tempo livre no bairro, o tempo livre na escola e a relação das aulas de Educação Física com esses lugares. A estudante **Bruna Dias Costa**, da turma 902, analisou as respostas dos colegas e dividiu conosco a sua opinião:

"O projeto da nossa queridíssima Paola fez com que pensássemos 'fora da caixinha'. Nós avaliamos a escola em vários aspectos, desenvolvemos debates, fotografamos os espaços escolares onde poderíamos aproveitar o tempo livre, utilizamos o Google Earth... Enfim, só loucura!

Tá bom que, às vezes, fomos chamados de marmotas... Mas sabemos o quanto a professora (como marmota chefe), considera que nós e as marmotas somos igualmente adoráveis!

Na última atividade do projeto, nós estudantes, escrevemos as nossas opiniões, que as vezes são semelhantes, outras vezes divergentes:



Mas todos concordaram que a inovação nos espaços e na escola é uma pauta muito importante! Apesar de algumas pessoas considerarem este bairro 'o fim do mundo', existem vários espaços com mil e uma utilidades, ou seja, POSSIBILIDADES!

O projeto nos fez reavaliar muitos lugares; áreas sem ocupação, áreas com ocupação que podiam ser melhoradas e ambientes da escola sem finalidades específicas. Foi uma experiência onde a Educação Física nos fez exercitar nosso corpo e nossas mentes."

BETIM - MAIO DE 2023

## VISITA AO CEMEF/UFMG

Texto por Rayane Jully Gonçalves Braga



Fotos por Paola Oliveira Fonseca

As professoras Paola, Aline e Valéria, juntamente com os estudantes que participaram da pesquisa e os que participaram da Olimpíada Brasileira da Matemática (OBMEP), promoveram uma visita à Exposição **Mó Divertimento: Corpos e sensibilidades**, promovida pelo Centro de Memórias da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF).

A visita à exposição foi bem interessante e divertida, aprendemos muitas coisas sobre a história dos esportes, como a origem do basquete. Além disso, aprendemos sobre a Educação Física, sobre as Ginásticas e as atividades que as pessoas praticavam antigamente.

Nós também visitamos os espaços da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) na UFMG, como a sala de Ginástica, a parede de escalada, a biblioteca, entre tantos outros lugares que despertaram o nosso interesse por essas atividades diferentes.

Foi uma experiência muito boa, onde vimos coisas que, nos interessaram e influenciaram a propor outras ideias para a nossa escola.

BETIM - MAIO DE 2023

## A CONSTRUÇÃO DAS PROPOSTAS DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

Texto por Yasmin Vitória de Souza Bazílio,  
Gabriel Teixeira Rocha e  
Kaloã Costa Guerra



Fotos por Paola  
Oliveira Fonseca

Em 2023, os estudantes do nono ano que haviam participado da pesquisa em 2022, se reuniram com a professora Paola para debatermos e organizarmos um evento, onde todos pudessem conhecer nossas propostas, afim de aprová-las e implementá-las.

Foi necessário um segundo encontro, que ocorreu na arquibancada da quadra, onde relemos as nossas propostas e as reorganizamos, acrescentando novas ideias e possibilidades. Esse encontro deu origem a sete propostas muito boas e eficientes, relacionadas ao tempo livre na escola, seja no recreio, nos horários vagos por falta de professores, entre outros. Os espaços relacionados às aulas de projeto e a um mural para os estudantes, também fizeram parte das novas propostas.

BETIM - MAIO DE 2023

## PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO: O EVENTO

Texto por Yasmin Vitória de Souza Bazílio,  
Gabriel Teixeira Rocha e  
Kaloã Costa Guerra

No dia nove de março, logo após o recreio, reunimos toda a escola na quadra e apresentamos nossas propostas, o que foi bem divertido! As propostas receberam assinaturas de professores e dos estudantes de todas as turmas, do turno da manhã, o que fez do nosso evento um sucesso.

Hoje as propostas são uma realidade e fazem parte do nosso dia a dia, com atividades como música no recreio, jogos e esportes na quadra e fora dela, de um jeito organizado e sem brigas. Este projeto foi importante para todos os estudantes, pois trouxe a oportunidade de diversão e estudos, ocupando áreas da escola e aproveitando melhor os espaços.



Fotos por Paola Oliveira Fonseca e Rayane Jully Gonçalves Braga

BETIM - MAIO DE 2023



Texto por **Andrel Ferreira de Arruda**

Desenho por **Larissa da Silva Bastos**

No início de abril, conversamos com várias pessoas, para sabermos sobre as mudanças na nossa escola, sobre o modo como as propostas tem se encaixado no dia a dia dos estudantes e se tem sido realizadas conforme o combinado. Um total de 31 estudantes do 5º ao 9º ano participaram da nossa entrevista. Confira agora as suas respostas:

Quando perguntamos o que os estudantes acharam do planejamento participativo, a maioria considerou legal e interessante. Apenas dois estudantes consideraram ruins.

Ao perguntar o que acharam das propostas apresentadas no Planejamento Participativo, um estudante afirmou não achar nada, dois estudantes consideraram as propostas ruins, no entanto, a maior parte das pessoas considerou as ideias apresentadas como legais e interessantes.

Sobre a implementação das propostas, cinco estudantes afirmaram que nada mudou; três estudantes consideraram ruins; vinte e dois estudantes consideraram que a implementação foi legal e interessante.

Alguns estudantes do quinto ano se queixaram que, com a divisão dos recreios, eles não têm aproveitado a implementação das propostas do Planejamento Participativo, sugerindo que o recreio seja unificado novamente.



Escola Municipal Maria Elena da Cunha Braz

Edição especial do jornal ESTAÇÃO ICAIVERA: Planejamento Participativo

Produto educacional da dissertação de mestrado intitulada O EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA-ENSINO: Representações de estudantes sobre o espaço vivido no bairro Icaivera, na escola e na Educação Física, junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF/ pólo UFMG.

Desenvolvido pela professora Paola Oliveira da Fonseca, sob a orientação da Profa. A Dra. Meily Assbú Linhales

**Pesquisa, textos, seleção e produção de imagens**

Andrel Ferreira de Arruda  
Bruna Dias Costa  
Emilly Victória do Nascimento  
Gabriel Teixeira Rocha  
Gabriel Vieira Lopes de Oliveira  
Kaloã Costa Guerra  
Karen Sophia da Silva Soares  
Larissa da Silva Bastos  
Lavínia Leticia dos Reis Santos  
Maria Luiza Oliveira Silva  
Nayara Gabriela Silva Santos  
Nicolly Gabrielle Rocha  
Paola Oliveira Fonseca  
Rayane Jully Gonçalves Braga  
Yasmin Vitória de Souza Bazílio



**Projeto gráfico**

Editado através do Canva (ferramenta gratuita de design gráfico online), por Paola Oliveira Fonseca

**Revisão dos textos**

Simone Moraes

**Agradecimentos**

À Meily Assbú Linhales

À todos os estudantes que participaram da pesquisa-ensino

Às famílias que confiaram e permitiram a participação dos seus filhos e filhas neste projeto

À todos os professores que colaboraram para o desenvolvimento da pesquisa, do evento e do jornal

À direção da escola: Nícia Aires, Daniele Cristina Alves e Rodrigo Moreno

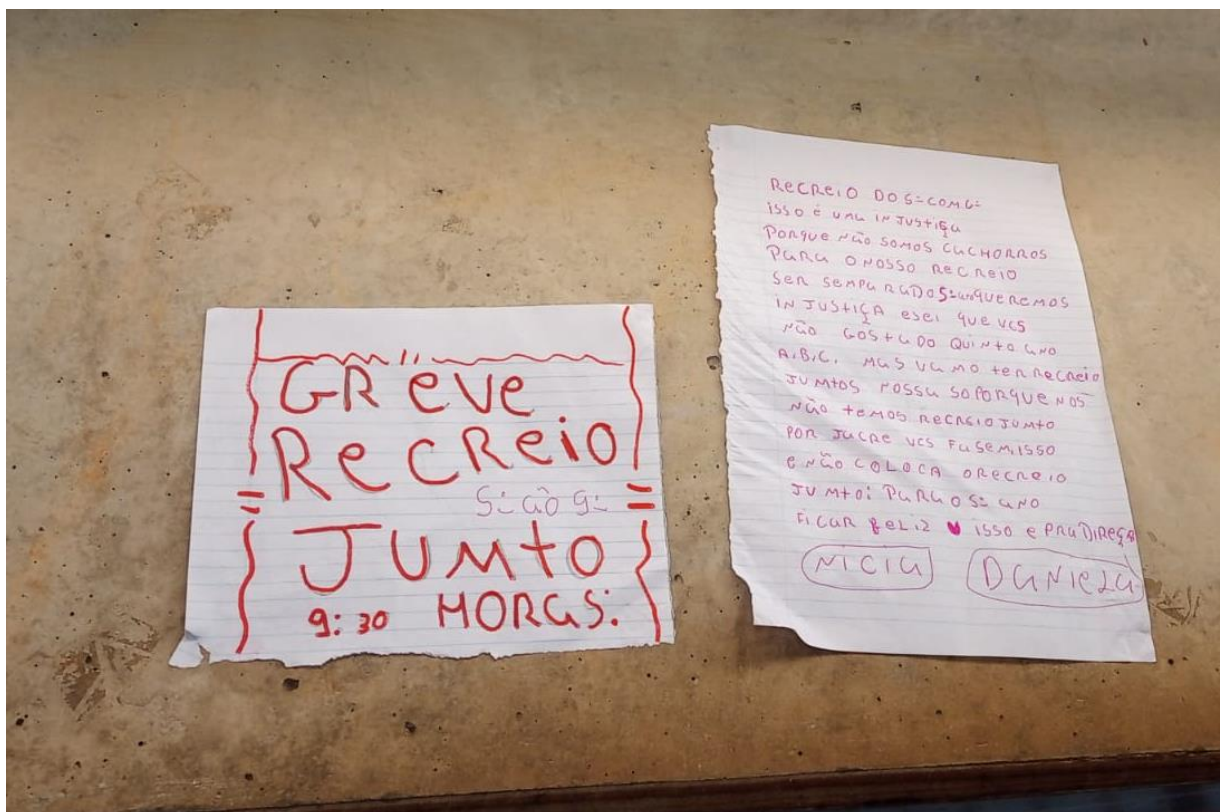
À Zara e aos estudantes que criaram o jornal Estação Icaivera, bem como a todos os colaboradores que tornaram possível o desenvolvimento e a distribuição das primeiras edições

**Homenagem**

À professora Nigistern Aline, pela parceria, pelo profissionalismo e pelo carinho com os estudantes dos nonos anos



APÊNDICE 12 – Imagem do cartaz referente à greve do recreio promovida pelo  
5º ano do ensino fundamental



Fonte: acervo pessoal da autora (2022)